

Luciene Francisco Vieira
Wender Faleiro

**A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA
FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA
EDUCAÇÃO DO CAMPO: em foco as músicas
do compositor popular Antônio Baiano**



**A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA
FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA
EDUCAÇÃO DO CAMPO: em foco as músicas
do compositor popular Antônio Baiano**



CONSELHO EDITORIAL

Presidente

Antonio Almeida (in memoriam)

Coordenação da Editora Kelps

Waldeci Barros

Leandro Almeida

Conselho Editorial

Prof. Dr. Angel Marcos Dios (Universidad Salamanca – Espanha)

Prof. Dr. Antonio Donizeti Cruz (UNIOESTE, PR)

Profa. Dra. Bertha Roja Lopez (Universidade Nacional do Peru)

Profa. Dra. Berta Leni Costa Cardoso (UNEB)

Escritor Brasigóis Felício (AGL)

Prof. Dr. Divino José Pinto (PUC Goiás)

Profa. Dra. Catherine Dumas (Sorbonne Paris 3)

Prof. Dr. Francisco Itami Campos (UniEVANGÉLICA e AGL)

Prof. Dr. Iêdo Oliveira (UFPE)

Profa. Dra. Ivonete Coutinho (Universidade Federal do Pará)

Profa. Dra. Lacy Guaraciaba Machado (PUC Goiás)

Profa. Dra. Maria de Fátima Gonçalves Lima (PUC Goiás e AGL)

Profa. Dra. Maria Isabel do Amaral Antunes Vaz Ponce de Leão

(Universidade Fernando Pessoa. PT)

Escritora Sandra Rosa (AGNL)

Profa. Dra. Simone Gorete Machado (USP)

Escritor Ubirajara Galli (AGL)

Escritor revisor

Prof. Me. Antônio C. M. Lopes

Luciene Francisco Vieira
Wender Faleiro

**A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA
FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA
EDUCAÇÃO DO CAMPO: em foco as músicas
do compositor popular Antônio Baiano**

Goiânia – Go
Kelps, 2020

Copyright © 2020 by Luciene Francisco Vieira, Wender Faleiro.

Editora Kelps

Rua 19 n° 100 — St. Marechal Rondon- CEP 74.560-460 — Goiânia — GO

Fone: (62) 3211-1616 - Fax: (62) 3211-1075

E-mail: kelps@kelps.com.br / homepage: www.kelps.com.br

Projeto gráfico: Alcides Personi

designer.personi@gmail.com

CIP - Brasil - Catalogação na Fonte

DARTONY DIOCENT. SANTOS - CRB-I (1ª Região) 3294

V658 Vieira, Luciene Francisco.

A educação ambiental na formação de professores da educação do campo: em foco as músicas do compositor popular Antônio Baiano. - Luciene Francisco Vieira, Wender Faleiro - Goiânia / Kelps, 2020

244 p.: il.

ISBN: 978-65-5859-088-0

1. Educação ambiental. 2. Análise. 3. Ensino. 4. Aprendizagem.
5. Meio ambiente. I. Baiano, Antônio. II. Título.

CDU: 372.85 + 504

DIREITOS RESERVADOS

É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização prévia e por escrito dos autores. A violação dos Direitos Autorais (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

2020



*Dedicamos esse livro a Antônio Baiano
e à todos - homens e mulheres
jovens, idosos e crianças...
que lutam diariamente por
um mundo melhor para TODOS!*

*Agradecemos à Prof. Dra. Selma Martines Peres
e ao Prof. Dr. Ulysses Rocha Filho pelas leituras e
contribuições a esse trabalho!*

SOBRE OS AUTORES

Luciene Francisco Vieira – licenciada em Letras Português pela UFG – Regional Catalão; Tecnóloga em Gestão Ambiental pelo IFG – Campus Urutaí; mestre em Educação pela UFG- Regional – Catalão. Atualmente é professora efetiva do estado de Goiás no Colégio Estadual Dr. Vasco dos Reis Gonçalves. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa e Extensão em Ensino de Ciências e Formação de Professores – GEPEEC. E-mail: lucienevieir@hotmail.com

Wender Faleiro - Licenciado e Bacharel em Ciências Biológicas, licenciado em Pedagogia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU); mestre em Ecologia e Conservação de Recursos Naturais e Doutorado em Educação pela UFU. Pós Doutor em Educação (ênfase Educação do Campo) pela PUC-GO. Atualmente é Professor da Unidade Acadêmica Especial de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão. Líder Grupo de Pesquisa e Extensão em Ensino de Ciências e Formação de Professores – GEPEEC e Vice-Líder Núcleo de Extensão e Pesquisa em Educação e Desenvolvimento do Campo – NEPCampo. E-mail: wender.faleiro@gmail.com

LISTA DE SIGLAS, ABREVIATURAS E ACRÔNIMOS

AEFA - Escolas famílias Agrícolas do Estado de Goiás
APP - Área de Preservação Permanente
CEBI - Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos
CEBs - Comunidade Eclesial de Base
CGEA - Coordenação-Geral de Educação Ambiental
CNBB - Comissão Nacional dos Bispos do Brasil
CNE - Conselho Nacional de Educação
CNUMAD - Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento
CPT - Comissão Pastoral da Terra
Cresol - Cooperativo de Crédito Solidário da Região da Estrada de Ferro
CSRO - Centro Social Comercial de Orizona
EA - Educação Ambiental
Efaori - Escola Família Agrícola de Orizona
EFAs - Escolas Famílias Agrícola
EFAU - Escola Família de Uruaçu
Expoefa - Exposição das Escolas Família
Fetaeg - Federação dos trabalhadores na Agricultura do estado de Goiás
IES - Instituição de Ensino Superior
IFGoiano - Instituto Federal Goiano
INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
L - Letra
MEC - Ministério da Educação
MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
ONU - Organização das Nações Unidas
PNEA - Política Nacional de Educação Ambiental
Pronera - Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária
PT - Partido dos Trabalhadores
Seduce - Secretaria de Educação
Semam - Secretaria do Meio Ambiente
Sisnama - Sistema Nacional do Meio Ambiente
UEG - Universidade Estadual de Goiás
UFG - Universidade Federal de Goiás
UNEFAB - União Nacional das Escolas Famílias Agrícola no Brasil
Unesco - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura
UR - Unidade de Registro
URE - Unidade de Registro Emergente

SUMÁRIO

PREFÁCIO

A MÍSTICA DE ANTÔNIO BAIANO: UMA ESCUTA DOS CLAMORES DA TERRA 11

PASSO A PASSO, FAZEMOS CAMINHO... 17

CAPÍTULO 1

TRILHAS TEÓRICAS METODOLÓGICAS: CAMINHANDO... TRAZ A CERTEZA DA CONQUISTA DO SEU CHÃO 26

1.1 CARACTERIZAÇÃO 26

1.2 Procedimentos de investigação..... 35

1.3 Histórico da Educação Ambiental: *E a humanidade excluída/ chora arrependida a devastação...* 44

1.4 A Educação Ambiental no Brasil: o que a lei determina 48

CAPÍTULO 2

BIOGRAFIA DE ANTÔNIO BAIANO – UMA VIDA EM FORMA DE POESIA..... 54

2.1 A militância de Antônio Baiano 65

2.2 A música na vida de Antônio Baiano 71

2.3 Antônio Baiano nos dias de hoje..... 77

CAPÍTULO 3

A CANÇÃO DE ANTÔNIO BAIANO COMO EXPRESSÃO DE LUTA, RELIGIOSIDADE E AMOR PELA NATUREZA: *A TERRA É SAGRADA, FEITA POR NOSSO SENHOR*..... 84

3.1 Clamando pela posse da terra... O clamor pelo direito a terra nas músicas de Antônio Baiano.....	92
3.2 “E a gente não vai aguentar/ viver sem a vegetação...” A natureza nos versos de Antônio Baiano.....	100
3.3 “E o governo inventado por nossa televisão/ faz o povo aplaudir sua mordomia...” O poder político que aliena e explora: uma denúncia presente nas letras de Antônio Baiano	107
3.4 “Vamos caminhar em romaria/ vamos caminhar com o teu povo!”: o ritual e a mística como fonte de saber popular.....	116
3.5 “Que canto tristonho e doído/ saído do meu coração...”: o amor nas canções de Antônio Baiano	123
3.6 “Eu peço pra você que sonha/ nunca vá fumar maconha”: versos de conscientização e orientação contra o uso das drogas.....	124
3.7 A Educação do Campo cantada por Antônio Baiano.....	125

CAPÍTULO 4

“EU CANTO DEFENDENDO A ÁRVORE...” MEU CANTO ME LEVA A REFLETIR E CONVIDA VOCÊ A PENSAR E A ANALISAR.....	128
--	-----

4.1 Canções com temática <i>Luta Pela Terra (URE criadas por Luciene Francisco Vieira)</i>	132
--	-----

CAPÍTULO 5

ANÁLISE DOS FRAGMENTOS TEXTUAIS ENQUADRADOS POR UNIDADE DE REGISTRO EMERGENTE (URE).....	144
--	-----

5.1 Canções com temática <i>Ambiental</i>	144
---	-----

5.2 “Clamando pela posse da terra...” O clamor nas canções de Antônio Baiano.....	153
---	-----

5.3 O olhar dos professores sobre as canções de Antônio Baiano	178
--	-----

5.3.1 Caracterização dos professores, a formação continuada e Educação Ambiental	179
--	-----

5.3.2 A execução das leis de EA dentro do curso de Educação do Campo.....	185
5.3.3 Concepção dos professores sobre as canções de Antônio Baiano em relação à EA.....	192
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	200
REFERÊNCIAS.....	204
ANEXOS	
ANEXO I – LETRAS DO CD <i>EM CANTO PELA TERRA</i>	212
ANEXO II – LETRAS DO CD <i>HORIZONTES</i>	229

PREFÁCIO



A MÍSTICA DE ANTÔNIO BAIANO: UMA ESCUTA DOS CLAMORES DA TERRA

O mundo vive, atualmente, um alarmante estado de pandemia. Fomos forçados a nos distanciar socialmente, e, em alguns casos, a nos isolar em nossas casas. O mundo foi forçado a frear. O mundo não, o homem.

A sabedoria dos nossos povos originários nos revela, com clareza, o que se passa. Davi Kopenawa já dizia, há anos atrás:

A floresta está viva. Só vai morrer se os brancos insistirem em destruí-la. Se conseguirem, os rios vão desaparecer debaixo da terra, o chão vai se desfazer, as árvores vão murchar e as pedras vão rachar no calor. A terra ressecada ficará vazia e silenciosa. Os espíritos *xapiri*, que descem das montanhas para brincar na floresta em seus espelhos, fugirão para muito longe. Seus pais, os xamãs, não poderão mais chamá-los e fazê-los dançar para nos proteger. Não serão capazes de espantar as fumaças de epidemia que nos devoram. Não conseguirão mais conter os seres maléficos, que transformarão a floresta num caos. Então morreremos, um atrás do outro, tanto os brancos quanto nós. Todos os xamãs vão acabar morrendo. Quando não houver mais nenhum deles vivo para sustentar o céu, ele vai desabar. (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 5).

O livro, que é resultado de décadas de colaboração com o antropólogo Bruce Albert, traz como título: “A queda do céu” – explicação certa do que sentimos hoje. Estamos mobilizando nossos exércitos de pesquisadores para tentar nos proteger das “fumaças de epidemia

que nos devoram”. E essas fumaças transformaram a terra em um caos, como previa Kopenawa: as desigualdades sociais se acirraram, a morte tem assolado todos os países do globo, e o homem, impotente, parece ver o céu desabar sobre sua cabeça.

Tudo isso é consequência da destruição que há séculos vimos impingindo ao planeta em nome do que se idealizou como “progresso”. Ailton Krenak (2020) nos alerta sobre a separação ideológica que fizemos entre “humanidade” e “natureza”: trata-se de uma distinção abstrata e falaciosa, visto que nós somos essa natureza viva que destruímos. Krenak afirma que

Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade e nos alienamos desse organismo de que somos parte, a Terra, passando a pensar que ela é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo que exista algo que não seja natureza. Tudo é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza (KRENAK, 2020, p. 8).

Note que este entendimento não é uma novidade: o Cacique Seattle, em um discurso que acredita-se ter sido proferido em 1854 como uma resposta à oferta do presidente americano para “comprar” uma grande área de território indígena, já afirmava que “Tudo está ligado, como o sangue que une uma família. Todas as coisas estão ligadas”. E continua ensinando que “Tudo o que acontece à Terra, acontece aos filhos da Terra. Se os homens cospem no chão, eles cospem em si mesmos”.

Assim, Krenak – mais de 160 anos depois – nos exorta a compreender que “não somos o sal da terra”, que “há muita vida além da gente”, que “não fazemos falta na biodiversidade”. E afirma que “somos piores que a Covid-19” (KRENAK, 2020, p. 7).

Para ele, esse vírus é “um organismo do planeta respondendo a esse pensamento doentio dos humanos com um ataque à forma de vida insustentável que adotamos por livre escolha, essa fantástica liberdade que todos adoram reivindicar, mas ninguém se pergunta qual o seu preço” (KRENAK, 2020, p. 6).

Krenak (2020) faz uma belíssima metáfora desse momento de crise:

O que estamos vivendo pode ser a obra de uma mãe amorosa que decidiu fazer o filho calar a boca pelo menos por um instante. Não porque não goste dele, mas por querer lhe ensinar alguma coisa. “Filho, silêncio”. A Terra está falando isso para a humanidade. (KRENAK, 2020, p. 9).

Nunca ficou tão evidente a urgência de um projeto de Educação Ambiental para o mundo. Um projeto que se desprenda das letras da lei e se materialize de fato em nossas vidas cotidianas. Um projeto que parta de uma escuta atenta aos chamados da Mãe Terra, a Pachamama, e aos avisos daqueles que, sempre próximos a ela, já a escutam desde sempre.

A educação do campo tem, em sua gênese, a proposta de ouvir a população campezina. Nascimento (2006, p. 1) a entende como uma tentativa de construir uma educação popular a partir dos camponeses, de suas memórias coletivas, da sua realidade e dos anseios de cada localidade. Nessa tentativa, a arte pode ser explorada como propulsora de reflexões, denúncias e como um potente instrumento de luta diante do cenário em que alunos e professores estão inseridos. Moscal (2010) corrobora, refletindo sobre a música no Movimento Sem Terra:

A música no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra cria caminhos, possui agência, está na marcha, comunica a luta, é embebida da tradição da terra e também flui em outros espaços, quando fala ao corpo ou expressa emoções como o amor. Inspiração apresenta-se como uma categoria imersa na individualidade, mas sua expressão tem nas interações sociais temáticas e linguagens (MOSCAL, 2010, p. 9).

Esta é a proposta deste livro: ouvir o canto de um campezino, o inspirador Antônio Baiano, e utilizá-la com todo o seu impulso educativo, prenehe de reflexões, de denúncias, de lamentos, de gritos de esperança e por justiça.

O foco está na letra das canções, que são vistas pelo próprio Antônio Baiano como “metodologia de formação”, uma “mística, no sentido de fazer arrepiar, dar sentido ao nosso discurso racional”.

A experiência mística é uma ruptura da consciência ordinária, ocorre com o êxtase da razão em que a mente transcende seu estado habitual: a razão, sem negar a si mesma e, portanto, sem abandonar o homem à pura emocionalidade irracional, transcende a condição normal da racionalidade infinita (GUERRA, 1988, p. 575).

É justamente o que propõe Antônio Baiano com suas canções: “ir além de onde nossos pés pisam”. O sentido da mística está presente em sua concepção de educação popular, “um espaço que deve ser construído com a razão e a emoção, com o conhecimento empírico e com os conhecimentos acadêmicos”. Sua música pretende, segundo ele afirma, “fazer essa costura de maneira mais leve, lúdica”.

Este livro torna-se, ainda, um convite para que também aspectos musicais sejam trabalhados a partir das canções de Antônio Baiano. A partir do estudo das letras, aqui proposto, e da inspiradora história de vida do compositor, professores de música podem pensar em tanto na criação de arranjos, como na escrita de novas canções, manipulando materiais sonoros característicos do campo na criação de caracteres expressivos que, uma vez organizados, darão forma a essa grande mística que motiva a transformação e o engajamento na luta social.

Antônio Baiano é uma personalidade ímpar, que contribui não somente para a educação do campo, mas para a educação de maneira mais ampla, celebrando a mística que transforma o indivíduo em um coletivo de sujeitos em busca da emancipação (COMERLATTO, 2010, p. 191).

Antônio Baiano não é um indiferente ao que ocorre ao seu redor. É alguém que vive e toma partido. Como denuncia Gramsci (2017, s.p.):

Quem verdadeiramente vive não pode deixar de ser cidadão, e partidário. Indiferença é abulia, parasitismo, covardia, não é vida. Por isso odeio os indiferentes.

A indiferença é o peso morto da história.

A indiferença atua poderosamente na história. Atua passivamente, mas atua.

O que acontece, o mal que se abate sobre todos, o possível bem que um ato heroico (de valor universal) pode gerar, não se fica a dever tanto à iniciativa dos poucos que atuam quanto à indiferença, ao absentismo dos outros que são muitos. O que acontece, não acontece tanto porque alguns querem que aconteça quanto porque a massa dos homens abdica da sua vontade, deixa fazer, deixa enrolar os nós que, depois, só a espada pode desfazer, deixa promulgar leis que depois só a revolta fará anular, deixa subir ao poder homens que, depois, só uma sublevação poderá derrubar.

A vida de Antônio Baiano contagia a todos a tomar partido: o partido da justiça, o partido da igualdade, o partido da Terra. Possui a força de fazer com que os outros, que são muitos, tomem posse de suas vontades e desejos, e contribuam para alterar o curso da história.

Que a leitura deste livro possa sensibilizar e mobilizar a todos e todas nessa luta, nos conduzindo na escuta do que o mundo pede de nós: “dignidade e cuidado”. Que, pelos versos de Antônio Baiano, possamos nos unir e lutar por outro mundo: um mundo sustentável, um mundo de respeito, acolhimento e compartilha, um mundo melhor. E, assim, ao escutar os pedidos da Mãe Terra, logremos evitar a queda do céu.

Prof. Dr. Marcus Vinícius Medeiros Pereira

Faculdade de Educação

Universidade Federal de Juiz de Fora

Juiz de Fora, 02 de julho de 2020.

Referências

COMERLATTO, Giovani Vilmar. *A dimensão educativa da mística na construção do MST como sujeito coletivo*. 210f. Tese (Doutorado em Educação). Porto Alegre: UFRGS, 2010.

GUERRA, S. Mística. In: *Dicionário Teológico O Deus Cristão*. São Paulo: Paulus, 1988, p. 574 – 586.

GRAMSCI, Antonio. Os indiferentes. In: *La città futura*. 2017. Disponível em: <https://www.marxists.org/italiano/gramsci/17/cittafutura.htm#c> Acesso em 01 de maio de 2018.

MOSCAL, Janaína. De Luta, Inspiração e Amor: a música no movimento dos trabalhadores rurais sem terra. *Música e Cultura*, v. 5. Florianópolis: UFSC, 2010, p. 1 – 10.

NASCIMENTO, Claudemiro Godoy do. Educação e Cultura: as escolas do campo em movimento. *FRAGMENTOS DE CULTURA*, Goiânia, v. 16, n. 11/12, p. 867-883, nov./dez. 2006.



PASSO A PASSO, FAZEMOS CAMINHO...

O mundo passa por várias transformações sociais, econômicas e ambientais. No que tange às problemáticas ambientais, elas têm ocorrido de forma desenfreada e têm levado a sociedade civil a repensar suas ações, e dela cobrado posições mais severas e rápidas dos setores governamentais. Devido às perdas sofridas e às mudanças climáticas que estão ocorrendo de forma cada vez mais rápida, muitas conferências, reuniões e leis têm sido criadas para se discutir formas de amenizar ou diminuir essa problemática. Um exemplo são ações voltadas à educação.

No âmbito da educação, na Conferência de Tbilisi, ainda no ano de 1977, já se alertava para a necessidade de se trabalhar com a Educação Ambiental (EA). Nessa Conferência a EA foi compreendida como princípio de tomada de consciência, conhecimentos, atitudes, habilidades e também de capacidade de avaliação e participação (SORRENTINO, 1998, p. 24). Nela ficou definida a importância de se trabalhar a EA tanto em espaços de ensino formais, quanto informais e não formais.

Para nos ajudar a definir tais espaços, utilizamos a definição de Leonardi (1999, p. 445), que define “ambientes formais” como sendo as escolas, os “não formais”, exemplificados pelos sindicatos, ONGs, empresas, secretarias de governo, associações de classe, museus, zoológicos, igrejas; e, *informais*, meios de comunicação. A EA pode e precisa ser trabalhada nesses vários ambientes, como forma de conscientização e conhecimento, seja por meio lúdico ou meio formal de ensino.

O grande marco da EA em espaços não formais, segundo Gohn (2008, p. 104), foi no início da década de 1990, em que as grandes transformações no cenário político, econômico e social, bem como a grande demanda de pessoas qualificadas para o mercado de trabalho, fizeram com que as aprendizagens de habilidades extraescolares se tornassem muito importante na formação de sujeitos para o novo mundo.

No Brasil a EA é definida pela lei nº 9.795/1999 como sendo “os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente”. Pode-se perceber que a EA, mesmo sendo colocada como forma de conservação, de preservação, não exime a importância do ser humano como corresponsável, tanto no campo individual, quanto no campo coletivo, pelas questões ambientais e de sustentabilidade, ou seja, pela atuação em seu meio, com ações efetivas em prol do meio ambiente.

O artigo 13, dessa mesma lei, trata do âmbito não formal da Educação Ambiental, definindo-o como “as ações e práticas educativas voltadas à sensibilização da coletividade sobre as questões ambientais e à sua organização e participação na defesa da qualidade do meio ambiente”. Partindo-se do princípio de que a EA pode ser trabalhada, tanto nos âmbitos formal quanto informal, é que se volta o olhar para os sujeitos e seus meios. Muito do que se tem de produção, que pode ser utilizado como subsídio para práticas de EA, é construído fora do ambiente escolar, por meio de vivências diárias, de participação em movimentos sociais, religiosos, e, até mesmo, diante da situação vivida.

A partir do pressuposto de que o homem é fruto do seu meio, o artista expõe ludicamente, por meio, por exemplo, da pintura, das artes plásticas e da música, aquilo que sente, vive e vê. A música, segundo Silva (2010, p. 08), “... é importante na vida dos seres humanos, ela tem um papel fundamental no processo de socialização”. Dessa forma, observa-se que o meio ambiente sempre foi/é retratado e relatado por muitos compositores. Nunes (2005, p. 41) diz que “... o meio ambiente é temática musical, e das artes em geral, acompanham as variações de representações que se desenvolvem ao longo dos anos.” A música é a expressão de sentimentos e emoções do ser humano, é denúncia, exerce um valor educacional, faz chorar e faz sorrir, mas, principalmente, faz refletir.

“A música está intrinsecamente relacionada a esse aspecto social, ela pode ser estudada enquanto sua função representativa e sob a perspectiva de representações sociais” (NUNES, 2005, p. 50). A música é “... uma linguagem reflexiva-afetiva é uma expressão do pensamento afeti-

vo e sua função é simbólica que revela e traduz uma época, um fato, ou outro objeto qualquer” (MAHEIRIE, 2003, p. 148). O compositor extrai do ambiente em que vive a inspiração e elementos para fazer suas composições. Dentro da comunidade, dos movimentos sociais, a música se constitui numa expressão (num grito de socorro ou de esperança) pela busca dos direitos do povo.

A EA é um tema amplamente discutido, contudo, muitas vezes, é trabalhada em desacordo com a lei nº 9.795/99, tendo em vista a necessidade de a EA ser realizada de forma politizada e crítica, para que o aluno vá além da sala de aula e coloque em prática o que foi aprendido. Logo, a análise do conteúdo, assim como do discurso das músicas de Antônio Baiano, promoverão a melhoria da forma de se trabalhar com a Educação Ambiental na Formação de Professores da Educação do Campo, habilitação em Ciências da Natureza.

Reforçamos que esta pesquisa é relevante devido à carência de estudos nessa temática. Encontramos na BDTD e SCIELO apenas um artigo que tratou de análises de músicas de temática ambiental, e uma dissertação, porém, nenhum desses estudos se referia a cantores populares, bem como trazia a valorização do compositor e cantor popular, que é militante de causas camponesas, sociais e ambientais. Também não encontramos algum que verse sobre a formação docente, promoção da arte popular no ensino da EA em espaços não formais, formais e informais de ensino, onde esses futuros professores de Ciências da Natureza irão atuar.

Delimitando o objeto e os objetivos

A Educação Ambiental é um tema muito discutido, tanto por instituições governamentais como não governamentais, devido ao aumento de problemas ambientais que cercam nosso planeta, e que têm modificado o meio ambiente de forma rápida, trazendo consequências muito graves para toda a população mundial. A Educação Ambiental é um tema antigo. Relatos afirmam que os gregos já tratavam do tema *natureza*, vendo-a não

como um elemento isolado, mas sim, que o ser humano vivia em conexão com os outros seres (PEREIRA; GUERRA, 2011, p. 02).

No Brasil, há vários fatos que marcaram a trajetória da EA. Ao contextualizarem a relação homem/meio ambiente, Pereira e Guerra (2011, p. 02) fazem a seguinte explanação:

Esta realidade decorre, na opinião da maioria dos especialistas em educação, de visões de mundo fragmentadas, construídas ao longo da história, as quais reproduzem de forma inconsequente a relação que o ser humano vem mantendo no modo capitalista de desenvolvimento de exploração da natureza e de outros seres humanos, o que configura uma concepção antropocêntrica e utilitarista do mundo e do ambiente em que vivemos. (PEREIRA; GUERRA, 2011, p. 02)

O mundo passa por uma crise ambiental e uma crise de valores em função de um modelo insustentável de extração de bens e serviços da natureza, produção e descarte de resíduos, provocando a injustiça social, o que exige de nós uma reflexão-ação (PEREIRA; GUERRA, 2011). Reflexão essa que nos leva a pensar como tem sido nossa relação com a natureza, e como o modelo capitalista tem levado à destruição do meio ambiente, e, conseqüentemente, à nossa autodestruição e individualização, nos impelindo a esquecer de que fazemos parte de uma comunidade onde um depende do outro para sobreviver. Nesse sentido, Boff (2002, p. 96) afirma que:

A sociedade neoliberal levou até as últimas conseqüências esta visão. Por isso, os governos administram desigualmente os bens públicos, privatizam, planejam políticas públicas e sociais pobres para os pobres e ricas para os ricos e poderosos, sejam indivíduos, empresas ou classes; atendem primeiramente a seus interesses, garantem seu tipo de consumo e são atentos às suas expectativas. Não os incentivam a olhar para os lados onde estão os outros e, assim, fazer e refazer continuamente a solidariedade social.

Os atuais governos não realizam políticas que pensam no bem comum, no cuidado com o outro e com a natureza. Ainda, segundo Boff (2002, p. 96):

A sociedade mundial, hoje promove a globalização como homogeneização: um só pensamento, um só modo de produção (o capitalista), um só tipo de mercado, um só tipo de religião (o cristianismo), um só tipo de música (rock), um só tipo de comida (*fast food*), um só tipo de executivo, um só tipo de educação, um só tipo de língua (o inglês), etc. (BOFF, 2002, p. 96)

Novamente, em consonância com Boff, é necessário que ajamos de tal maneira que nossas ações não sejam destrutivas da *Casa Comum*, a Terra, e de tudo que nela vive e coexiste conosco. O pensador aconselha “Cuida de tudo, porque o cuidado faz tudo durar muito mais tempo, protege e dá segurança” (BOFF, 2002, p. 97). Precisamos consumir para viver, e com solidariedade com o outro, respeitando as coisas e entrando em comunhão com elas, porque elas são nossas companheiras e companheiros. Entra aí o que Leonardo Boff chama de “Ética do Cuidado”. Quem cuida preserva para si e para o outro.

A Educação Ambiental deve ser vista não apenas como uma prática pedagógica, mas sim como uma educação que leve os cidadãos à participação de discussão sobre os problemas ambientais e de busca de soluções. Reigota (2007, p.11) considera que:

[...] a Educação Ambiental deve estabelecer uma “nova aliança” entre a humanidade e a natureza, uma “nova razão” que não seja sinônimo de autodestruição e estimular a ética nas relações econômicas, políticas e sociais.

A EA vai além da sala de aula, ela deve despertar uma nova forma de ver da relação do homem com a natureza, uma relação de cuidado e de respeito, de ética e não de destruição, uma relação que esteja conectada a toda a vivência do ser humano no seu dia a dia, no seu trabalho, en-

fim, em todas as suas atividades. Que a formação dos professores e alunos permita que tenhamos um espírito crítico para ver o meio ambiente como parte de si, e que, por esse motivo, deve ser cuidado e preservado.

No Brasil foram promovidos diversos encontros sobre EA, e, no Encontro Nacional de Políticas e Metodologias para EA Ministério da Educação/Secretaria do Meio Ambiente (MEC/SEMAM, 1991), promovido pelo MEC e pela SEMAM, os participantes adotaram algumas propostas. Dias (1994, p. 95) traz essas propostas divididas em vários temas, dentre elas, o autor sugere que a EA tenha como princípios:

A formação de opinião para conservação da vida, em todas as suas dimensões, no planeta Terra; resgate da memória histórica, cultural, antropológica e geopolítica na perspectiva do exercício da cidadania e da participação na construção de uma sociedade justa e democrática.

A EA, na opinião de Dias (1994, p. 96) e dos membros desse encontro, deve ser trabalhada para a formação do cidadão crítico. As músicas do compositor e cantor Antônio Baiano, protagonista deste estudo, trazem, em seu contexto, reflexões críticas a respeito da destruição da natureza, do interesse capitalista do agronegócio, da luta pela terra e da expressão religiosa. São músicas que levam a reflexões e questionamentos. Fregtman (1994, p. 101 *apud* Nunes, 2005, p. 41) expõe que:

[...] a música como um fenômeno tão arraigado no ser humano desde as suas origens que impregna todos os espaços das ações humanas, incluindo os aspectos da filosofia da natureza, da ecologia e da própria ciência. A música é concebida como expressão do meio ambiente tanto no âmbito do micro, do ser humano e de suas ações, tanto no macrocósmico, como uma expressão da harmonia do universo.

A música retrata a relação do homem com a natureza, comunica conhecimentos, valores culturais que possibilitam prazer e o reconhecimento de um momento histórico, social, político e ambiental. Dentre

as modalidades musicais, uma que se destaca em relação à divulgação cultural é a música popular, feita por pessoas de comunidades simples, que vivem no meio de um folclore e de uma cultura extremamente rica. Mário de Andrade, citado por Neder (2010, p. 183), explicava o termo “música popular” da seguinte forma:

O termo *música popular* se referia às músicas das comunidades rurais tradicionais, e ele o opunha à *música popularesca*, urbana e midiaticizada, exatamente aquela que, hoje, é mais geralmente compreendida como *música popular*. A maneira pela qual Mário entendia a *música popular* (tradicional) estava imbricada em seu projeto político nacional e internacional. Ela teria responsabilidades no processo que, em sua visão, levaria o país do atraso à equiparação com os países *desenvolvidos*. (grifos do autor)

Assim, as músicas populares, feitas dentro das comunidades tradicionais, carregadas de folclore e religiosidade, precisam ser resgatadas e valorizadas. Sendo assim, ao conhecer o compositor e cantor Antônio Baiano, em uma de suas incursões no curso de formação continuada de professores *Escola da Terra*, no estado de Goiás, na cidade de Orizona, tivemos a clara percepção de que se tratava de um artista popular. Conhecemos Antônio Baiano e seus dois CDs, e sua participação, ao longo da vida, em diversos movimentos sociais, sua atuação na igreja católica, bem como o uso da música como forma de evangelizar, e também de ensinar os povos a lutar por seus direitos sociais, culturais e ambientais. Logo, esse homem do povo despertou em nós (pesquisadores) a curiosidade e a necessidade de estudarmos suas letras de músicas para serem utilizadas na EA.

Para saber mais sobre o tema, nós fizemos buscas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), utilizando, individualmente, as palavras *Educação ambiental*; *Música*; e *Análise de Discursos*. Inicialmente, a escolha do recorte temporal havia sido feita entre os anos de 2010 a 2018, e, após analisar os títulos do período, percebe-

mos que nada tinha a ver com aquilo que nos propusemos a fazer, pois, não havia nenhum autor que trabalhasse com análises de músicas com temática ambiental. Mudamos o recorte temporal para 2005 a 2010, e encontramos a dissertação de Talita Rodrigues Nunes, cujo título é *A influência da música sobre as representações sociais de meio ambiente no contexto de uma exposição científica*. Essa dissertação foi feita na Universidade Federal de Santa Catarina, no ano de 2005. É uma dissertação que analisa o uso da música como forma de relacionar e reforçar os conteúdos aprendidos. No decorrer da construção do projeto de pesquisa, tivemos a felicidade de fazermos um achado que nos ajudou na construção de nossa metodologia, na escolha das Urs, e, até mesmo, na nossa forma de analisar. Trata-se do artigo « Educação ambiental: a música como meio para expressar as noções de meio ambiente », publicado na revista *Revbea* e escrito por Camila Fernandes Duarte; Betina Herdt; Angelita Machado Soldan; Maristela Procidonio; Milena Mattoso da Costa e Luan César Grofoski, no ano de 2016.

Foi reconhecendo a importância da discussão sobre EA, a partir das letras de um cantor/compositor popular, e considerando que essa é uma questão ainda pouco estudada dentro da academia, que realizamos o presente estudo. Assim, com essas reminiscências, mesmo que apresentem limites, surge a pergunta: Como as letras das canções de Antônio Baiano discutem as causas ambientais, e qual seu potencial na formação de professores da Educação do Campo? Essa pergunta conduziu ao objetivo geral: analisar o conteúdo e as potencialidades das canções de Antônio Baiano, na promoção de Educação Ambiental na Formação de Professores da Educação do Campo, habilitação em Ciências da Natureza.

Assim, objetivos específicos foram: Identificar os conteúdos de Educação Ambiental presentes nas canções de Antônio Baiano; Avaliar as potencialidades das canções de Antônio Baiano para o processo de ensino-aprendizagem da Educação Ambiental na formação de professores de Ciências da Natureza; Escrever a biografia de Antônio Baiano e suas relações com as causas camponesas, sociais e ambientais; Identificar as formas e as potencialidades da utilização de canções populares no

processo de ensino-aprendizagem da Educação Ambiental na formação de professores de Ciências da Natureza.

Os referenciais teóricos foram construídos com base nos estudos do materialismo histórico dialético, Educação Ambiental, movimentos sociais, alienação, luta por terra, paradigma ecológico, análise do discurso, dentre outros. Valendo-nos, entre outros autores, de Marx (1996), Arroyo (2014), Freire (1987), Loureiro (2003) Capra (1996), Lowy (2013), Konder (2008), além da legislação brasileira sobre Educação Ambiental.

CAPÍTULO 1



TRILHAS TEÓRICAS METODOLÓGICAS: CAMINHANDO... TRAZ A CERTEZA DA CONQUISTA DO SEU CHÃO

A escolha de um caminho metodológico para a realização de uma pesquisa está relacionada aos interesses e princípios do pesquisador. O interesse por um objeto de estudo fundamentado por dados e informações já acumulados e os objetivos que se originam a partir de um problema promovem um conhecimento novo, sobre o tema pesquisado.

Dessa forma, neste primeiro capítulo, apresentamos o contexto da pesquisa e o método utilizado. Para tanto justificamos a seleção das instituições e professores, além de descrevermos os procedimentos para a obtenção da análise dos dados.

1.1 CARACTERIZAÇÃO

Uma pesquisa científica pressupõe ser pautada e construída a partir de um método científico. Nos estudos de Ciências Sociais, a investigação é validada por perspectivas teóricas que dão ao pesquisador uma visão de mundo, de sociedade e de homem. O método materialismo histórico dialético nos dá pressupostos e perspectivas de uma totalidade da sociedade. Segundo Sousa e Gonzaga (2014, p.141), “nesse aspecto, o método científico guia a compreensão do pesquisador e suas ações diante do fenômeno a ser desvendado de modo que se garanta a cientificidade”. Segundo Pereira e Francioli:

[...] o materialismo procura apoio na ciência, visto que a ciência nos proporciona a sabedoria que necessitamos para ver o mundo como ele realmente é. O materialismo também defende a superação da exploração da força de trabalho e das desigualdades sociais fixadas na sociedade capitalista. (PEREIRA; FRANCIOLI, 2011, p. 94)

Na pesquisa o cientista delinea o processo de apreensão e compreensão do real, de uma sociedade dividida em classes, em que há o poder capitalista que domina e as classes populares, o proletariado, que é dominado pelo capitalismo. O materialismo nos proporciona a oportunidade de ter um novo olhar sobre a sociedade e de superar as desigualdades sociais impostas pelo modelo capitalista. Ainda, para Pereira e Francioli:



Na perspectiva materialista, é preciso conhecer a sociedade e seus aspectos para trabalhar na superação das desigualdades sociais. Nesse sentido, o materialismo considera que na sociedade tudo está ligado à natureza, visto que o homem age sobre ela para produzir seus materiais de consumo, no entanto, não somos produtos da natureza, mas sim da história humana. (PEREIRA; FRANCIOLI, 2011, p. 94/95)

Nesse delineamento o pesquisador deve incluir as concepções teóricas e o conjunto de meios científicos. Para isso existem vários meios para se entender e explicar os fenômenos da realidade, mas a opção teórica e metodológica do pesquisador, em relação ao seu objeto de estudo, só é definida a partir de seu entendimento de ciência, de acordo com a sua posição filosófica e a sua postura política em relação ao mundo (SOUSA; GONZAGA, 2014, p. 140). Um mundo no qual vivemos, em que há o domínio do capitalismo e o interesse capitalista, tudo gira em torno do lucro e da alienação, lucro do dominador e alienação do dominado.

O método criado por Marx, Materialismo Histórico Dialético, segundo Sousa e Gonzaga (2014, p. 141), “se afirma na investigação cien-

tífica como método de explicitação científica da realidade social”. Ainda, segundo os autores supracitados, a grande particularidade desse método “consiste em analisar o movimento da sociedade a partir de posições filosóficas que envolvem relações entre os aspectos que caracterizam o desenvolvimento das forças motrizes da sociedade”. (GONZAGA, 2014, p. 141). O movimento dialético se dá através das contradições resultantes das lutas de classes, o que torna possível o movimento da história. Segundo Gomide:

O materialismo histórico-dialético enquanto enfoque metodológico busca entender o modo humano de produção social da existência vinculando-se, portanto, a uma concepção de realidade, de mundo e de vida. Parte do pressuposto que o universo e tudo o que nele há tem existência material, concreta, e pode ser racionalmente conhecido. E esse conhecimento que é produzido pelo sujeito, reproduz o real em suas múltiplas determinações com o objetivo de superar a aparência mediata das coisas e atingir a sua essência. (GOMIDE, 2014, p. 129)

De acordo com Gomide (2014, p. 129), “O homem, enquanto ser social e histórico, determinado por contextos econômicos, políticos e culturais, é o criador da realidade social e transformador desses contextos”. O ser humano passa por transformações na medida em que vai vivendo. Ele nunca é o mesmo. Sua convivência com outras pessoas faz com que ele mude o jeito de pensar e agir dentro da sociedade, da família, da religião, enfim, em todos os ambientes onde vive. O grande perigo é não haver, por parte desse homem, uma consciência de seus atos, muitos se tornam alienados e escravos da sociedade e de suas regras dominadoras.

O método delinea o caminho a ser seguido. É, segundo Souza e Gonzaga (2014, p. 140) “.. um conjunto de procedimentos lógicos, orientados por regras, e que visa orientar o pesquisador a alcançar um objetivo previamente elaborado”. Sendo assim, o método vai funcionar, na visão dos autores acima, como “guia na compreensão do pesquisador e suas ações diante do fenômeno a ser desvendado, de modo que se garanta cientificidade”. Porém, o método por si só não explica a si mesmo.

É necessário, segundo Gamboa, “[...] levar em conta os contextos teóricos e as condições histórico-sociais da produção destes e da pesquisa” (GAMBOA, 1996, p. 62).

O método dialético de Marx tem como centralidade o seu caráter material e histórico. O caráter material diz respeito à organização da sociedade para a produção e a reprodução da vida, enquanto a produção da vida material vai condicionar o processo da vida social, política e espiritual, em geral. Marx (2011) salienta, sobre seu método, que:

Meu método dialético, em seus fundamentos, não é apenas diferente do método hegeliano, mas exatamente seu oposto. Para Hegel, o processo de pensamento, que ele, sob o nome de ideia, chega mesmo a transformar num sujeito autônomo, é o demiurgo do processo efetivo, o qual constitui apenas a manifestação externa do primeiro. Para mim, ao contrário, o ideal não é mais do que o material, transposto e traduzido na cabeça do homem. (MARX, 2011, p. 129)

O método “materialismo histórico dialético”, que foi aperfeiçoado por Marx, é, segundo ele mesmo afirma, de acordo com a realidade, com o mundo material, com aquilo que realmente acontece.

O homem transforma a natureza para satisfazer suas vontades de consumismo, e, muitas vezes, a devastação feita por ele é para atender a vontade do capitalismo, e, nessa engrenagem, o trabalhador alienado transforma a natureza para o acúmulo de capital pela classe dominante. Segundo Souza e Gonzaga (2014, p. 142):

Marx chega a essa conclusão ao estudar a anatomia da sociedade burguesa e constatar que o fundamento para a sua compreensão deve ser buscado na economia política. Para ele, na produção social da própria existência os homens entram em relações determinadas, necessárias, independentes de sua vontade, e essas relações de produção correspondem, por sua vez, a um grau determinado de desenvolvimento de suas forças produtivas materiais.

A questão ambiental, basicamente, não existia nas reflexões intelectuais na época de Marx. Por isso, em suas obras, pouco se fala sobre essa questão. Os poucos escritos do pensador sobre a questão ambiental são compreensíveis, segundo Loureiro (2006, p. 15), “se levarmos em consideração que não se sofria as graves consequências da degradação dos espaços naturais e do meio em que se vivia como na atualidade”. Nos dias atuais, a natureza tem sofrido, cada dia mais, com a ganância humana. Florestas são destruídas, lixo é espalhado, rios são contaminados por esgotos domésticos. Marx questiona o fato de alguns se apropriarem da natureza para explorarem os outros homens, visando não à sobrevivência da espécie humana, mas sim o acúmulo do capital. A natureza, que era usada para a subsistência do homem, passou a ser considerada uma mercadoria, e, segundo Rodrigues e Guimarães (2011, p. 508):

No modelo societário vigente, a natureza, tendo utilidade para o ser humano, constitui-se mercadoria e passa a ter um valor atribuído socialmente, um valor de troca, e já que as relações sociais são materializadas nas relações entre as mercadorias, estas se tornam fetiches que ofuscam tais relações.

Por que a natureza passou a ser mercadoria? No sistema capitalista, o trabalho alienado se transforma em mercadoria, assim como o próprio homem, que vende sua força de trabalho. A natureza está sendo destruída para a obtenção de lucros, porque o homem é manipulado e determinado a consumir, com isso, alimentando o capitalismo. A natureza sempre foi usada pelo homem para a sua subsistência, foi a partir da criação de instrumentos modificados que o homem se tornou um ser social, um ser que, até então, vivia apenas com a sua família, sentiu a necessidade de viver em sociedade e compartilhar ideias e conhecimentos. Pereira e Francioli (2011, p. 94-95) argumentam que “o materialismo considera que na sociedade tudo está ligado à natureza, visto que o homem age sobre ela para produzir seus materiais de consumo, no entanto, não somos produtos da natureza, mas sim da história humana”. O aumento da sociedade capitalista e a necessidade de cada dia se obter

mais lucros fez com que o homem explorasse essa natureza além das necessidades de subsistência. Somos produtos da história da humanidade, que estabelece regras e valores a serem seguidos, uma história que sempre teve uma sociedade dividida devido aos interesses dos ricos, que não aceitam se igualar aos menos favorecidos, usando de todos os meios para conseguirem se manter no poder.

Mas, quando o homem se apropriou da natureza, e passou a dar valor econômico, ter posse e domínio sobre os territórios, por meio da propriedade privada, a relação mudou, a natureza deixou de ser uma fonte de subsistência e passou a ser fonte de enriquecimento da classe nobre. Segundo Pereira e Francioli (2011, p.95), “na medida em que o homem transforma a natureza para fabricar seus materiais de consumo, modifica-se a si mesmo porque suas necessidades também mudam”. Há, em Marx, uma discussão sobre a desvalorização humana a partir do momento em que há a valorização do mundo das coisas. O homem é visto como mercadoria, assim como seu trabalho, trabalho e trabalhador se tornam mercadorias (MARX, 2004, p. 80). A separação do ser humano do produto de seu trabalho trouxe como consequência: a separação homem/natureza. Segundo Rodrigues e Guimarães (2011, p. 508):

Nessa separação entre o ser humano e o produto de seu próprio trabalho, reflete-se a separação entre aquele e a natureza, até porque a natureza é a fonte dos valores de uso e, mormente, é sobre ela e sobre si mesmo que atua o ser humano com o trabalho.

A separação de classes “dominante” e “dominada”, tão falada em Marx, em que as chamadas relações sociais fizeram com que houvesse um novo tipo de relação do homem com a natureza, uma relação exploratória, na qual o homem a usa como mercadoria, como meio de ganhar dinheiro, sem se preocupar com as consequências da devastação, desde que ele se beneficie, consolidou-se de fato. Ao longo da história humana, a relação homem/natureza foi sendo modificada para atender aos interesses e necessidades da burguesia.

A ideia de progresso, que vem da burguesia, e o desejo de dominação modificaram a relação do homem com a natureza. “As relações sociais se materializam nas relações entre mercadorias e acabam se materializando nas relações com a natureza não há como desvincular a discussão ambiental da análise crítica e histórica acerca do modelo atual” (RODRIGUES; GUIMARÃES, 2011, p. 510).

Por meio do Materialismo Histórico Dialético, busca-se alcançar à essência das relações, dos processos e das estruturas, através da análise do objeto de estudo e das representações ideológicas ou teóricas construídas sobre tal fenômeno. Usar esse método em pesquisas na área da Educação é buscar desvendar a realidade estudada ao passo que seus resultados consistam também em meios teóricos que guiem as ações de transformação da realidade social. É um método de investigação que intervém nas condições da realidade social e tem comprometimento do sujeito com a realidade circundante, a buscar uma aproximação do real (SOUZA; GONZAGA, 2014, p. 145). O Materialismo Histórico Dialético é um método que se baseia na realidade, na sociedade como ela é, e não na sociedade idealizada, o que torna possível um conhecimento aproximado do que realmente acontece, e que propõe a transformação social através da superação do capitalismo. Quando se fala em método dialético, o caráter material e histórico é a centralidade desse método. Sousa e Gonzaga afirmam que:

O caráter histórico do método de Marx busca compreender como se organiza a sociedade historicamente, ao se procurar desvendar a realidade a partir das relações sociais estabelecidas pela humanidade. A história, para Marx, é um processo dialético e materialista da realidade que se desenvolve na objetividade, isto é, na realidade objetiva. (SOUSA; GONZAGA, 2014, p.142)

Quando pensamos num método científico para se trabalhar com a temática ambiental, especificamente, sobre Educação Ambiental, Cos-

ta e Loureiro (2015, p. 695) apresentam o porquê do vínculo entre EA e o método materialismo histórico dialético:

Concebemos que o vínculo entre a Educação Ambiental, a dialética marxista e a interdisciplinaridade, em sua fundamentação crítica, se mantém enquanto materialidade que contribua para a transformação da práxis, ao assumir a criticidade das suas proposições. Uma crítica que se relaciona à radicalidade das lutas sociais perante a expropriação material e relações sociais desiguais opressoras, visando à transformação.

O estudo da EA não pode ser separado da história. Esse estudo tem seu caráter social porque é influenciado pelas ações da sociedade. Costa e Loureiro (2015, p. 699) afirmam que:

É por meio de Marx e sua exposição, onde nela se realiza sua crítica, que buscamos sustentação teórico-metodológica de interpretação e explicação da realidade ambiental. Compreendemos que tal método possui relevante contribuição ao debate ambiental pelo sentido único que postula a relação sociedade-natureza (aspecto ontológico do ser social e histórico), bem como do entendimento crítico e reflexivo da questão ambiental, posto que permite estabelecer concretamente as determinações sociais dos problemas e conflitos ambientais. Situamos que a dialética marxista é um instrumento de entendimento e ação na realidade, se constituindo numa visão de humanidade, sociedade, natureza e mundo que não separa sociedade-natureza. (COSTA; LOUREIRO, 2015, p. 699)

Sendo assim, o caminho metodológico selecionado visa entender a realidade e trazer contribuições e proporcionar uma discussão sobre a necessidade da superação do capitalismo para a preservação da vida na terra, pois, devido ao consumismo exagerado e à ambição da classe dominante pelo lucro, a natureza será destruída. Nesse sentido a esco-

la tem papel fundamental para o debate sobre as questões ambientais, e, principalmente, de explicitar a importância de ver a sociedade e a natureza juntas e não como dois elementos separados, em que um sobrepõe o outro. “Na pesquisa ambiental, o materialismo é um aparato teórico para educadores e educadoras que buscam alternativas viáveis e socialmente justas por meio de uma *práxis* educativa” (LOUREIRO et al. 2009, p. 208).

Nessa direção, o método proporciona estudar a obra de Antônio Baiano, alcançando os objetivos propostos para este estudo. As canções de Antônio Baiano são resultados de sua vida vivida em comunidade e movimentos sociais, do seu contato com as desigualdades sociais e da sua visão de um mundo desigual que precisa ser olhado de uma forma diferente. Analisar as letras que apresentam o conteúdo ambiental é analisar uma parte de um todo, de uma sociedade capitalista, que devasta a natureza sem pensar nas consequências futuras.

Assim, a pesquisa se constrói numa visão de natureza dialética, também denominada naturalista, em que “o investigador frequenta os locais em que naturalmente se verificam os fenômenos nos quais está interessado, incidindo os dados recolhidos nos comportamentos naturais das pessoas” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p.17). Segundo os autores, é uma investigação de natureza descritiva na qual os pesquisadores têm um interesse maior no processo e nos seus significados do que nos resultados ou produtos.

Fundamentamos no Materialismo Histórico – Dialético, criado por Marx, como uma das abordagens possíveis de interpretação da realidade educacional, a relação da dialética com a educação supõe que, se a escola favorece a manutenção do *status quo*, também pode ser um espaço que possibilita a emancipação. Segundo Pires (1997, p. 83), “o método materialista histórico que fundamenta o pensamento marxista, apresenta-se como possibilidade teórica (instrumento lógico) de interpretação”. Ainda, segundo a mesma autora:

O método materialismo histórico-dialético caracteriza-se pelo movimento do pensamento através da materialidade histórica da vida dos homens em sociedade, isto é, trata-se de descobrir (pelo movimento do pensamento) as leis fundamentais que definem a forma organizativa dos homens em sociedade através da história. Este instrumento de reflexão teórico-prática pode estar colocado para que a realidade educacional aparente seja, pelos educadores, superada, buscando-se então a realidade educacional concreta, pensada, compreendida em seus mais diversos e contraditórios aspectos. (PIRES, 1997, p. 83)

O materialismo histórico dialético valoriza a história que permeia a sociedade, o movimento e a prática. O ser humano se torna fruto desse meio, podendo agir como o meio propõe, ou agindo contra. Sobre esse método, Pires (1997, p. 87) salienta que:

O método materialista histórico-dialético caracteriza-se pelo movimento do pensamento através da materialidade histórica da vida dos homens em sociedade, isto é, trata-se de descobrir (pelo movimento do pensamento) as leis fundamentais que definem a forma organizativa dos homens durante a história da humanidade.

A história da humanidade é que influencia na história do homem, o movimento social é que faz com que o homem se organize e atue nessa sociedade.

1.2 Procedimentos de investigação

Foram analisadas 29 letras das canções, compostas por Antônio Baiano, as quais compõem seus dois CDs, intitulados: 1) *Em canto pela terra*, disponível no *link*: <https://youtu.be/2HHFEvFF0gQ> e, 2) *Horizontes*, disponível no *link*: <https://youtu.be/8sXr44BO7gE>. Todas as letras foram transcritas e organizadas em tabelas nas quais foram nomeadas de L1 a L29, com objetivo de classificá-las por temas e identificar as que

possuem temática ambiental, para, posteriormente, proferir-se a análise de discurso. A análise do discurso é segundo Orlandi (1999):

A análise do discurso como o próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática da linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. (ORLANDI, 1999, p. 15)

Analisar o discurso do compositor é compreender/ analisar o que ele está falando nas entrelinhas do seu texto, é perceber a palavra em movimento do autor pensante, que traduz através da poesia/ canção, sentimentos de amor, dor, alegria, revolta, denúncia e defesa. Ainda, sobre a análise do discurso, Orlandi (1999) salienta que:

A Análise do Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana. (ORLANDI, 1999, p. 15)

Analisar o discurso é, portanto, mediar o que o poeta diz em seu texto, para que seu discurso seja capaz de transformar o homem. Essa transformação pode ser ou não atingível, isto é, pode ou não atingir o ouvinte, que, simplesmente, pode esquecer o que ouviu. O discurso é uma forma de perpetuar uma ideologia. Segundo Orlandi (1999, p. 17), “Partindo da idéia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e, a materialidade específica do discurso é a língua, trabalha a relação língua-discurso-ideologia”.

O discurso está relacionado à ideologia do autor, e a sua forma de ver o mundo, não apenas pelos seus olhos, mas também pelos olhos de

outros com quem vive e convive. A participação, principalmente, em grupos, fortalece as ideologias e faz com que o discurso seja carregado da ideologia que conhece e defende.

Fizemos o uso da análise de discurso porque nossa intenção não era saber o que o texto quis dizer, e sim o que esse texto significa. Segundo Orlandi (1999) a diferença entre análise de conteúdo e análise de discurso é:

A análise de conteúdo, como sabemos, procura extrair sentidos dos textos, respondendo à questão: o que esse texto quer dizer? Diferentemente da análise de conteúdo, a análise de discurso considera que a linguagem não é transparente. Desse modo ela não procura atravessar o texto para encontrar um sentido do outro lado. A questão que ela coloca é: como este texto significa? (ORLANDI, 1999, p. 17)

Outro fator importante é a relação da análise do discurso com o materialismo histórico. Orlandi (1999) salienta que:

A análise de discurso pressupõe o legado do materialismo histórico, isto é, o de que há um real da história de tal forma que o homem faz história, mas esta também lhe é transparente. Daí, conjugando a língua com a história na produção de sentidos, esses estudos do discurso trabalham o que vai - se chamar a forma encarnada na história para produzir sentidos: essa forma é, portanto linguístico - histórico. (ORLANDI, 1999, p. 19).

Sendo a análise de discurso legado do materialismo, construímos nossa metodologia a partir desses dois pressupostos, com a finalidade de conhecer o discurso do autor Antônio Baiano, presente nas letras de suas canções, em consonância com o materialismo histórico dialético.

Sendo assim, a pesquisa foi dividida em cinco etapas:

1ª etapa – Análise das canções de Antônio Baiano, para verificar se o conteúdo utilizado pelo autor nas letras apresentava temática am-

biental, e depois de separar as temáticas, fizemos a análise do discurso e investigamos as potencialidades das obras, no contexto do processo de ensino-aprendizagem, na formação de professores de Ciências da Natureza.

Antes de fazermos a análise do discurso, fizemos a análise do conteúdo das canções, no intuito de identificarmos as Unidades de Registro (UR). Segundo Franco (2008, p.41), “a Unidade de Registro é a menor parte do conteúdo, cuja ocorrência é registrada de acordo com as categorias levantadas”. Nesse estudo utilizamos as Unidades de Registro divididas em categorias criadas por Duarte *et al.* (2016, p. 64), que, na visão dos autores, pode ser um tema, uma palavra ou frase. As Unidades de Registro criadas pelos autores supracitados foram baseadas no referencial teórico de Sauv e (2003, 2005) e Reigota (2002). Após uma análise, criaram-se Unidades de Registro Emergente (URE), que, em rela o   temática ambiental, são as seguintes:

URE 1.1 - Naturalista: para agrupar os fragmentos textuais que contenham registros que descrevem o ambiente pelos seus aspectos naturais (bióticos e abióticos) e, também, por suas no es espaciais (habitat dos seres vivos). O ser humano   mero espectador, apreciador.

URE 1.2 - Antropoc trica: para agrupar os fragmentos textuais que contenham registros que descrevem a utilidade dos recursos naturais (como recurso) e a preserva o para a sobrevivência e bem-estar do ser humano.

URE 1.3 - Socioambiental: para agrupar os fragmentos textuais que contenham registros que descrevem o meio ambiente de modo a evidenciar as rela es de reciprocidade existente entre o ambiente natural e a sociedade (questões políticas, sociais, econ micas e/ou culturais).

URE 1.4 - Destrui o: para agrupar os fragmentos textuais que contenham registros que descrevem o meio ambiente destruido pelo ser humano.

URE 1.5 - Problema/solução: para agrupar os fragmentos textuais que contenham registros que descrevem o meio ambiente com problemas e mostram algumas soluções ou mencionam a preservação para solucionar os problemas.

URE 1.6 - Reducionista: para agrupar os fragmentos textuais que contenham registros que descrevem soluções simplistas para a resolução dos problemas ambientais. (DUARTE et al., 2016, p. 64/65)

Assim que identificamos, tanto as temáticas presentes nas letras das canções e as URE (tanto as de DUARTE *et al*, 2016) quanto as por nós criadas, partimos para a análise do discurso, da ideologia defendida por Antônio Baiano, e da denúncia presente nas suas poesias cantadas, ou seja, o que o texto significa.

2ª etapa - Para a construção da biografia do autor foi realizada uma entrevista com o compositor e cantor, a fim de conhecê-lo e transcrever os dados importantes de sua vida por meio de uma narrativa. A entrevista foi feita por meio de e-mail, enviamos o roteiro para o compositor, que respondeu todas as questões e devolveu, fizemos uma análise das respostas, complementamos com mais algumas perguntas e devolvemos a Antônio Baiano. Depois que ele concluiu, fizemos a biografia, que foi enviada a ele, para que o mesmo pudesse fazer sua avaliação e aprovação. A história de vida do artista permitiu descobrir quais foram as determinações sociais que o tornaram um militante de causas sociais e ambientais. Segundo Abreu (2015, p. 42) “A história de vida é uma dessas técnicas usadas pelas ciências humanas. No campo das ciências sociais, o método da história de vida tem se destacado como uma das modalidades mais adequadas para fazer-se ouvir o discurso dos despossuídos”.

3ª etapa - Para melhor solidez e identificação dos discursos de Educação Ambiental, presentes nas letras das canções de Antônio Baiano, averiguando suas potencialidades no processo de ensino-aprendizagem de Educação Ambiental, na formação de professores de Ciências da Natureza, aplicou-se um questionário aos professores do curso de Educação do Campo do estado de Goiás, - Habilitação em Ciências da

Natureza, os quais estão sediados na Universidade Federal de Catalão, e na Universidade Federal de Goiás, regional Cidade de Goiás. Vale ressaltar que, no estado de Goiás, o curso de Educação do Campo está implantado nessas duas Instituições de Ensino Superior (IES).

A escolha das IES, assim como do curso de Educação do Campo, se deu, por ser um curso novo em nosso país (no estado de Goiás, as primeiras turmas iniciaram em 2014). Esse curso possui a formação por área, no caso do estudo das Ciências da Natureza, o qual estabelece uma íntima relação com a Educação Ambiental, que tem uma temática que se relaciona com as disciplinas de Ciências como a Biologia, Química, Geologia, Astronomia e a Física, bases para a Educação ambiental, mesmo essa sendo de caráter transversal, instituído pelas diretrizes da Educação Básica.

Os professores das duas IES foram selecionados de acordo com os seguintes critérios de inclusão e exclusão: 1) todos que lecionaram no primeiro semestre de 2019 foram convidados a participarem da pesquisa; 2) no entanto, apenas aqueles que, de forma clara, livre e esclarecida, concordaram em participar da pesquisa é que foram incluídos. A esses foram aplicados um questionário para identificá-los e conhecê-los, bem como seus saberes e a utilização da Educação Ambiental (tema transversal) em sua(s) disciplina(s) ministrada(s) no curso, e a análise dos professores sobre o potencial das músicas de Antônio Baiano no uso para o ensino-aprendizagem da Educação Ambiental.

No curso de Educação do Campo da **UFG, - Regional Catalão**, estão ministrando aula, no primeiro semestre, 20 professores que ministram aulas distribuídas em cinco períodos (1º, 3º, 5º, 7º e 8º períodos). As disciplinas de cada período são: *1º Período*: Introdução a Ciências da Natureza, Matemática I, Leitura e produção de textos I, Políticas e Gestão da Educação do Campo, Realidade Brasileira do Campo; *3º Período*: Biologia II, Química I, Psicologia da Educação II, Física I, Educação Especial e Inclusão; *5º período*: Química III, Física III; Estágio e Docência I, Didática e Formação dos Professores do Campo, FFSHE; *7º Período*: NL Soberania Alimentar, Educação Popular e Movimentos Sociais, Estágio de Docência III, Libras, Gestão e Organização do Trabalho

Pedagógico; 8º *Período*: NL Soberania Alimentar, Políticas Educacionais no Brasil, Estágio de Docência IV, Cultura, currículo e Avaliação, Diversidade e Cultura. Na UFG - **Campus Goiás**, tem-se 13 professores, distribuídos em quatro períodos (1º, 3º, 5º, 7º), sendo que as disciplinas de cada período: 1º *Período*: Filosofia da Ciência, Estado e Política, Capitalismo e Questão social, Aspectos Histórico-culturais da Matemática e da Educação Matemática, Questões ambientais e desenvolvimento sustentável, Biologia I, Leitura e produção escrita I; 3º *Período*: Tópicos em Física II: Termodinâmica e aplicações no Campo; Tópicos em Biologia III: Biodiversidade vegetal e o Cerrado; Organização dos processos educativos I; Questão Rural, urbana e movimentos sociais; Matemática Básica II; Manejo de ecossistemas para a produção; Políticas Educacionais Brasileiras; 5º *Período*: Tópicos em Física IV: Eletromagnetismo; Processos Químicos de Obtenção de Energia e o contexto do campo; Teorias da Educação II; Psicologia da Educação I; Didática II; Processos Educativos e Produção do Conhecimento nas Ciências da Natureza; LIBRAS; 7º *Período*: Processos III, Instrumentos para Ciências, Etnias, Gênero, Sexualidade e Educação, Relações Étnico Raciais. Totalizando, nas duas IES, 33 docentes.

Aos 33 (trinta e três) docentes, foram aplicados questionários com o intuito de conhecer: 1) o perfil dos docentes para verificar tanto a formação, desenvolvimento profissional, disciplina(s) que ministram aula no curso de Educação do Campo, bem como suas relações com a Educação Ambiental; 2) Na segunda parte do questionário, tivemos questões que focaram na(s) relação (ões) entre Educação Ambiental, Educação do Campo, Formação de professores e estratégias de ensino e aprendizagem; 3) Na terceira parte, apresentamos fragmentos das músicas de Antônio Baiano, a fim de que os mesmos conhecessem e fizesse a análise de conteúdos e potencialidades do uso na promoção da Educação Ambiental em sua disciplina e no curso em questão. Portanto os professores que não aceitaram participar da pesquisa foram excluídos da pesquisa. Os critérios de exclusão e inclusão visaram enriquecer as informações para as análises do ponto de vista dos participantes, garantidos todos os princípios éticos aos participantes.

4ª etapa- *Análise dos dados* - Consistiu em analisar, examinar, categorizar e classificar em quadros os dados obtidos no questionário. As análises foram realizadas a partir de categorias de análises a foram construídas posteriormente à visita de campo. Dessa forma, as análises das categorias estão respaldadas de acordo com referencial teórico que falam sobre Educação ambiental, como Reigota (2014), e outros que foram consultados durante a construção da pesquisa. Após todas essas etapas, foi feita a análise de dados e discussão, de forma a responder aos objetivos propostos no estudo, na tentativa de solução ao problema apresentado.

5ª etapa- *Devolutiva dos resultados aos professores participantes da pesquisa*. Como a pesquisa visa verificar o potencial das canções de Antônio Baiano para se trabalhar com Educação Ambiental, após todas as análises de dados e o término do estudo será entregue uma cópia desta para as IES e professores, além de se endereçar aos pesquisadores que se colocaram à disposição dessas investigações.

A intenção da pesquisa não é pontuar práticas corretas ou erradas, mas compreender como é feita a prática da Educação Ambiental no ensino superior, por meio do olhar do professor, o que, para eles, é Educação Ambiental, como eles trabalham com Educação Ambiental. Ademais, baseados nos teóricos estudados e nas falas dos professores, ensinamos conhecer as práticas e verificar o potencial das canções de Antônio Baiano, para que suas canções possam ser usadas como recurso pedagógico nas aulas sobre Educação Ambiental.

Para facilitar os passos a serem seguidos, foi criado um protocolo de atuação na obtenção dos dados, visando direcionar as etapas desse processo:

1 - *Leituras de autores e construção do referencial teórico*: como a pesquisa visou conhecer e apresentar a importância da Educação Ambiental na formação do professor, foi feito um levantamento teórico de autores que trabalham nessa perspectiva, além de fazer o cruzamento de suas ideias com o método materialista histórico-dialético. Então, nos meses de janeiro a março, a pesquisadora ficou por conta dessas leituras para a construção da escrita do referencial teórico.

2 - *Entrevista semiestruturada*: neste momento, conhecemos a história de vida de Antônio Baiano. A entrevista com Antônio Baiano teve o objetivo de conhecer sua vida para poder compor a biografia que faz parte do presente estudo. Uma vez tendo sido feita a análise das letras das canções desse compositor, foi importante conhecer sua vida, sua atuação, suas vivências, para poder ver a influência da sua vivência em suas composições. A entrevista foi realizada no mês de março. Portanto, o instrumento da entrevista semiestruturada se torna apropriado, porque o fato de ela ter sido feita via *e-mail* permitiu que o entrevistado tivesse tempo e oportunidade de lembrar sua trajetória e fizesse o registro no papel.

3 - *Escolha das letras a serem analisadas*: como o projeto visou fazer a análise das canções do compositor Antônio Baiano, o primeiro passo, após a aprovação do comitê de ética, foi organizar essas canções e fazer a seleção daquelas que seriam usadas para análise de acordo com a temática proposta (Educação Ambiental). A seleção das letras, a análise de conteúdo e a transcrição foram feitas a partir de abril de 2019, além da organização dessas em quadros de acordo com a temática apresentada.

4 - *Questionário de perfil e seleção dos professores*: esse momento foi destinado à obtenção de dados através do questionário, tendo sido importante para identificar os professores das instituições selecionadas, assim como conhecer a sua formação e atuação. Aconteceu logo após o início das aulas. O questionário foi aplicado por meio de *e-mail* (*Google forms*), fazendo as explicações preliminares e deixando que os professores leiam e respondam, por conta própria, às questões. Os professores da Regional Catalão, assim como os da Regional Goiás, receberam o questionário por *e-mail* e foram, antecipadamente, comunicados sobre a pesquisa. Receberam, ainda, um comunicado de que o questionário se encontrava em seu *e-mail*, com data pré-estabelecida para ser respondido. O questionário foi aplicado entre os meses de maio e junho de 2019.

5 - *Análise dos dados obtidos*: a análise dos dados obtidos constituiu os elementos para reflexão entre o que as letras das canções de Antônio Baiano expressam e sua importância para se trabalhar com Educação Ambiental. A análise permitiu um olhar crítico e reflexivo sobre a destruição do meio ambiente e sobre a importância de se buscar formas de se solucionar esse problema por meio de uma Educação

Ambiental crítica e de conscientização. A análise foi feita nos meses de junho, julho, agosto do mesmo ano.

Ressaltamos que os procedimentos éticos previstos para realização de pesquisa com seres humanos foram seguidos, e os participantes foram munidos de todas as informações sobre possíveis riscos. O projeto foi aprovado pelo CEP/UFG sob o número 3.099.030/2018.

1.3 Histórico da Educação Ambiental: *E a humanidade excluída/ chora arrependida a devastação...*

O materialismo histórico-dialético se baseia no movimento histórico da sociedade para compor as relações, intervenções e opiniões a respeito do que se estuda, por isso, ao falar de EA, é importante trazeremos um pouco da história do processo de construção até os dias atuais. Nessa parte do livro, apresentamos um pequeno histórico da EA e do que a legislação brasileira determina.

A população mundial, ao longo de sua existência, sempre buscou formas para sua sobrevivência, retirando, do meio em que vivia, recursos para se manter. Os primeiros povos eram nômades, e, no pequeno espaço que conheciam e dominavam, garantiam sua subsistência por meio da exploração dos recursos naturais que os cercavam. O homem se destaca sobre os outros seres vivos, e, segundo Schimith *et al* (2016, p. 02), “devido à inteligência e capacidade de aprendizagem. Inicialmente, extraía da natureza apenas o que era necessário a sua sobrevivência”.

No entanto, o homem deixou de viver harmoniosamente com a natureza a partir do momento que se achou superior a ela. Schimith *et al* (2016, p. 03 e 04) salienta que:

A visão antropocentrista, que começou a ser difundida nos séculos XV e XVI e predomina até hoje, colocou o homem no centro das atenções e levou à sua separação artificial do meio ambiente. Ao considerá-lo como único portador de direito e superior às formas vivas e não vivas, foi-lhe atribuído autonomia sobre as mesmas, podendo usá-las como objetos.

Essa visão antropocentrista, além de difundir que o homem é superior a todos os outros seres, fez com que surgisse a competitividade e a necessidade de, a cada dia, possuir mais bens, independente das consequências de suas ações. Esse fator, juntamente com o advento da Revolução Industrial, — ocorrido na segunda metade do século, — contribuiu para a dilapidação do meio ambiente. Segundo Dias (1994, p. 20),

Nas décadas de 50/60, impulsionado por avanços tecnológicos, o homem ampliou a sua capacidade de produzir alterações no meio ambiente natural, notadamente nos países mais desenvolvidos, e na década seguinte os efeitos negativos sobre a qualidade de vida já eram evidentes.

A Revolução Industrial trouxe a criação de equipamentos e máquinas e da ciência, que passou a ser usada na produção em grande escala. Segundo (SAMPAIO, 2010, *apud* VIVEIROS, 2015, p. 331), “houve a fragmentação do trabalho, a desintegração do ambiente social e cultural do trabalhador, estabelecendo uma nova relação entre homem-homem e entre homem-natureza”. A partir dessa nova realidade, de um homem soberano, de uma indústria massivadora, que põe em risco a sobrevivência da espécie humana, devido à destruição em massa dos recursos naturais, começa-se a haver, por parte de algumas pessoas, a preocupação com os efeitos negativos sobre o meio ambiente.

O cacique Seattle, na sua carta ao presidente dos EUA, no ano de 1885, já alertava sobre os danos causados ao meio ambiente pelo ser humano, assim como ele, muitas outras pessoas, ao longo de décadas, têm se juntado para lutar pela preservação do meio ambiente. É uma luta que une governos, religiões, entidades, movimentos sociais, etc. Todos em busca de uma solução para salvar o Planeta Terra.

O empenho em unir forças, criar leis e estabelecer normas foi desencadeado a partir da leitura do livro *Primavera Silenciosa*, de Rachel Carson, que tratava do uso excessivo de produtos químicos, e repercutiu mundialmente, através do movimento ambientalista, chamando atenção para o que o homem estava fazendo com a natureza. Albert

Schweitzer, Nobel da Paz, por popularizar a ética ambiental, foi um dos precursores de grandes encontros mundiais.

O primeiro evento mundial, que reuniu especialistas para se discutir a crise ambiental que já estava deflagrada, aconteceu em Roma, e foi criado, a partir dessa reunião, o Clube de Roma (DIAS, 1994, p. 21). Em 1972 o Clube de Roma publicou seu relatório *The Limits of Growth*. Ainda, segundo Dias (1994, p. 21), esse relatório “denunciava que o crescente consumo mundial levaria a humanidade a um limite de crescimento e possivelmente a um colapso”.

O Clube de Roma foi o pontapé inicial para que outros eventos acontecessem, sempre cobrado por movimentos ambientalistas mundiais, que percebiam o quanto a qualidade do meio ambiente tinha decaído em consequência da ganância humana de obter lucros sem pensar nos efeitos colaterais de suas decisões.

Mas o marco histórico/político internacional, que trouxe políticas de gerenciamento ambiental, foi a Conferência da ONU, que aconteceu na cidade sueca de Estocolmo, no ano de 1972, e gerou a Declaração sobre meio Ambiente Humano e estabeleceu um Plano de Ação Mundial para lidar com a problemática da degradação ambiental (DIAS, 1994, p. 21). Ainda, segundo Dias (1994, p. 21):

O Plano de Ação Mundial como o objetivo de inspirar e orientar a humanidade para a preservação e melhoria do ambiente humano. Reconheceu o desenvolvimento da Educação Ambiental como elemento crítico para o combate à crise ambiental no mundo, e enfatizou a urgência da necessidade do homem reordenar suas prioridades.

A Conferência de Estocolmo, além de sugerir e reconhecer a importância da EA, enfatizou a importância de treinar (preparar) os professores para que fossem capazes de fazer um bom trabalho, além da necessidade de criar recursos metodológicos que tivessem a capacidade de atender às necessidades dos professores. Diante da inevitabilidade de

seguir essas orientações, a UNESCO organizou o Encontro de Belgrado, realizado na Iugoslávia em 1975, que, de acordo com Dias (1994),

...ficou conhecido como (The Belgrade Workshop), onde foram formulados os princípios e orientações para o programa internacional de EA. Nesse encontro também foi formulada a Carta de Belgrado que preconizava a necessidade de uma nova ética global, capaz de promover a erradicação da pobreza, da fome, do analfabetismo, da poluição, da exploração e dominação humana, e censurava o desenvolvimento que beneficiassem toda a humanidade. (DIAS, 1994, p. 22)

É interessante perceber que não basta apenas falar de EA. É necessário lutar pela erradicação da pobreza, por uma nova ética global, e, principalmente, contra o analfabetismo, que impede o conhecimento e a busca de melhores condições de vida em harmonia com o meio em que vive. A consciência ambiental se espalhou pelo mundo através de vários outros encontros, movimentos, seguindo sempre as recomendações da Conferência de Estocolmo. Um evento ainda maior foi realizado em Tbilisi, seguindo a recomendação nº 96 da Conferência de Estocolmo. Segundo Dias (1994):

[...] a Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental (Conferência de Tbilisi, como ficou conhecida) cujo produto mais importante foi a Declaração sobre Educação Ambiental, documento técnico que apresentava as finalidades, objetivos, princípios orientadores e estratégias para o desenvolvimento da EA e elegia o treinamento de pessoal, o desenvolvimento de materiais educativos, a pesquisa de novos métodos, o processamento de dados e a disseminação de informações como o mais urgente dentro das estratégias de desenvolvimento. A Conferência de Tbilisi foi um marco histórico de destaque na evolução da EA. (DIAS, 1994, p. 22)

A Conferência de Tbilisi espalhou suas recomendações por vários países do mundo, e, dez anos depois, quando essas nações se reuniram novamente, na Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental, em Moscou, para avaliar se o que havia sido combinado. Observou-se que, menos nos países pobres, que são os que mais necessitam colocar em prática as recomendações sobre EA, o decreto estava sendo cumprido. Com relação ao Brasil, Dias (1994, p. 23) expõe que “alguns resultados foram alcançados, principalmente, por órgãos estaduais de meio ambiente. O que se produziu, porém, não foi o suficiente para ser capaz de produzir as transformações necessárias”.

A EA, de acordo com a Conferência de Tbilisi, deve ser trabalhada de forma interdisciplinar, e, no Brasil, pelo Parecer 226/87 do Conselho Federal de Educação, a Educação Ambiental é confundida com Ecologia.

1.4 A Educação Ambiental no Brasil: o que a lei determina

Pensar em educação é pensar na sua prática. A educação no Brasil é uma prática social que acontece tanto em ambientes formais quanto em ambientes não formais de ensino. Nos ambientes não formais, a educação acontece de forma não sistematizada, e apresenta práticas educativas dinâmicas e criativas, muitas vezes, voltadas para a realidade do aluno. Um exemplo de educação não sistematizada é a Educação Ambiental.

O conceito de EA é visto sobre várias categorias: Educação Ambiental popular crítica, política, comunitária, formal, não formal e tantas outras definições (CARVALHO, 2004, p. 15). O tipo de definição é usado de acordo com a pessoa a que se destina, com quem é tratado. “Este conceito pode ser útil para destacar como se constitui e a quem se dirige, se endereça cada uma das educações” (CARVALHO, 2004, p. 16). Quando pensamos no caso brasileiro, na forma como a EA é designada pelas leis, e como ela é trabalhada, há também vários conceitos usados por diversos autores, no entanto, nos tempos atuais, há uma forte vertente voltada para a EA crítica, uma EA que leva os participantes a ter

um olhar mais crítico sobre a sociedade e acerca da relação do homem com a natureza, em que o homem não domine a natureza, e sim a veja como aliada, como parte de si. Segundo Cavalcanti (2013):

A EA deve estar presente em todos os níveis da educação nacional, permitindo que haja uma formação mais conscientizadora e crítica, que esteja voltada para a consciência humana e para a necessidade de cumprir com seus deveres de cidadão e principalmente com as responsabilidades socioambientais. (CAVALCANTI, 2013, p. 72)

No Brasil, a Constituição Federal de 1988 reza, em seu artigo 23, - do título III, - Da organização do estado, no capítulo I, - Da organização da Política administrativa sobre o meio ambiente, de acordo com o inciso VI da referida Carta Magna, “proteger o meio ambiente e combater a poluição em qualquer de suas formas” (BRASIL, 1988, p. 29). A lei máxima brasileira já garante o direito ao meio ambiente de ser protegido e fala da necessidade de se combater a poluição em todas as suas formas. E, ainda, na Constituição Cidadã, encontramos o artigo 225, que versa sobre os direitos de todos terem um ambiente equilibrado, enfatizando que é dever do poder público defender e preservar o meio ambiente. Vejamos:

Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para o presente e as futuras gerações. (BRASIL, 1988)

Quanto à EA, esse mesmo artigo afirma, em seu inciso VI a obrigatoriedade de “promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente” (BRASIL, 1988). É constitucional a promoção da EA, uma educação que permita a conscientização, e que leve as pessoas a defenderem e a preservarem o meio ambiente.

Outra normativa importante sobre EA é a Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, a qual institui a Política Nacional de Educação Ambiental. Essa lei, logo no seu capítulo I, aborda a EA como um processo de coletividade, que leva a construção de valores sociais, além da construção de atitudes e de competências que remetem à conservação do meio ambiente, como sendo bem comum e social. Outro fato importante abordado nesse artigo é o de que a EA deverá ser voltada à questão da sustentabilidade, uma vez que devemos fazer usos dos recursos naturais, pensando em preservá-los para as futuras gerações. A relação homem/natureza não deve ser exploratória como o sistema capitalista impõe, mas sim, viável. O homem deve ver a natureza como parte de sua essência. Ou seja, “a humanidade não domina a natureza, mas interage com ela e nela”. (LOUREIRO, 2002, p. 25).

A Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA) traz a EA como um processo mais amplo, não sendo direito apenas de uma parte da população, e não deixando a cargo somente da escola trabalhar com a EA. Essa educação é função também do poder público, do Sistema Nacional de Meio Ambiente (SISNAMA), dos meios de comunicação e das empresas.

Art. 3º Como parte do processo educativo mais amplo, todos têm direito à educação ambiental, incumbindo:

I - ao Poder Público, nos termos dos arts. 205 e 225 da Constituição Federal, definir políticas públicas que incorporem a dimensão ambiental, promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e o engajamento da sociedade na conservação, recuperação e melhoria do meio ambiente;

II - às instituições educativas, promover a educação ambiental de maneira integrada aos programas educacionais que desenvolvem;

III - aos órgãos integrantes do Sistema Nacional de Meio Ambiente - Sisnama, promover ações de educação ambiental integradas aos programas de conservação, recuperação e melhoria do meio ambiente;

IV - aos meios de comunicação de massa, colaborar de maneira ativa e permanente na disseminação de informações e práticas educativas sobre meio ambiente e incorporar a dimensão ambiental em sua programação;

V - às empresas, entidades de classe, instituições públicas e privadas, promover programas destinados à capacitação dos trabalhadores, visando à melhoria e ao controle efetivo sobre o ambiente de trabalho, bem como sobre as repercussões do processo produtivo no meio ambiente;

VI - à sociedade como um todo, manter atenção permanente à formação de valores, atitudes e habilidades que propiciem a atuação individual e coletiva voltada para a prevenção, a identificação e a solução de problemas ambientais. (BRASIL, 1999)

Outro ponto importante dessa lei são os princípios básicos da EA. No art. 4º, há um enfoque para que a EA seja humanística, crítica, e que vincule ética, educação e práticas sociais. Uma EA que garanta a continuidade e permanência do processo educativo, que sejam realizados trabalhos que perdurem, que tenham uma sequência. Um dos grandes problemas da EA é justamente abarcar projetos que têm data para começar e terminar, não tendo continuidade, e sendo realizados apenas por um determinado período. A lei traz os princípios básicos da Educação Ambiental.

Art. 4º São princípios básicos da educação ambiental:

I - o enfoque humanista, holístico, democrático e participativo;

II - a concepção do meio ambiente em sua totalidade, considerando a interdependência entre o meio natural, o sócio-econômico e o cultural, sob o enfoque da sustentabilidade;

III - o pluralismo de idéias e concepções pedagógicas, na perspectiva da inter, multi e transdisciplinaridade;

IV - a vinculação entre a ética, a educação, o trabalho e as práticas sociais;

V - a garantia de continuidade e permanência do processo educativo;

VI - a permanente avaliação crítica do processo educativo;

VII - a abordagem articulada das questões ambientais locais, regionais, nacionais e globais;

VIII - o reconhecimento e o respeito à pluralidade e à diversidade individual e cultural. (BRASIL, 1999)

Outra normativa, que reforça a questão da ética e do poder transformador da Educação Ambiental, é a Resolução nº 2, de 15 de junho de 2012, criada pelo Ministério da Educação, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental. O mundo vem, cada dia mais, sofrendo alterações no clima. As mudanças climáticas têm se acentuado devido à exploração exagerada do meio ambiente. É importante ressaltar que quem mais sofre com essas mudanças são as populações mais pobres, de pouco poder aquisitivo, a elas é relegado conviver em ambientes sujos, poluídos, e a educação torna-se uma forma de transformar esse meio, fazendo com que essas pessoas percebam o poder transformador de suas ações no meio em que vivem. São essas pequenas ações transformadoras que podem fazer grandes diferenças.

O atributo “ambiental” na tradição da Educação Ambiental brasileira e latino-americana não é empregado para especificar um tipo de educação, mas se constitui em elemento estruturante que demarca um campo político de valores e práticas, mobilizando atores sociais comprometidos com a prática político-pedagógica transformadora e emancipatória capaz de promover a ética e a cidadania ambiental; O reconhecimento do papel transformador e emancipatório da Educação Ambiental torna-se cada vez mais visível diante do atual contexto nacional e mundial em que a preocupação com as mudanças climáticas, a degradação da natureza, a redução da biodiversidade, os riscos socioambientais locais e globais, as necessidades planetárias evidencia-se na prática social. (BRASIL, 2012, p. 1 e 2)

No Brasil, vários eventos voltados à questão do meio ambiente foram realizados, gerando-se, nesses encontros, depois de vários debates, alguns documentos que acabaram por se consolidar em outros. A Conferência das Nações Unidas, sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD), ocorrida no Brasil, e conhecida como Rio-92 ou Eco-92, é um exemplo de evento que gerou vários outros documentos. Nessa Conferência foi elaborado o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global. De acordo com a Proposta das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental, elaborada pela Coordenação-Geral de Educação Ambiental (CGEA), e encaminhada ao Conselho Nacional de Educação (CNE), a EA deve ser uma educação crítica e participativa. Mais um documento que expressa à importância de se trabalhar com a EA na construção de uma cidadania responsável.

Ocorre que, em sua práxis pedagógica, a Educação Ambiental envolve o entendimento de uma educação cidadã, responsável, crítica, participativa, onde cada sujeito aprende com conhecimentos científicos e com o reconhecimento dos saberes tradicionais, possibilitando a tomada de decisões transformadoras a partir do meio ambiente natural ou construída no qual as pessoas se inserem. A Educação Ambiental avança na construção de uma cidadania responsável, estimulando interações mais justas entre os seres humanos e os demais seres que habitam o Planeta, para a construção de um presente e um futuro sustentável, sadio e socialmente justo. (BRASIL, 2010)

Diante de tantas legislações, resoluções, encontros e congressos, ainda temos uma Educação Ambiental que visa apenas trabalhar pequenos projetos dentro da escola, e não se preocupa com a criticidade do aluno para repensar suas ações em relação ao meio onde vive, e as ações do sistema capitalista que destroem a natureza sem pensar nas consequências futuras. Ainda, há muito a ser colocado em prática, há muito a ser feito. Precisa-se ter um novo olhar sobre essa forma de ver e fazer Educação Ambiental, para que nossas futuras gerações tenham o prazer de ter um meio ambiente para se viver com qualidade de vida.

CAPÍTULO 2

BIOGRAFIA DE ANTÔNIO BAIANO – UMA VIDA EM FORMA DE POESIA

*Ando devagar porque já tive pressa e levo
esse sorriso porque já chorei demais...*
(Almir Sater; Renato Teixeira, 1990).



Imagem de Antônio Pereira de Almeida, o popular *Antônio Baiano*, durante atividade de encerramento do curso TERRAFor-GO, município de Orizona, GO – 2018.

Fonte: arquivo pessoal dos autores.

Falar da vida de Antônio Pereira de Almeida, o popular *Antônio Baiano*, ou simplesmente, *Baiano*, é falar de alegrias, de sofrimentos, de lutas e de conquistas. É rememorar uma trajetória que marcou cada momento, um reencontrar em pensamentos, pessoas, lugares, cheiros, sabores. Trazer à tona momentos em comunidade, encontros, orações, romarias e tantas outras coisas que fazem de Antônio Baiano muito mais que um compositor, fazem dele um cantador da vida de povos que lutam pela sobrevivência e pela harmonia com a natureza, enfim, um militante. É contar história, conhecer histórias.

Antônio Baiano nasceu como Antônio Pereira de Almeida, no dia 25 de setembro de 1962, no Oeste da Bahia, numa região chamada Brejão, no município de Coribe. Como boa parte do nordeste, um local onde a seca judiava, o que pouco se plantava era para o sustento da família, como ele mesmo destaca.

Um tempo de pouco desenvolvimento econômico. Meus pais tinham uma gleba de terra onde morávamos e trabalhávamos. Cultivava uma pequena roça de milho, algodão, feijão de corda, feijão roxinho, guandu e outros cultivares, sempre para o consumo. Também criávamos algumas vacas de raça Gir. Consumíamos o leite e fazíamos requeijão. Na nossa terra, não tinha cursos de água, apenas uma cisterna, na qual tínhamos que tirar água com um balde para encher os coxos de madeira para o gado beber. À beira da cisterna, recordo que plantávamos algumas hortaliças. Bem pouco, como alho, coentro e cebola (Excerto da entrevista com Antônio Pereira de Almeida, realizada em 14/03/2019)

Antônio é filho de José Ferreira de Almeida. Seu pai, viúvo e com dois filhos ainda pequenos, se casou com Marcionilia de Jesus Almeida. Uma família que se formou e se compôs por seis filhos: Ilda e Joaquim, Maria, Nilda, Antônio e João. Viviam do que produziam na roça, por isso, desde cedo, ele (Antônio) e seus irmãos começaram a trabalhar, “Ajudávamos nossa mãe em casa e nosso pai na lida da roça” (Excerto da entrevista a Antônio Pereira de Almeida, realizada em 14/03/2019).

Uma realidade comum no sertão e no meio rural, onde pais e filhos cultivam a roça para sua sobrevivência.

Mesmo trabalhando na lida diária do campo e tendo pais analfabetos, houve, por parte de seus pais, a preocupação com a escolarização dos filhos. Assim narra Antônio:

Apesar de meu Pai e minha mãe não serem alfabetizados, tinham como meta nossa escolarização. Daí fomos matriculados numa escola do campo multisseriada. Ali a professora tinha que se virar: dividia o quadro em partes e passava as atividades para cada série. A mesma professora que ensinava a ler foi também a minha catequista. Voltando à escolarização, recordo do ABC, da Cartilha e da capanga feita de algodão para carregar os livros e os cadernos. Para o lanche, geralmente, levávamos cana descascada e picada em pequenos pedaços, e, de vez enquanto, uma brevidade¹ ou um biscoito frito. Mais tarde, quando construíram uma escola, Grupo escolar Jonas de Castro Lessa, aí o governo enviava algumas latas de leite Ninho e bacalhau seco e salgado. Estes não eram preparados na escola, mas doado aos estudantes para levar para casa. (Excerto da entrevista com Antônio Pereira de Almeida, realizada em 14/03/2019)

Uma situação comum nos tempos de outrora era a figura da *professora catequista*. Como o Catolicismo era a religião dominante no Brasil, e o país não era considerado um estado laico, era na escola que se aprendia o catecismo, se preparava para a primeira Eucaristia e para o sacramento da Crisma. Outro fato interessante na fala de Antônio Baiano são as salas multisseriadas, comum nas escolas do campo, de antigamente. Geralmente havia uma única professora para ensinar a todos os alunos de todas as séries, e essa mesma professora era a cozinheira, a faxineira, e morava na fazenda onde a escola era localizada. A cartilha, a brevidade, a cana picada para o lanche, uma cultura típica, uma realidade sofrida, mas cheia de ensinamentos. As crianças indo à busca de co-

¹ Tipo de bolinho feito com polvilho, maisena, ovos, açúcar e outros ingredientes.

nhecimentos, mesmo com tanta dificuldade, e a mãe que prepara cada detalhe com carinho, para que possam aprender, também são algumas das características inerentes à Educação do Campo.

A religiosidade era um fator comum na família de Antônio Baiano. As orações em família, a casa, que era o ponto de encontro dos vizinhos para rezar e fazer suas devoções, são elementos marcantes desse contexto. Seu pai, além de ser o líder das orações, ainda era uma espécie de curandeiro, pois fazia remédios para as pessoas da vizinhança. Assim Antônio Baiano define sua casa e descreve seu pai:

Sobre a pertença religiosa, nossa casa era um centro religioso. Meu pai era rezador e fazia remédios para as pessoas. Ele tinha 80 afilhados de batismo quando mudamos para Goiás, em 1974. Era uma obrigação, desde pequeno, aprender à devoção, os mandamentos da lei de Deus, as orações para antes das refeições, para depois das refeições, ao levantar e ao deitar, na hora de começar um serviço, ou quando íamos viajar. Todo sábado, entre 19 e 20 horas, tínhamos que rezar o Ofício de Nossa Senhora e a ladainha em Latim. Durante a Semana Santa, tínhamos reza todos os dias em nossa casa, e muitos vizinhos iam rezar com a gente. Meu pai dizia que a criança que completava 8 anos de idade só poderia ir deitar após fazer as devoções. (Excerto da entrevista com Antônio Pereira de Almeida, realizada em 14/03/2019)

As crianças, desde cedo, aprendiam os costumes, os valores que eram passados de pais para filhos. Mas a infância de Antônio Baiano não se resumia aos afazeres do lar e da roça, e nem apenas à escola e às orações. Ele era uma criança que brincava e, como não tinha brinquedos industrializados, ele mesmo os construía de forma artesanal. Saltam à memória de Antônio essas brincadeiras.

Nossas brincadeiras eram jogar bola feita com meias velhas e enchidas com algodão, brincadeira de roda, correr, matar passarinho com bodoque ou pegar na arapuça. A gente comia

esses passarinhos fritos. As meninas, às vezes, faziam cozinhadinha, confeccionavam pequenos bolinhos feitos com ovos de anu ou mesmo de galinha. Gostávamos também de brincar de cavalo de pau, e, mais tarde, de bolinhas de gude. (Excerto da entrevista com Antônio Pereira de Almeida, realizada em 14/03/2019)

Como na gleba de terra não tinha água o suficiente para os afazeres domésticos, as roupas eram lavadas em um rio que ficava a seis quilômetros da casa. A vida não era fácil, mas a terra em que moravam era deles, diferentemente de muitos vizinhos, que eram agregados e trabalhavam para o patrão. Mesmo com a vida sofrida, Antônio e sua família tinham sonhos, desejos de uma vida melhor.

Sempre aos sábados ou domingos, íamos a cavalo para o rio que ficava a uns 6 km de casa. Era a ocasião de levar as roupas para lavar e a gente pescava lambari e tomava banho no rio Corrente. A gente vivia ali, sem muitos sonhos, e apesar das dificuldades, tínhamos vizinhos mais pobres do que a gente. Nós tínhamos nossa própria terra e muitos dos vizinhos moravam como agregados. (Excerto da entrevista com Antônio Pereira de Almeida, realizada em 14/03/2019)

Como a casa não tinha banheiro, o banho era improvisado na bacia de zinco, que ficava perto da cisterna, ou no coxo, que ficava próximo à cisterna, mesmo a contragosto do pai:

Meu pai não gostava que a gente tomasse banho no coxo, pois deixava cheiro de sabão de bola e o gado não gostava. (Excerto da entrevista com Antônio Pereira de Almeida, realizada em 14/03/2019)

Mesmo, na dura seca do sertão nordestino, a pouca natureza que tinha marcou a vida de Antônio Baiano, e, em sua memória, ficou marcado o registro das frutas típicas da região, que eram usadas na alimen-

tação da família. Uma mistura de frutas do cerrado com plantas típicas da caatinga, provavelmente, uma zona de transição Cerrado- Caatinga².

Recordo de algumas frutas do cerrado que a gente coletava: Cambuí, Xixá, Umbu, Cagaita, Pitomba, Caju do cerrado, Juá e raramente o Araçá... (Excerto da entrevista com Antônio Pereira de Almeida, realizada em 14/03/2019)

“Mas recordo que quando chegou à notícia de que íamos mudar para Goiás. Gritamos e pulamos de alegria.” Assim relata Antônio Baiano, acerca da decisão de migrar, que não se deu por motivo fútil, mas sim, pelo mesmo motivo que levou os vários nordestinos a abandonarem sua terra em busca de uma vida melhor: a seca, a pobreza, a busca por uma vida menos sofrida. Quando os pais resolveram migrar para Goiás, já havia três anos que quase não chovia na região.

A água secando, o gado morrendo e quase não produzia nada na agricultura, a não ser um pouco que plantávamos em uma pequena gleba de terra de brejo que ficava a 2 km de nossa casa. Ali se colhia um pouco de feijão e até um pouco de arroz. (Excerto da entrevista com Antônio Pereira de Almeida, realizada em 14/03/2019)

A água, cada dia mais escassa, e, em consequência, a falta de alimentos foi um convite a migrar. E, mesmo indo para um lugar desconhecido, a alegria e a esperança de uma vida melhor fizeram com que todos comemorassem e pulassem de alegria.

A decisão não foi tomada do dia para a noite. O pai de Antônio tinha um sobrinho que era agrônomo e morava em Orizona, Goiás. Certo dia esse sobrinho foi visitá-los na Bahia e convidou a família a migrar. Falou da riqueza das terras de Goiás e da abundância de água que aqui existia. Além de convencer o pai de Antônio, convenceu também a irmã dele, que era vizinha da família. Convenceu todos a se mudarem, a fugir

² Zona de encontro e sobreposição desses dois biomas brasileiros.

da seca, que castigava, a fugir da fome e da miséria do sertão, tão castigado pela falta de chuva. No entanto, o pai de Antônio, antes de mudar, veio até Orizona para conhecer como eram as coisas por aqui. Assim narra Antônio:

Um tempo depois, meu pai e um tio vieram para Orizona visitá-los e decidiram comprar uma terra que ficava próxima aos antigos vizinhos, e, assim, tivemos que, no prazo de 60 dias, vender tudo que tínhamos lá na Bahia e migrar para Goiás. Na verdade eu não tinha completado os 12 anos. Nós chegamos em Orizona no dia 24 de agosto de 1974, e completei 12 anos em setembro. Estava cursando o segundo ano primário, e nesse ano, não consegui estudar, pois tinha que ajudar meu pai na roça. Foi um ano para construir a casa de adobe, tocar uma roça de toco, formar o quintal... (Excerto da entrevista com Antônio Pereira de Almeida, realizada em 14/03/2019)

Com a mudança de última hora, tudo teve que ser arrumado rapidamente. Os poucos pertences foram colocados em sacos de algodão cru e em malas. A simplicidade dos trajes e da mudança deixava o menino sertanejo envergonhado diante das novas pessoas e do novo lugar.

Quando chegamos a Orizona, era dia 24 de agosto, às 11h40min da manhã. Recordo que paramos em frente a uma churrasqueira, que era o ponto de parada do ônibus, e fomos descer as bagagens que eram alguns sacos feitos de algodão cru e duas malas de Duratex. Quase não trouxemos nada. Recordo que, nesse momento, estavam descendo muitos estudantes pelas ruas, e senti vergonha dos trajes e de nossa mudança. Fomos acolhidos na casa da sobrinha de meu pai, que já morava no município. Andamos 2 km a pé até a casa dela. Lá recebemos acolhida e aguardamos o ex-proprietário desocupar a residência da fazenda que tínhamos comprado. Foram poucos dias e tudo se resolveu. (Excerto da entrevista com Antônio Pereira de Almeida, realizada em 14/03/2019)

Na nova propriedade, havia muitos desafios a serem vencidos, muitas coisas a serem organizadas, e uma morada a ser construída, porque a casa, que era a sede da fazenda, ficou para o tio de Antônio. Além de ajudar o pai na construção da casa, era necessário preparar a fazenda com fins de se plantar e buscar meios de ganhar dinheiro, por isso, Baiano não foi à escola no primeiro ano de migração, para auxiliar o pai nessas empreitadas.

Estava cursando o segundo ano primário e nesse ano não consegui estudar, pois tinha que ajudar meu pai na roça. Foi um ano para construir a casa de adobe. Fizemos a nossa casa e a de minha irmã mais velha, que já tinha duas filhas. Não tinha rego d'água, por isso buscávamos a água do córrego com latas para fazer o adobe e a massa para levantar as paredes. Em onze dias, nossas casas estavam levantadas e cobertas com telha Eternit. O primeiro ano foi de muito trabalho e adaptação. Além de construir a casa, tinha que tocar uma roça de toco, formar o quintal... (Excerto da entrevista com Antônio Pereira de Almeida, realizada em 14/03/2019)

A descoberta de uma nova terra e a construção de um novo lar foram os desafios de Baiano nos anos de 1974 e 1975. A escola foi substituída pela foice, pela enxada e por diversas outras ferramentas de trabalho, a fim de dar início a uma nova vida, construir um novo recanto onde toda a família pudesse viver. O menino de 12 anos era um pequeno adulto, com suas responsabilidades e funções.

Ressalto que tivemos uma boa acolhida de uma família que trabalhava na fazenda vizinha, que era muito religiosa e nos convidou para integrar uma comunidade de base que se reunia aos domingos. Foi muito bom. Nessa comunidade li a bíblia em público pela primeira vez. (Excerto da entrevista com Antônio Pereira de Almeida, realizada em 14/03/2019)

A integração de Antônio Baiano à comunidade foi um fator importante para o seu desenvolvimento e para seu crescimento intelectual. A família vizinha teve um papel fundamental nesse acolhimento. Família essa que, além de se preocupar em integrá-los na comunidade base, no meio religioso, os ajudou com os alimentos que eles não possuíam. A gratidão é o sentimento maior de Antônio por essa família.

Nesse ano, conhecemos as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e uma família que morava numa fazenda vizinha à nossa, foi fundamental, tanto para nos integrar na comunidade, mas também sendo agregados, peões. O senhor Manuel Custódio e a dona Luzia sempre nos ajudavam. Eles tinham um filho chamado Antônio Olavo, que era presidente do sindicato dos trabalhadores. Ele ia sempre a pé para a cidade e passava por um trieiro em frente a nossa casa, e sempre deixava uma penca de banana, verduras e farinha, pois, no primeiro ano, não tínhamos frutas, nem verduras. Também recordo com saudade e gratidão. Mantemos contato até hoje. Uma das filhas do casal é madrinha de meu filho mais novo. (Excerto da entrevista com Antônio Pereira de Almeida, realizada em 14/03/2019)

Mas nem todos tinham o espírito acolhedor dessa família de vizinhos, havia, por parte de outras pessoas, preconceito em relação aos migrantes que chegavam ao município. “Percebemos que havia certo preconceito com os migrantes em Orizona, mas aos poucos fomos conquistando a simpatia das pessoas. Participando da comunidade, nas missas e fazendo amizades”, afirma Baiano. A participação na comunidade se deu pela via religiosa. Foi, no meio comunitário, que Antônio foi se desinibindo, passando a ler em público e criando laços de amizade.

Somente, no ano seguinte, Antônio pôde ir à escola. Era uma escola que ficava a aproximadamente cinco quilômetros da fazenda em que moravam, mas isso não era empecilho para deixar de estudar. Ele e seus irmãos iam a pé, e, na volta para casa, era momento de colher os frutos do cerrado. Como a escola proporcionava momentos culturais,

ele sempre participava de tudo, e a poesia era o seu forte. Antônio gostava de declamar poemas.

No ano seguinte, me matriculei na escola Estadual Amélia Issa, que ficava a 5 km de nossa casa. Todos os dias, tínhamos que levantar muito cedo para ir a pé até a escola. Fiz do segundo ano do ensino fundamental até a oitava série, fazendo esse percurso a pé. A volta pra casa era também momento de colher frutos do cerrado como: pitanga, araticum, mama cadela, marmelada e pequi. Na escola eu gostava de falar poesias, participar de teatros e de todas as atividades culturais que aconteciam: sete de setembro, desfile de aniversário da cidade, entre outros. (Excerto da entrevista com Antônio Pereira de Almeida, realizada em 14/03/2019)

Da escola rural à escola urbana, o menino Baiano sempre foi interessado e participativo, gostava de estar envolvido com tudo que a escola proporcionava. Tinha boas notas, mas com um pequeno defeitinho: a caligrafia. Por sua capacidade de interagir, e pela sua desinibição, foi o orador da turma, quando concluiu a oitava série.

Com o fim do ensino fundamental, iniciou-se uma nova etapa: o ensino médio. Mas surgiu também a necessidade de liberdade, de independência, necessidade de alçar voos, de conquistar seu espaço. Assim sendo, Antônio mudou-se para Goiânia.

Em 1982 me mudei para Goiânia para continuar os estudos e também com um desejo de ser independente. Lá iniciei o segundo grau, fazendo Curso Técnico em Contabilidade e Custos, no Colégio Rui Barbosa. Trabalhei de garçom e estudava à noite. (Excerto da entrevista com Antônio Pereira de Almeida, realizada em 14/03/2019)

Junto com o anseio da liberdade, da independência, vieram também novos chamados, novos desejos, e um deles foi o de ser sacerdote. Antes de terminar o Ensino Médio, Baiano partiu em busca de concre-

tizar esse desejo, e, para isso, mudou-se para Ipameri-GO, e passou a morar no Seminário Diocesano de Ipameri. Vejam o que Baiano fala em relação a esse momento de sua vida.

Antes de terminar o segundo grau, me senti chamado a ser padre e me mudei para Ipameri, onde iniciei a formação no seminário e continuava o curso de Contabilidade no Colégio Comercial de Ipameri. No seminário fiz o chamado propedêutico e iniciei o curso de Filosofia, que era integrado à Teologia. Foram três anos de muito estudo e de vivência comunitária. (Excerto da entrevista com Antônio Pereira de Almeida, realizada em 14/03/2019)

Os estudos como seminarista e a vivência em comunidade fizeram com que Baiano começasse a ver além do que o texto bíblico trazia. Esses elementos começaram a fazê-lo enxergar “os pobres de Deus e o Deus dos pobres”. Assim Antônio relata:

No seminário fiz o chamado propedêutico e iniciei o curso de Filosofia, que era integrado a Teologia. Foram três anos de muito estudo e de vivência comunitária. Nesse período posso dizer que aprendi com a leitura bíblica, os pobres de Deus e o Deus dos pobres. Percebi que viver a fé era intervir nos processos de libertação do povo. Posso dizer que foi um tempo de graça, apesar de que a tal da obediência à hierarquia era sempre um problema. Eu queria mais diálogo e menos imposição. Aí sempre tinham alguns desentendimentos, questionamentos que não eram compatíveis com o jeito de pensar dos reitores. De uma coisa tenho certeza: saí do seminário em 10 de fevereiro de 1987 e deixei muitos amigos. Um tempo bom para minha formação pessoal e onde adquiri muitos conhecimentos teológicos, filosóficos e humanitários. (Excerto da entrevista com Antônio Pereira de Almeida, realizada em 14/03/2019)

A visão crítica de Antônio, o desejo de dialogar, o sonho de uma igreja para os pobres, que acolhesse e lutasse pelos pobres, fizeram com que ele não seguisse a vida sacerdotal, dentro da igreja, como padre, mas que se tornasse um sacerdote do povo como compositor.

2.1 A militância de Antônio Baiano

*Quantos caminhos se tem que andar
Antes de tornar-se alguém?
Quantos dos mares temos que atravessar
Pra poder, na areia, descansar?
Quantas mais balas perdidas voarão
Antes de desaparecer?
(Zé Ramalho, 2008)*

A vida de Antônio Baiano foi marcada, desde cedo, pelo sofrimento, pela luta e pelo amor ao próximo. Desde criança ele percebia a divisão de classes e essa desigualdade o incomodava.

Desde pequeno, eu já percebia a divisão de classes e isso me incomodava. Quando fui morar em Goiânia, em 1982, eu ficava intrigado ao ver tantas pessoas que moravam nas ruas de Goiânia. Era uma pergunta que eu fazia sempre: por que uns com tantos e muitos sem nada? Por que, enquanto uns desperdiçam alimentos, outros comem do lixo? Indo para o seminário em 1984, ali nos estudos da teologia, eu tive a resposta: é a exploração, a ganância e a injustiça que geram um mundo desigual. No Ensino Fundamental, eu já participava do Centro Cívico Estudantil de Orizona, no colégio Polivalente, e, depois, no Ensino Médio, participei das lutas estudantis em Goiânia. A luta do passe livre no transporte coletivo, a meia entrada nos cinemas...(Excerto da entrevista com Antônio Pereira de Almeida, realizada em 14/03/2019)

A militância surge na trajetória de Baiano devido à sua vivência, ao seu olhar crítico, ao seu conhecimento bíblico, à sua necessidade de fazer a diferença, à sua não aceitação da desigualdade, ao sonho de ver todos tendo seus direitos respeitados, e com condições de ser gente, de viver como gente. Militante junto àqueles que Cristo tanto acolheu e defendeu: os pobres, os famintos, os desvalidos, os migrantes, os menos favorecidos financeiramente, porém, ricos de alegria, sabedoria e luta.

A formação no seminário contribuiu muito para que ele se tornasse um militante. Os estudos da Bíblia e o novo olhar adquirido transformaram a forma de agir de Baiano. Ao deixar o seminário, ele deixa o desejo de ser padre, mas não deixa o desejo de viver em comunidade e de defender a formação dos movimentos sociais, porque sabia da importância da união de pequenos grupos, da partilha da oração e dos problemas, da necessidade de criar e fortalecer laços.

Após minha saída do seminário, em 1987, comecei a me dedicar aos trabalhos de formação de jovens e animadores das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Passei também a trabalhar no Centro Promocional Campo Formoso, atividade mantida pelo Centro Social Rural de Orizona. Neste centro promocional, eram acolhidas cerca de sessenta crianças e adolescentes em situação de rua. Ali eu pude experimentar a miséria em que vive o nosso povo, escondido nas periferias até das pequenas cidades. Esses fatos me fizeram contrapor ao poder político local, que negava direitos a essas crianças, por não terem aplicado um recurso público na construção de um espaço para instalação de uma Marcenaria. O prefeito da época ameaçou me prender por eu ter dito em público que ele estava desviando dinheiro público. Foi a partir desse momento que decidi me filiar ao Partido dos Trabalhadores (PT). O único partido até os dias atuais... (Excerto da entrevista com Antônio Pereira de Almeida, realizada em 14/03/2019)

A luta social e o contato com o povo da periferia (mesmo nas cidades pequenas) despertaram em Baiano o desejo político, da mili-

tância política, e, por isso, ele resolveu filiar-se ao PT (Partido dos Trabalhadores). Antônio Baiano se depara com as crianças em situação de rua, de miséria, e luta junto aos políticos para que essa situação mude. Bogo (2003, p.43) fala sobre essa ousadia: “A ousadia, juntamente com a justeza das propostas, é que levam a salvar milhares de miseráveis da exclusão. Crianças desnutridas renascem, famílias se reconstituem, desenvolvendo valores e criando perspectivas positivas para o futuro”.

Mas, o ponto chave de sua militância é a formação (preparação de jovens e grupos, por meio do estudo da bíblia, de textos e por meio da música). Trabalhou voluntariamente como formador de jovens religiosos dentro da Pastoral da Juventude e como formador das CEBs, dois polos de atuação junto ao povo, aos grupos, à realidade. Um dos instrumentos usados nos encontros de formação foi a música. Não apenas a música religiosa, mas também a da MPB e as músicas de sua autoria.

Sua vivência e sua formação religiosa nunca o distanciaram das suas raízes, sendo que, a partir do ano de 1989, ele uniu seus conhecimentos religiosos à filosofia dos movimentos sociais de luta pela terra, tornando-se, a princípio, um formador bíblico, e, posteriormente, um militante pela luta social. Assim o compositor relata:

Em 1989 fui convidado a trabalhar como agente de pastoral na Comissão Pastoral da Terra (CPT- Goiás). Inicialmente meu trabalho seria dar uma contribuição bíblica para a equipe e junto às lideranças dos movimentos sociais, das comunidades rurais. Mais tarde fui me envolvendo na luta direta dos assalariados rurais, na luta dos agricultores familiares, que à época, eram chamados de pequenos agricultores ou pequenos produtores rurais. Nesse período também conheci a chamada “agricultura alternativa”, que visava produzir sem usar agrotóxicos ou adubação química. Passei a acompanhar as lutas pela terra junto à FETAEG (Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Goiás) e ao MST (Movimento dos Sem Terra). Neste caminho também encontrei a Educação do Campo, através das EFAs (Escolas de Famílias Agrícolas). (Excerto da entrevista com Antônio Pereira de Almeida, realizada em 14/03/2019)

A luta direta dos assaliariados, a luta de classes por seus direitos, direitos tão defendidos por Marx. As lutas de classes existem e têm grandes consequências dentro da sociedade. Segundo Konder (2008, p. 32):

As lutas de classes assumem formas extraordinariamente variadas: às vezes, são fáceis de ser reconhecidas, são mais ou menos diretas; às vezes, contudo, elas se tornam extremamente complexas e não cabem em interpretações simplistas. Nas sociedades capitalistas, as lutas de classes tendem a assumir formas políticas cada vez mais complicadas.

Antônio Baiano concretiza essa teoria marxista por meio de suas ações junto ao movimento dos trabalhadores rurais e de outros movimentos sociais. O modelo econômico tenta destruir as lutas e conquistas, mas há os que resistem. Bogo (2003) salienta que:

O modelo econômico engole parte das conquistas históricas, mas não engole a motivação, a consciência e a solidariedade entre os trabalhadores que ousam desafiar as dificuldades com o objetivo de vencer. (BOGO, 2003, p. 44)

Antônio Baiano ressalta sua luta direta junto aos assalariados rurais, Konder (2008) ressalta que:

A força do trabalho do ser humano – é claro – não pode deixar de ser arrastada nessa onda; ela também se transforma em mercadoria e seu preço passa a sofrer as pressões e flutuações do mercado. Os trabalhadores, além de viverem sob a ameaça da perda do emprego, são obrigados a se organizar e a lutar para defender seus salários; e o fato de tomarem consciência de que já existe alternativa socialista e de que a organização da produção poderia ser diferente é um fato que só pode agravar o mal estar que sentem no trabalho. (KONDER. 2008, p. 34)

Uma luta incessante, uma luta que vai contra o poder opressor, que não quer se igualar às classes sociais menos favorecidas. Outro ponto importante na fala de Baiano é a preocupação com o meio ambiente, ao ter contato com a agricultura alternativa, que não usa agrotóxico, ressaltando essa técnica sustentável. Sobre agricultura alternativa, Petersen (2012) explica que:

... as agriculturas alternativas podem ser definidas como sistemas sociotécnicos desenvolvidos em resposta a bloqueios sociais, econômicos e/ou ambientais encontrados na agricultura convencionalmente praticada em contextos históricos definidos. Dependendo das condições políticas e institucionais vigentes, esses sistemas técnicos alternativos podem permanecer como opções subvalorizadas pela sociedade ou podem suplantam os padrões convencionais de produção. (PETERSEN, 2012, p. 42)

A partir de então, sua militância, iniciada no Ensino Fundamental, continua através da militância política e da sua inserção na Comissão Pastoral da Terra (CPT). Tentando contribuir com o seu povo, e atuando junto ao seu partido, ele se candidata a vereador, vice-prefeito, deputado estadual, e atua, por muitos anos, na CPT, realizando um trabalho missionário, tanto junto às igrejas quanto junto aos assentamentos e comunidades rurais.

Iniciei minha militância no movimento estudantil, como já disse antes, no Centro Cívico, quando fazia o Ensino Fundamental, em Orizona, depois, no Grêmio estudantil, no Colégio Rui Barbosa, em Goiânia. E nesse tempo fui filiado ao PT sem ter muita clareza do que significava aquilo. Só em 1987 que percebi o que significava estar neste partido político. No PT fui candidato a vereador em 1988, sendo proclamado eleito, mas depois com a recontagem de votos perdi por quatro votos, ficando como primeiro suplente. Fui candidato a vereador mais uma vez, apenas para contribuir com o partido, mas nem fiz campanha por estar envolvido em outras atividades estaduais. Fui candidato por três vezes a deputado estadual, sendo

que, na melhor votação, fui diplomado como terceiro suplente. Fui vice-prefeito de Orizona e vereador suplente novamente. Na CPT trabalhei por onze anos consecutivos, atuando nas várias regiões do estado de Goiás, ora nas igrejas, ora nos assentamentos e comunidades rurais. Uma experiência que me possibilitou conhecer o CEBI - Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos, do qual faço parte até hoje, e também conheci o Curso de Verão do qual atuei por longos anos, contribuindo com animação e assessorias. Esse espaço de formação está sediado em Goiânia e contou com apoio da Arquidiocese de Goiânia ao longo dos anos, e atualmente é coordenado pelo Espaço Cultural Cara Vídeo. (Excerto da entrevista com Antônio Pereira de Almeida, realizada em 14/03/2019)

A luta social e a luta ambiental, tornaram-se duas vertentes de sua ação, dois rumos tomados a partir de suas experiências e de suas vivências. A militância é resumida por Baiano na seguinte definição:

A partir do momento em que você tem uma causa, uma razão para lutar pela libertação, você já se constitui um militante. Ser militante é ter causa, compreender que a realidade em que vivemos está permeada de injustiças, de desamor e de destruição de nossa casa comum. Ao trilhar os caminhos da militância, nossos horizontes vão se abrindo para novas ações. Hoje já é consenso de que nossa luta tem que passar pela sustentabilidade de nosso planeta. Sustentabilidade entendida como ambiental, social e econômica. (Excerto da entrevista com Antônio Pereira de Almeida, realizada em 14/03/2019)

O militante Antônio Baiano luta pela libertação de seu povo e pela preservação do meio ambiente, autor de músicas que denunciam a destruição da natureza. Homem atuante e persistente. Ser militante é o ato de ir ao encontro do outro, principalmente, dos menos favorecidos. É, junto com eles (classe social menos favorecida), lutar por iguadade social, justiça social, sonhar e lutar juntos.

2.2 A música na vida de Antônio Baiano

*Vocês que fazem parte dessa massa... a
margem do que possa parecer... e ver toda
essa engrenagem... já sentem a ferrugem lhe
comer. Eh... eeh..Oh! vida de gado, povo
marcado e povo feliz!!!
(Zé Ramalho, 1979)*

Até os vinte anos de idade, Antônio não tinha manifestado interesse pela música, mas, por volta do ano de 1982, o violão começou a chamar sua atenção, e, em 1985, seu pai lhe presenteia com esse instrumento de corda, que se tornou uma peça comum à sua personalidade. A partir daí, a música passou a fazer parte de sua vida, e sua vida virou música.

Eu não sabia tocar nenhum instrumento, mas, em 1982, já passei a me interessar pelo violão. Meu pai me deu um violão em 1985, de marca tonante, e aí fui aprendendo algumas posições, e, em 1986, já começaram a aparecer algumas composições. Músicas como GRITO DE LIBERTAÇÃO, JUSTIÇA ESSE É MEU GRITO, NOITES VAZIAS, e assim continuou. Fiz também muitas poesias. Fizemos uma coletânea com três amigos: SEDUZINDO A RAZÃO. Participei de outra coletânea: ORIZONA PROSAS E VERSOS e gravei dois CDs. O primeiro CD, “**Em canto pela terra**”, e o segundo, “**Horizontes**”. (Excerto da entrevista com Antônio Pereira de Almeida, realizada em 14/03/2019)

A partir do dia em que ganhou seu violão e começou a aprender a tocar, depois de um tempo, surgiu a inspiração para compor. Suas composições têm a ver com seu gosto musical, com suas raízes nordestinas, com sua origem. As músicas de autores nordestinos famosos o inspiravam, além de compositores religiosos.

Gosto muito das músicas nordestinas do Luiz Gonzaga, Alceu Valença, Zé Ramalho e Raul Seixas. Tive influência também de Zé Vicente, um cantador popular do Ceará. Também pela pertença religiosa, o Padre Zezinho já era nossa maior inspiração. (Excerto da entrevista com Antônio Pereira de Almeida, realizada em 14/03/2019)

A pertença religiosa, adquirida por influência, primeiro da família, e depois da sua vida em comunidade (CEBs) e seminário, fez com ele ouvisse padre Zezinho, um padre cantor, que canta há muitas décadas e tem vários CDs lançados. Influenciado pela sua ação social, pela luta do povo sofrido, Antônio cria composições para falar da busca de justiça, do direito a terra. Canta a destruição da natureza e a religiosidade. São composições que denunciam, que levam à reflexão e à meditação.

Inicialmente, o meu foco foi o tema da justiça e da libertação, depois, cantei a partilha da terra e a defesa do meio ambiente. Uma das músicas, na linha do meio ambiente, que já foi muito usada no meio acadêmico é o “Lamento do Cerrado”. Nós vivemos no cerrado, e este vem sendo agredido desde o início do projeto desenvolvimentista da ditadura militar. O Brasil trocou Cerrado por desenvolvimento rural, e, com isso, criou um grande impacto ambiental em nosso bioma e comprometeu as águas, a fauna e a flora. Mas também canto o amor, as paixões, os encantamentos. Gosto da moda sertaneja e do pop Rock. (Excerto da entrevista com Antônio Pereira de Almeida, realizada em 14/03/2019)

Antônio Baiano é um cantador popular, é um compositor do povo, é um fazedor de músicas que retrata a realidade do seu povo. Suas canções, além de serem canções de denúncia, são canções que cantam a esperança, a justiça social e a igualdade de direitos. Sobre ser um “cantador popular”, Antônio Baiano diz:

Ser cantor popular é cantar sem interesse de fazer grande sucesso, ocupar a grande mídia, mas fazer canções que comuniquem a esperança, a resistência a um sistema opressor e excludente. O canto popular é uma metodologia de formação, é uma mística no sentido de fazer arrepiar, dar sentido ao nosso discurso racional. (Excerto da entrevista com Antônio Pereira de Almeida, realizada em 14/03/2019)

A música é, para Antônio Baiano, uma espécie de metodologia. Por onde passa, usa suas canções como método de formação, de conhecimento, de reflexão, como mística. Onde canta? Onde é chamado, onde suas canções inspiram. É na festa camponesa, nas romarias, nas caminhadas, nas escolas, nas igrejas, na roça, na cidade e no seio das famílias.

Canto nas comunidades, nas festas camponesas e das sementes, nas romarias da terra e das águas, nas caminhadas do povo em defesa de direitos, nos seminários e eventos em que sou convidado a fazer abertura, ou mesmo, animação. Como faço assessoria bíblica, educacional e política, a música sempre faz parte de meu conteúdo, é uma metodologia. Já participei de alguns festivais regionais também. Canto muito nas festas de família. (Excerto da entrevista com Antônio Pereira de Almeida, realizada em 14/03/2019)

Quem o ouve são aqueles que, assim como ele, estão em busca de um mundo melhor. São aqueles que acreditam na força transformadora da palavra de Deus e da educação. São aquelas pessoas que estão nas pastorais, nos movimentos sociais e nas universidades, buscando aprender para fazer a diferença onde vivem, onde atuam. Suas músicas transformam vidas e são usadas como instrumento de formação e de esperança para o povo sofrido. Em todos os cantos do Brasil, ela é um grito de esperança, um grito por justiça.

Animadores de comunidades, professores, jovens das pastorais sociais, o público dos movimentos sociais do campo e universitários em geral. Acho que a música vai além de onde nossos pés pisam. Já recebi mensagens de pessoas do Sul do país, que estão usando minhas músicas nas universidades, para ilustrar monografias e dissertações. Um fato que me chamou atenção foi quando estive atuando no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA-GO). Como superintendente substituto, fui a um acampamento de sem terras que viviam há muitos anos às margens da estrada, e quando cheguei para visitá-los, fui recebido com uma música minha, “O Lamento do Povo”, e tive que dar uma resposta à minha própria música cantada por eles. (Excerto da entrevista com Antônio Pereira de Almeida, realizada em 14/03/2019)

As canções de Antônio Baiano apresentam diversas temáticas, no entanto, as três vertentes predominantes na obra musical do artista são: a religiosa, a luta pela terra e a ambiental. Como ele mesmo disse: “Esses temas são a maioria das canções, ora como enaltecimento, ora como denúncia” (Excerto da entrevista com Antônio Pereira de Almeida, realizada em 14/03/2019). Essas três vertentes musicais formam uma tríade temática bem definida em suas obras (Ambiente, Religião e Luta pela Terra), fruto da visão de mundo, do seu jeito de ser e agir. Suas músicas apresentam sua crença, seus desejos, seus sonhos, suas angústias.

Acredito que precisamos olhar o mundo como um todo, e gosto muito daquele mito da criação do mundo, onde Deus nos cria e nos coloca num jardim. Um jardim que tem de tudo, e somos colocados nele como colaboradores e cuidadores. Cultivar e guardar são palavras fortes. Nesse mesmo contexto, afirma que fomos criados à imagem e semelhança de Deus, homem e mulher, os criou à sua imagem e semelhança. Também encontramos nesse texto um relato de que existe uma árvore no meio do jardim que não pode ser tocada. Vi, nessa imagem, a reserva legal, nossas APPs (Áreas de Pre-

servação Permanente). No dia em que vocês destruírem estas, vamos morrer. A Bíblia fala muito mais da Terra do que do Céu. Acostumo dizer que a Bíblia é um manual da Luta pela Terra. Inicia garantindo a terra no livro do Gênesis, e termina dizendo que vai criar um novo céu e uma nova terra, no livro do Apocalipse. Essa tríade, em minha vida, é inseparável, acho que sem ela não consigo viver e minhas composições não fariam nenhum sentido. (Excerto da entrevista com Antônio Pereira de Almeida, realizada em 14/03/2019)

Baiano tem várias canções que apresentam temática ambiental, que mostram a devastação da natureza e a necessidade de preservar a fauna e a flora, de ver a natureza como mãe, como casa a ser cuidada e amada, como presente de Deus. Ele usa suas canções nos assentamentos e romarias da terra e da água para mostrar a necessidade de se preservar. Ele faz a Educação Ambiental por meio de seu canto, de suas composições.

Uma das canções, com o nome “Terra Conquistada”, já a usei em muito nos novos assentamentos para chamar atenção dos beneficiários para o cuidado com a fauna e a flora. Uso muito o “Lamento do Cerrado” nas romarias da terra e das águas, “Nova Romaria” para ilustrar palestras sobre nossa relação com a mãe terra, e, assim vai, até a descoberta de nossa essência. (Excerto da entrevista com Antônio Pereira de Almeida, realizada em 14/03/2019)

Como cantador popular, Baiano vive no meio do povo e da luta do povo. A cultura popular é presença constante em sua vida. E, se tem cultura popular, tem educação popular, e suas canções acabam sendo um recurso de Educação Popular, mesmo entrelaçado aos demais temas de que fala, de que discute. Segundo ele, suas músicas contribuem de forma “leve e lúdica” para a Educação Popular.

A educação popular é um espaço que deve ser construído com a razão e a emoção, com o conhecimento empírico e com os conhecimentos acadêmicos, e minha música procura fazer essa costura de maneira mais leve, lúdica. (Excerto da entrevista com Antônio Pereira de Almeida, realizada em 14/03/2019)

As canções são uma ferramenta de ensino, um instrumento de emancipação que pode levar multidões em coro a proclamar por liberdade e justiça. Quantas letras de canções marcaram época e momentos, foram temas de revoluções, e que, até hoje, são usadas em salas de aulas para rememorar esses períodos. Para Antônio Baiano, as canções têm essa capacidade de conscientização. E, as letras de Baiano, segundo ele mesmo, contribuem na construção da resistência e da mística.

Compreendo a música sempre como uma ferramenta, um instrumento que gera emancipação, conscientização. Em tempos sombrios, Geraldo Vandré deu sua contribuição com a música “Pra não dizer que não falei das flores”, e, hoje, temos que ter novas canções que comuniquem, conscientizem, e que levem à emancipação, seja nas lutas do campo, seja na educação ou nas lutas por direito e justiça no meio urbano. São várias composições minhas que vão nesta linha, e acredito que têm contribuído para construção da resistência e da mística da luta pela terra. São muitos espaços, e, em quase todos os estados do Brasil, minhas canções são cantadas, sobretudo nas romarias da terra e das águas. (Excerto da entrevista com Antônio Pereira de Almeida, realizada em 14/03/2019)

2.3 Antônio Baiano nos dias de hoje

*Caminhando e cantando e seguindo a
canção...*

(Geraldo Vandré, 1968)

Caminheiro de muitas estradas, líder de muitas lutas, animador de muitas romarias, cantador de muitas canções, Antônio Baiano chega aos 57 anos de vida e se sente realizado. Muitos caminhos percorridos, muitas conquistas idealizadas e concretizadas. Assim se define hoje:

Hoje me sinto realizado com o caminho já percorrido. Já plantei muitas árvores, me casei com Luísa em 1989, já criei dois filhos e uma filha (Lucas, Gabriel e Débora), uma bela família. Já publiquei várias poesias através de coletâneas, já gravei dois CDs, e o terceiro está a caminho. Tenho minha casa e meu pedacinho de chão. Mas onde tiver uma luta por justiça, me chama que eu vou. “Caminhando e cantando e seguindo a canção...” (Excerto da entrevista com Antônio Pereira de Almeida, realizada em 14/03/2019)

A respeito do estudo de sua obra pela academia, objeto de estudo do Mestrado em Educação, e acerca de sua vida, ele diz:

Ter minhas músicas como objeto de estudos na academia é uma satisfação, sinal que valeu a pena caminhar, escrever, viver compor e cantar. E que a partir desse trabalho eu possa continuar contribuindo com outros grupos no Brasil e mundo afora. Pode ser também estímulo a outros cantadores e cantadoras a levar a sério esse ofício de compor e cantar, mesmo sem ganhar dinheiro, mas despertando vidas para a emancipação. (Excerto da entrevista com Antônio Pereira de Almeida, realizada em 14/03/2019)

Antônio Baiano, hoje, mais do que nunca, continua atuando em defesa dos pequenos e oprimidos, faz parte de várias instituições que se preocupam com os menos favorecidos, e que lutam pelos direitos do povo do campo. Através de suas palavras e orientações, leva às escolas e universidades seu conhecimento, seus sonhos e sua música.

Faço parte da diretoria do Centro Social Rural de Orizona, antes como presidente e atualmente como vice. O Centro Social Comercial de Orizona (CSRO) é a entidade mantenedora da Escola Família Agrícola de Orizona (EFAORI). Durante todo o ano de 2018, foram reuniões mensais e assembleias ordinárias e extraordinárias. Por fazer parte da diretoria, acompanhei as audiências em Goiânia sobre Educação do campo as negociações na Secretaria de Educação (SEDUCE). Também assumo a missão de dois anos da articulação das Escolas Famílias Agrícolas do Estado de Goiás (AEFA- GOIÁS). Por causa disso, estive em vários municípios falando sobre a Pedagogia da Alternância e procurando nuclear novas escolas famílias agrícolas. Estive, em parceria com a UFG, em reunião com o INCRA para discutir a oferta de graduação em alternância para jovens agricultores através das Escolas Família Agrícola (EFAs) ou pelo Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA). Duas atividades mereceram destaque: Exposição Escola família (EXPOEFA), em ORIZONA, e SEMANA Agroecologia na Escola Família de Uruaçu (EFAU), em Uirapuru-GO. (Excerto da entrevista com Antônio Pereira de Almeida, realizada em 14/03/2019)

A sua preocupação e atuação junto às Escolas Famílias Agrícolas chama atenção e merece destaque. Tem destaque a luta pela divulgação da Pedagogia da Alternância, que permite que as famílias da zona rural possam estudar e continuar trabalhando. Outra preocupação de Baiano é a Agricultura Familiar. Junto à CSRO, busca recursos para que os agricultores possam fazer feiras e realizar outros projetos de divulgação dessa agricultura, tão importante para nosso país, afinal de contas, o

alimento que chega às nossas mesas vem do pequeno agricultor, da agricultura familiar.

Como representante do Centro Social Rural de Orizona (CSRO) faço parte da Articulação do Território Rural da Estrada de Ferro, que é composto de 14 municípios desta região. Nesta tarefa assumi a função de conselheiro e participo das plenárias que acontecem em forma de rodízio para discutir e encaminhar ações da agricultura familiar, organizar feiras e encaminhar projetos em diversas áreas do governo federal. Também, como cooperado da Cooperativa de Crédito da Agricultura Familiar, filiado ao sistema Cooperativa de Crédito Solidário da Região da Estrada de Ferro (CRESOL), fui convidado a fazer parte do Conselho Fiscal da Entidade. Nesse sentido, participei da Assembleia Geral da entidade, na qual fui eleito e fiz duas etapas do curso de capacitação de conselheiros na cidade de Muriaé - MG. Também já estou atuando como conselheiro na CRESOL. (Excerto da entrevista com Antônio Pereira de Almeida, realizada em 14/03/2019)

Militante, junto aos movimentos sociais e aos pequenos agricultores, Antônio também tem uma grande atuação política. Por onde anda, fala do Partido dos Trabalhadores (PT), ao qual é filiado. Em todas as campanhas políticas, está à frente, ajudando tanto a nível estadual quanto nacional.

Continuo minha atuação partidária no PT. Em nível local sou da executiva do Partido. Em 2018 dediquei boa parte do tempo construindo a campanha majoritária do PT em âmbito nível nacional e Estadual. (Excerto da entrevista com Antônio Pereira de Almeida, realizada em 14/03/2019)

Sua atuação religiosa, nos dias atuais, ainda lembra muito os tempos de outrora. Tem a CEBs como paixão, e as romarias como devoção. Por isso, junto à Igreja Católica, realiza cursos de verão para a formação

de teologia, e é articulador das CEBs na esfera regional, além de outras funções que fazem com que sua religiosidade esteja sempre viva e atuante.

Há muitos anos, participo da organização do Curso de Verão, um curso que oferece formação em teologia popular em Goiânia - GO. Atualmente esse curso tem duração de uma semana. Fiz um seminário preparatório e participei da semana de formação. Na diocese de Ipameri - GO, fui indicado para contribuir na organização da décima Assembleia diocesana no ano passado e pude contribuir com a síntese do diagnóstico da realidade diocesana, tanto na dimensão social como eclesial. Pude também contribuir na construção da vigésima Assembleia diocesana da Cidade de Goiás. Participei também como articulador das CEBs junto ao Regional Centro-Oeste da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) até julho de 2018. Neste sentido, fizemos toda a preparação do 14º Intereclesial, que aconteceu em Londrina, no Paraná, e fizemos o processo de repasse aqui na diocese e em nosso regional. Também em nível de CNBB - Centro Oeste, assumi a Coordenação das Pastorais Sociais, na qual realizamos sete seminários temáticos ao longo desses anos. Como representante das pastorais sociais, participei da realização da semana Dom Tomás Balduino e de ações do comitê de Direitos Humanos Dom Tomás Balduino em Goiânia – GO. (Excerto da entrevista com Antônio Pereira de Almeida, realizada em 14/03/2019)

Sempre ativo, viajando por vários cantos desse Brasil, vai em busca de conhecimento e levando conhecimento, participando de assembleias regionais e nacionais, de fóruns, e fazendo palestras em escolas. Baiano vai ao encontro de jovens e adultos. Onde o povo está, ele está; onde o povo clama, ele fala e defende; onde o povo reúne em oração, ele está junto, intercedendo a Deus e confiando na força da união do povo.

Como ex-agente da CPT fui convidado para contribuir na assessoria da Vigésima Terceira Assembleia da CPT Regional - Goiás. Na diocese de Ipameri teve início a discussão da próxima Romaria da Terra e das Águas e faço parte dessa comissão de preparação. Participei do Fórum das pastorais sociais em Brasília - DF (CNBB Nacional) Em Orizona - GO estou membro do Conselho Municipal de Educação e do Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural. Durante o ano passado, fiz palestras nas escolas municipais e estaduais de Orizona e uma palestra numa escola em Urutaí - GO, com temas sobre Ética, Família e Educação. No ano passado constituímos um Grupo de Assessoria e Animação popular e com este participei da Festa Camponesa de Silvânia - GO e de Minaçu - GO. Em Minaçu - GO fiz palestra na Universidade Estadual de Goiás (UEG) com a temática sobre a Incidência dos Movimentos Social na Transformação do Brasil. Contribuímos também na animação da festa da catequese da diocese de Goiás - GO, no encontro de formação sobre o ano do Laicato, proposto pela CNBB em Uruaçu - GO, Acreúna - GO, Jandaia - GO, Indiará - GO e Goiânia - GO. (Excerto da entrevista com Antônio Pereira de Almeida, realizada em 14/03/2019)

Antônio Baiano, o cantador popular, o animador, o sonhador... Antônio Baiano, o defensor, o religioso, o educador... Antônio Baiano. Dentre várias histórias vividas, fica a marca de um homem simples, alegre, gentil, que traz, na sua bagagem, muitas lutas e conquistas, mas que, na sua incansável luta, vive percorrendo o país na esperança de dias melhores. Assim concluímos essa biografia, com suas palavras de protesto, com suas lutas incessantes...

Neste ano, a prioridade — diante de um cenário perverso e de retração e perda dos direitos sociais — o foco é massificar a discussão da Campanha da Fraternidade, proposta pela CNBB com o tema: Fraternidade e Políticas Públicas. essa foi à definição das pastorais sociais na CNBB Centro-Oeste. No segundo semestre realizaremos um seminário para discutir os

desafios para as pastorais sociais diante deste novo cenário. Continuaremos realizando encontros na diocese de Ipameri, em função da próxima Romaria da Terra e das Águas. Outro projeto que está em andamento é o trabalho de um grupo que criamos com o nome de “Gerações – Assessoria e Animação Popular”. Estarei empenhado na continuação da articulação da Educação do Campo e na criação de novas EFAs no Estado de Goiás. Trabalharemos na direção do fortalecimento da União Nacional das Escolas famílias Agrícolas no Brasil - UNEFAB e consolidação da Associação Estadual (AEFA-GO). Dar continuidade ao trabalho de Gestão da EFAORI que, neste ano, completa 20 anos. Na construção partidária, estamos criando um grupo de reflexão da conjuntura, em Orizona, para renovar o partido e nos prepararmos para os próximos embates. Enquanto agricultor, continuar a formação de um banco de sementes crioulas na minha pequena propriedade. Manter a participação na animação pastoral e litúrgica na paróquia e na pequena comunidade de base. **Leituras permanentes:** gosto muito de ler artigos do jornalista Luiz Nassif, Jessé Souza, Frei Beto, Leonardo Boff. Acompanho o site Brasil 247. Por fazer parte da assessoria das dioceses, leio os documentos da Igreja Católica, como: Concílio do Vaticano II, Medellín, Encíclicas do Papa Francisco e exortações apostólicas. Leio Conferência de Aparecida. Faço pesquisas permanentes sobre conjuntura, pois faço análises para grupos pastorais e dos movimentos sociais no campo. Também faço leituras bíblicas diariamente. Trabalho no projeto de gravar o terceiro CD neste ano. E no mais, acho que nesta conjuntura, não tenha muito a dizer, só lamentar em ver jovens que passaram pela academia e não despertaram o senso crítico. Ver jovens e adultos graduados que têm preconceito contra pobres, contra as diferenças de raça, crença e gênero. Acho que o mundo pede um pouco mais de nós, além de dinheiro. Pede de nós dignidade e cuidado. Amar, acima de tudo, e acreditar num Deus que caminha com a gente e quer justiça e misericórdia. (Excerto da entrevista com Antônio Pereira de Almeida, realizada em 14/03/2019)

Antônio Baiano salienta o fato de jovens, que, mesmo passando pela faculdade, ainda têm preconceito contra negros, pobres e preconceito em relação à crença e gênero. A partir de sua fala, podemos perceber a importância de uma educação crítica e libertadora, tão defendida por Paulo Freire, uma educação que tire as amarras da opressão e que permita que as pessoas mudem seu jeito de pensar e de agir, uma educação que liberte de ações preconceituosas e opressoras. As leituras que ele cita são leituras que se assemelham à ideologia de Paulo Freire, uma ideologia de libertação e humanização da nossa sociedade. Assim Antônio Baiano vive, atua e, assim, continuará sempre compondo, e, ao lado do povo!

CAPÍTULO 3



A CANÇÃO DE ANTÔNIO BAIANO COMO EXPRESSÃO DE LUTA, RELIGIOSIDADE E AMOR PELA NATUREZA: *A TERRA É SAGRADA, FEITA POR NOSSO SENHOR...*

Neste capítulo apresentamos a análise das letras das canções de Antônio Baiano, e verificamos como o discurso do eu lírico retrata a luta pela terra, a religiosidade e a defesa da natureza. Partindo do princípio de que a EA é uma questão política e social, verificou-se que suas canções apresentam um discurso consciente, que nos convida a refletir sobre o poder do capitalismo, que reina (e sempre reinou) em nosso país, tornando a nossa sociedade uma sociedade desigual e sofredora.

A palavra escrita por Antônio Baiano se comporta como a palavra por Bakhtin (2006, p. 115) explicada “[...] duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte”. A palavra dita, proferida pelo eu-lirico (autor), apresenta uma face, e quando ela chega ao ouvido do interlocutor, ela apresenta outra face. O discurso proferido em forma de poesia é a interação do eu-lírico com o meio em que vive e frequenta. É fruto de suas participações no MST, nas pastorais e nas romarias. Tudo que ele viveu e ouviu, ele escreve e transforma em poesia.

A palavra estabelece uma relação com o outro, e essa relação pode ser de respeito ou de superioridade, de autoritarismo. Em meio à sociedade capitalista na qual vivemos, a palavra pode ser fonte de alienação e de dominação. Bakhtin (2006, p. 115) fala da palavra e da relação com o outro:

Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra se apoia sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor.

As escritas de Antônio são letras que trazem sentimentos vívidos e sonhos esperados para a concretização de uma luta e da caminhada percorrida. Dessa forma, nesta parte do livro, trazemos a elucidação da perspectiva metodológica adotada em consonância com os autores. Apontamos que as letras trazem em seu contexto: questão política, questão social, luta pela terra, papel da mulher dentro dessa luta e o latifúndio (o capitalismo), que vai contra tudo isso para impedir que os direitos sejam alcançados.

Mas, afinal de contas, o que é eu lírico e qual a sua importância na análise do discurso? O eu lírico, segundo Brisolara (2014, p. 02), se constitui na seguinte definição: “Embora entendamos que seja uma construção textual, tal como o narrador de uma narrativa, a figura do eu lírico dirige, no entanto, a atenção sobre o sujeito real de quem falaria.” O eu lírico expressa os sentimentos que o autor quis transmitir no momento em que está escrevendo o poema ou os sentimentos do *eu empírico*. Ainda, segundo Brisolara (2014, p. 03), “O eu lírico é uma voz, a voz que fala na poesia, e, como tal, é construção”. Mas, devemos ter consciência de que esse eu que fala, muitas vezes, expressa o que está no inconsciente do autor, o eu empírico. Brisolara (2014, p. 04) afirma que:

O eu que fala não é o eu com existência no real, que nos é inacessível. O eu que fala é o sujeito do inconsciente. Assim, o eu-lírico, enquanto eu que fala na poesia, também não escapa à ficcionalização. Não temos controle total sobre o que escrevemos ou falamos, às vezes, as palavras nos escapam. Da mesma forma, escapam ao controle da nossa mão. Às vezes esse eu que fala pode ser mais próximo ao eu-empírico e às vezes mais distante.

O eu lírico, de certa forma, acaba sendo um eu empírico, que habita a mente do autor. No momento em que ele escreve, esse eu expressa os sentimentos que fazem parte da mente do autor naquele momento, ou da realidade vivida por ele, porque poesia é uma arte que representa a realidade. Sobre poesia e sua função, Stalloni (2014, p. 142) afirma que “A poesia como as outras formas literárias, é uma arte mimética, cuja particularidade consiste em representar a realidade por vias oblíquas, através de figuras que são principalmente comparações, metáforas, metonímias”.

As canções de Antônio Baiano é uma poesia cantada, e expressa, por essas vias oblíquas, uma realidade vivida por ele no decorrer de muitos anos de militância e participação missionária. A poesia é também muito confundida com a música, ou parecida com a música. Stalloni afirma que (2014, p. 143) “o discurso sobre a poesia geralmente enfatiza as relações de parentesco que esta possui com a música”. A poesia é uma expressão de emoção, Stalloni (2014, p. 147) mostra a divindade da escrita da poesia, “Somente uma ‘graça divina’ permite aos homens de exceção alcançar o delírio criador de onde sairão os ‘belos poemas’ nos quais ‘não há nada que seja humano’”. A poesia é fruto de uma inspiração que vai além do real e passa ao imaginário. O poeta constrói seus sentimentos com aquilo que ele tem contato e vai construindo seus conhecimentos e suas emoções quando “põe para fora” em forma de poema.

O homem é um ser social, que, na sua interação, seja um com o outro, ou por meio do uso da língua, faz uso de argumentações para criticar, avaliar, expor suas opiniões. Koch (2002) argumenta sobre essa interação social e sobre o discurso que:

A interação social por intermédio da língua caracteriza-se, fundamentalmente, pela argumentalidade. Como ser dotado de razão e vontade, o homem, constantemente, avalia, critica, isto é, forma juízos de valor. Por outro lado, por meio do discurso – ação verbal dotada de intencionalidade – tenta influir sobre o comportamento do outro ou fazer com que compartilhe determinadas de suas opiniões. É por esta razão que se pode afirmar que o ato de argumentar, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato linguístico fundamental, pois a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia, na acepção mais ampla do termo. A neutralidade é apenas um mito: o discurso que se pretende “neutro”, ingênuo, contém também uma ideologia – a da sua própria objetividade. (KOCH, 2002, p.17)

O discurso presente nas canções de Antônio Baiano está entrelaçado com uma ideologia libertadora, um desejo de liberdade que atinja a todos. Suas canções emitem uma opinião construída a partir de sua vivência, e marca a sua visão crítica a respeito do poder capitalista, que culmina na desigualdade social e na destruição da natureza. Como por exemplo, quando Antônio Baiano diz, na música “Lamento do povo: Clamando pela posse da terra/ No campo milhares estão/ Esse grito está incomodando/A quem sempre viveu/ Da exploração”. E na música “Lamento do Cerrado: E a gente não vai aguentar/ Viver sem a vegetação/E morre o cabloco do mato/Onde a natureza é sua religião”.

O discurso não tem o objetivo apenas de veicular mensagens, mas de atuar como fonte de transformação em relação ao interlocutor. Koch (2002) salienta que:

Ao produzir um discurso, o homem se apropria da língua, não só com o fim de veicular mensagens, mas, principalmente, com o objetivo de atuar, de interagir socialmente, instituindo-se como EU e constituindo, ao mesmo tempo, como interlocutor, o outro, que é por sua vez constitutivo do próprio EU, por meio do jogo de representações e de imagens recíprocas que entre eles se estabelecem. (KOCH, 2002, p.19)

O interlocutor recebe esse discurso e o interpreta graças às representações de quem o proferiu, por isso, o discurso tem a capacidade de mudar situações, e opiniões dependem do contexto em que é proferido e da forma como ele é proferido.

A organização da análise adota o seguinte percurso metodológico: as letras de músicas dos dois CDs pesquisados foram digitalizadas e encontram-se em anexo. Cada CD foi analisado, e as letras das músicas receberam a nomeação de L1, L2, L3... Sucessivamente. Depois cada letra foi analisada para verificar qual a temática predominante. Ao se fazer a análise, foi construído o quadro abaixo, com as referidas temáticas separadas em células e cores diferentes. Vejamos:

Quadro 1 – Classificação das canções do cantor e compositor Antônio Baiano – Letra e Temática Principal do CD *Em Canto Pela Terra*.

CÓDIGO DA MÚSICA	NOME DA CANÇÃO	TEMÁTICA
L1	Lamento do povo	Luta pela terra
L2	A humanidade e o universo	Ambiental
L3	Lamento do cerrado	
L4	Minha terra sumiu	Luta pela terra
L5	Vida brasileira	Política
L6	Grito de paz	
L7	Por quê?	
L8	Brasil livre	Luta pela terra
L9	Romaria esperança	
L10	Romaria da terra	
L11	Vamos caminhar em romaria	Religiosa
L12	Seresteiro triste	Amorosa
L13	Tempo pra alma	
L14	Sal e luz	Religiosa
L15	Voz de criança	
L16	Mãos na massa	

Fonte: autores para o presente estudo.

No Quadro 1, trazemos a classificação das letras das canções do CD: Em canto pela terra, nomeadas de L1 a L16. Para as letras das canções que apresentam a temática “Luta pela terra”, foi usada a cor vermelha clara. Para temática Ambiental, a cor verde, para a temática Política, a cor amarela. Para a temática Religiosa, a cor azul, e para a temática *Amorosa*, a cor laranja.

Depois da classificação e da nomeação, houve a seguinte distribuição: as letras L1, L4, L8, L9 e L10 são classificadas com a temática “Luta pela Terra”, porque sua letra apresenta o apelo do povo trabalhador pela divisão e posse da terra, além de mostrar a união desse povo que caminha junto, em busca de seus direitos, em busca da tão sonhada Reforma Agrária.

As letras L2 e L3 apresentam a temática “Ambiental”. São letras em que o autor trata da destruição da natureza. Mais uma vez, o autor traz o capitalismo como responsável pela destruição da natureza, que, com sua agricultura comercial, tudo destrói, no afã de ganhar dinheiro sem pensar nas consequências para o futuro da humanidade.

As letras L5, L6 e L7 apresentam como temática a “Política”. São letras em que o autor traz questionamentos sobre o poder político do Brasil, que só prioriza os empresários, donos do capital, esquecendo-se dos menos favorecidos. Nessas letras há uma preocupação do autor em mostrar a desigualdade social, que só piora com a falta de preocupação dos políticos e a alienação do povo, que se deixa levar pelas promessas não cumpridas.

As letras L11, L14, L15 e L16 apresentam a temática *Religiosa*. São letras de agradecimento a Deus e, ao mesmo tempo, são letras que apresentam convite à luta pelos direitos. O autor mostra o valor que cada caminheiro tem a dizer, expressa que cada um é “sal da terra” e, se somos sal, temos a função de dar sabor ao lugar onde vivemos e à luta que empreendemos. Na letra intitulada “Voz de criança”, o eu lírico é uma criança agradecida por ter sido criada e se compara a uma flor. Uma letra singela que mostra a importância da gratidão em todos os momentos e circunstâncias de nossa vida.

Já o CD *Horizontes* apresenta letras com as mesmas temáticas do CD *Em canto pela terra*, porém, com acréscimos de temáticas diferentes. Vejamos:

Quadro 2 – Classificação das canções do cantor e compositor Antônio Baiano – Letra e Temática Principal do CD *Horizontes*

CÓDIGO DA MÚSICA	NOME DA CANÇÃO	TEMÁTICA
L17	Vem celebrar	Religiosa
L18	Eu sou capaz	Política
L19	Coisas da vida	Drogas
L20	Profeta elias	Religiosa
L21	Hoje estarás comigo no paraíso	
L22	Vem mulheres	Política
L23	Reconstrução	
L24	Nova romaria	Ambiental
L25	Sou catequista	Religiosa
L26	Nova escola	Educação
L27	Terra conquistada	Luta pela terra
L28	Terra prometida	Religiosa
L29	Hino da pastoral da terra	

Fonte: autores para o presente estudo.

Da mesma forma que no CD *Em Canto pela Terra*, no CD *Horizontes*, as letras de suas canções são nomeadas. No primeiro CD, as canções foram nomeadas até L16, e iniciamos a nomeação do segundo CD com L17 até L29, sendo a classificação, a saber: As letras L17, L20, L21, L25, L28 e L29 classificadas como Religiosa, e usamos a cor azul. São letras que mantêm o mesmo estilo, pois, nessas letras religiosas, o autor convida o povo a celebrar a vida e lembrar dos oprimidos que precisam de ajuda e de oração. A L19 traz a temática Drogas, e foi usada a cor rosa. Na letra da canção, o autor faz apelo aos jovens para que eles

não usem drogas, que lutem por seus sonhos sem destruir suas vidas por meio das drogas. A L18, L22 e L23 apresentam a temática *Política*. O autor convida, em uma de suas canções, as mulheres a se unirem e lutarem por seus direitos.

A L24 é a única no CD que apresenta temática Ambiental. Nesta categoria foi colocada a cor verde escuro. Através de sua letra, o autor mostra a importância da valorização da natureza, porque, de acordo com ele, nós e a natureza somos seres únicos. A L26 apresenta como temática a Educação, por isso, foi usada a cor salmão para destacá-la. Nessa letra o autor fala da pedagogia usada nas escolas família agrícola com sua Pedagogia da Alternância, que traz a esperança de uma educação libertária.

A L27 traz a temática Luta pela Terra, por isso, colocou-se a cor vermelha. O autor fala da alegria de ter a terra conquistada, depois de muita luta e caminhada. Diferente do primeiro CD, em que ele clama pela terra, nesse momento, ele mostra o trabalhador, que já conquistou sua terra.

Como cada canção foi classificada de acordo com a temática apresentada, agora, traremos a análise das letras, fazendo a interconexão com os autores, lembrando que nossa prioridade é a Educação Ambiental a permear as letras, no entanto, essa Educação Ambiental é construída a partir da questão política, social e religiosa, que se faz presente na vida do autor.

3.1 Clamando pela posse da terra... O clamor pelo direito a terra nas músicas de Antônio Baião

Quadro 3 – Classificação das canções do cantor e compositor Antônio de temática *Luta Pela Terra*.

CÓDIGO DA MÚSICA	NOME DA CANÇÃO	CD
L1	Lamento do povo	Em canto pela terra
L4	Minha terra sumiu	
L8	Brasil livre	
L9	Romaria esperança	
L10	Romaria da terra	
L27	Terra conquistada	Horizontes – vol. 01

Fonte: autores para o presente estudo.

A canção “Lamento do Povo” traz o clamor do povo pela posse da terra: “Clamando pela posse da terra/No campo milhares estão/ esse grito está incomodando/ A quem sempre viveu/ Da exploração”, a posse da terra que incomoda ao latifundiário, que, com suas grandes propriedades, mostra seu poder e seu domínio sobre os menos favorecidos, que contrata o agricultor como empregado e tira dele, ao pagar míseros salários, o direito de ter sua própria terra. Andrades e Ganimi (2007) salientam, a respeito do latifúndio, que

Uma consequência da concentração fundiária é evidenciada nos conflitos pela Terra, acentuados devido às tensões geradas pelo desenvolvimento de mobilizações dos trabalhadores rurais para reforma agrária, que tem no MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) seu expoente maior no Brasil e, em contrapartida, a mobilização dos latifundiários e grileiros a favor da manutenção da estrutura fundiária. (ANDRADES; GANIMI, 2007, p. 53)

Outro problema gerado pelos grandes latifúndios é a destruição em massa do meio ambiente, Andrades e Ganimi (2007, p. 50) explicam que “O processo de modernização na agricultura acentuou a extinção de espécies, tanto animais, quanto vegetais, por ter se dedicado a produtos, economicamente mais rentáveis”.

A hegemonia capitalista, que não considera a terra um direito social, leva à exploração da natureza. Cunha (2016) salienta a respeito dessa hegemonia:

Sob o aspecto institucional, essa hegemonia interfere restringindo as políticas públicas voltadas para os camponeses. Apesar da constante mobilização social desses sujeitos e da permeabilidade institucional às suas pautas, o que se observa na análise é a sistemática renúncia do Estado em regular o uso do território em termos de acesso à terra como um direito social. E o que é mais grave, o Estado permanece como um instrumento direto da transformação das terras públicas em ativos físicos do capital, facilitando uma intensa exploração da natureza pelos grupos monopolistas-financeiros ou ainda o seu uso como reserva de valor. (CUNHA, 2016, p.02)

Essa hegemonia, imposta pelos grupos capitalistas, tem aumentado o latifúndio, buscando torná-lo, cada dia mais, um bem rentável, que satisfaça os interesses e necessidades desse grupo. Hoje é comum ouvirmos a palavra agronegócio, e, muita gente, não percebe que esse agronegócio nada mais é do que o latifúndio com outra nomeação. A camuflagem do nome não camufla a ação devastadora. Medeiros (2012):

Caindo em desuso por causa da perda progressiva de sua força política, o termo latifúndio tem sido cada vez mais substituído nos embates políticos por agronegócio, palavra mais abrangente, que remete à propriedade da terra, mas principalmente às complexas articulações agropecuária/indústria que determinam hoje, inclusive, os parâmetros do funcionamento do mercado fundiário. (MEDEIROS, 2012, p. 452)

O latifúndio se apossa da terra não mais só para plantar lavouras, mas para fazer as pastagens, uma devastação em grande escala, que não se preocupa com a natureza. “Agro é pop, agro é tudo”³, assim diz a propaganda, no entanto, esse *pop* é devastador ao meio ambiente.

Na canção “Minha Terra Sumiu”, o eu lírico traz a questão do êxodo rural. As propagandas que divulgam uma qualidade de vida melhor na cidade fizeram com que os pequenos agricultores vendessem suas terras e fossem para o meio urbano. No entanto, chegando à cidade, tudo era diferente do que eles esperavam, as dificuldades enfrentadas (como a falta de emprego, por exemplo) fizeram surgir a fome e a miséria: “Meu povo tinha terra, podia plantar/ Colhia alimento, matava sua fome/ Tinha casa de sobra/ Meu povo tinha nome.”A alienação do homem fez com que ele acreditasse nas promessas do capitalismo e vendesse a força do seu trabalho, ao invés de continuar sendo dono da propriedade, tornou-se empregado. Sobre o trabalho, Konder (2008) afirma que:

O trabalho – admite Marx – é a atividade pela qual o homem domina s forças naturais, humaniza a natureza; é a atividade pela qual o homem se cria a si mesmo. Como, então, o trabalho – condição natural para a realização do homem – chegou a tornar- se o seu algoz? Como ele chegou a se transformar em “uma atividade que é sofrimento, uma força que é impotência, uma procriação que é castração?” (KONDER, 2008, p. 29)

O trabalho, enquanto o homem era possuidor de sua terra, era prazeroso e dava seu sustento. Mas, quando esse mesmo homem vende sua propriedade, passa a ter que vender seu trabalho, e, com isso, passa a sofrer, porque, nem sempre, esse trabalho é suficiente para se sustentar.

Na canção “Brasil Livre”, o eu lírico clama a luta pela terra e o desejo pela Reforma Agrária, pela cidadania e direitos respeitados. O trabalhador que teve pais proprietários de terra, e que foram convencidos a vendê-la, hoje, luta para ter de volta essa propriedade, e mais

³ Propaganda veiculada pela Rede Globo de televisão no ano de 2019. Nela frases como AGRO é POP, AGRO é tudo, são proferidas e escritas, enaltecendo a agricultura de extensão.

do que a posse, o sonho de ter seus direitos respeitados, ter dignidade e cidadania, tornando-se, assim, seres livres. “Se trabalhamos como assalariados/ Queremos nossos direitos respeitados/ Vamos unidos campo e cidade aos mil/ /Gritamos juntos, terra livre Brasil.” Temos aí o que Marx chama de divisão do trabalho e propriedade privada. Konder (2008), assim, evidencia:

Divisão do trabalho e propriedade privada” – escreveu Marx – “ são termos idênticos: um diz em relação à exploração do trabalho escravo”. As condições criadas pela divisão do trabalho e pela propriedade privada introduziram um “estranhamento” entre trabalhador e o trabalho, uma vez que o produto do trabalho, antes de o trabalho se realizar, pertence a outra pessoa que não o trabalhador. Por isso, em lugar de realizar – se no seu trabalho, o ser humano se aliena nele; em lugar de reconhecer – se em suas próprias criações, o ser humano se sente ameaçado por elas; em lugar de libertar-se, acaba enrolado em novas opressões. (KONDER, 2008, p. 30)

A forma de lutar contra essa opressão é a luta de classes, a união dos trabalhadores pela conquista de seus direitos. Konder (2008), sobre a luta de classes, afirma que:

Os marxistas acham que a única maneira de superar a divisão da sociedade em classes e dar início a um processo de “desalienação” do trabalho é levar em conta a realidade da luta de classes para promover a revolução socialista. Marx não inventou a luta de classes: limitou-se a reconhecer que ela existia e procurou extrair as consequências da sua existência. (KONDER, 2008, p. 31)

A opressão sofrida por aqueles que tiverem seus direitos roubados torna esses seres desumanizados, são vistos como animais que não possuem nenhum respeito. Paulo Freire (1987), em seu livro *Pedagogia do Oprimido*, alerta, justamente, para essa desumanização, vista, por muita

gente, como normal, pelo fato de serem alienados e oprimidos por um sistema opressor, que rouba, mata, divide e desqualifica.

A desumanização, que não se verifica, apenas, nos que têm sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam, é distorção da vocação do ser mais. É distorção possível na história, mas não vocação histórica. Na verdade, se admitíssemos que a desumanização é vocação histórica dos homens, nada mais teríamos que fazer, a não ser adotar uma atitude cínica ou de total desespero. A luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas, como “seres para si”, não teria significação. Esta somente é possível porque a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é, porém, *destino dado*, mas resultado de uma “ordem” injusta que gera a violência dos opressores e esta, o *ser menos*. (FREIRE, 1987, p. 16)

Freire (1987) expõe que a luta pela desumanização só tem sentido se tivermos consciência de que isso não é vocação histórica, mas uma imposição da classe dominadora, que oprime e tira do ser humano sua consciência e desejo de libertação. Essa liberdade, gritada pelo compositor, é um grito dos oprimidos, um grito de anseio, que vem através de muita luta, muito sangue derramado.

Na canção “Romaria da Esperança”, o eu lírico, mais uma vez, traz a temática da Reforma Agrária. Nessa ocasião, ela emerge atrelada à temática religiosa, quando expressa que Deus ensinou que a terra deve ser repartida. As romarias da terra são realizadas pela Igreja Católica, junto com o MST e a Pastoral da Terra. Nela os participantes clamam a Deus bênçãos para que a luta se concretize. “O povo pobre se reúne em romaria/ Pra ver de novo a terra em suas mãos/ Vem caminhando, de ônibus e caminhão/ Traz a certeza da conquista de seu chão.” A terra referida é a que foi retirada do povo pobre pelo latifúndio. Mas uma vez, temos presente as lutas de classes, só que essa luta é uma mistura da classe

trabalhadora com a religião. Sobre essa forma de luta de classe, Konder (2008) afirma que:

As lutas de classes assumem formas extraordinariamente variadas: às vezes são fáceis de ser reconhecidas, são mais ou menos diretas; às vezes, contudo, elas se tornam extremamente complexas e não cabem em interpretações simplistas. (KONDER, 2008, p. 32)

As lutas, que adquirem novas formas de se insurgir contra o capitalismo que impera. O povo, que se une em defesa de seus direitos. O capitalismo, que mata pra não perder suas propriedades. A violência imposta pelos opressores desumaniza e instaura um desejo de recuperar a humanidade e libertar-se. Freire (1987) destaca a importância desse poder nascido no meio dos oprimidos.

A violência dos opressores que os faz também desumanizados, não instaura outra vocação – a do ser menos. Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscar recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter este poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasce da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos. Por isto é que o poder dos opressores, quando se pretende amenizar ante a debilidade dos oprimidos, não apenas quase sempre se expressa em falsa generosidade, como jamais a ultrapassa. Os opressores, falsamente generosos, têm necessidade, para que a sua “generosidade” continue tendo oportunidade de realizar-se, da permanência da injustiça. A “ordem” social injusta é a fonte geradora, permanente,

desta “generosidade” que se nutre da morte, do desalento e da miséria. (FREIRE, 1987, p. 17)

Generosidade, um falso valor usado para cativar. Foi com promessas de generosidade que muitos perderam suas terras e até suas vidas. Mas o desejo guardado no coração de muitos oprimidos faz com que a bandeira da luta e da igualdade mantenha-se em pé.

Outra canção que fala de romaria é a *Romaria da Terra*, além de trazer a luta pela terra, o eu lírico rememora como o trabalhador perdeu sua terra para os grandes latifundiários. A terra vendida por pequenos valores, ou mesmo tomada, e o trabalhador que migra para a cidade e nela não consegue sobreviver por não conseguir emprego. O eu lírico destaca a importância da natureza, a considera “obra do criador”. “A terra é sagrada, feita por nosso senhor/ Ele fez e deu ao homem e também lhes ensinou que é nela que vivemos e a ela abençoou/ É tão linda a natureza, é obra do criador/ E Deus deu a inspiração, o homem fez a plantação foi assim que começou.” O trabalhador tem consciência da importância da natureza, e a enxerga como obra do Criador e bem de todos. Sobre a consciência ecológica, Baldin e Albuquerque (2013) afirmam que:

A este nível, com a entrada no Terceiro Milênio tem-se verificado efetivamente um incremento das preocupações em torno da relação entre economias neoliberais e cidadania ecológica, discutindo-se práticas de consumo verde ou sustentável, modernização e ambiente, economia solidária, entre outras. Ainda assim, os consensos mínimos em torno de problemáticas tão fundamentais como a saúde, a biotecnologia, o desenvolvimento e o ambiente são difíceis de atingir (Kolsto, 2001), exigindo, por parte dos cidadãos, o exercício de uma cidadania consciente e capaz de operar o equilíbrio entre a liberdade, a solidariedade e a responsabilidade. (BALDIN; ALBUQUERQUE, 2013, p. 03)

A cidadania ecológica, que é uma forma de ser cidadão e pensar no bem comum, tem sido, cada dia, mais discutida entre os movimentos sociais e os coletivos. Ainda, sobre cidadania ecológica e cidadão ativo, que luta por seus direitos e deveres, Baldin e Albuquerque (2013) explicam que:

O conceito de cidadão ativo, com direitos e deveres, tem-se afirmado, de facto, nas últimas duas décadas, como o eixo central de uma nova geração de políticas públicas, não estando, no entanto, determinados inequivocamente os direitos e responsabilidades concretas de um cidadão ambientalmente responsável. A relevância da ação coletiva e individual, bem como o papel a atribuir ao Estado e à sociedade no que diz respeito à questão ambiental, são, assim, elementos fulcrais para a teorização e operacionalização da cidadania ecológica. (BALDIN; ALBUQUERQUE, 2013, p. 03)

A luta por políticas públicas para os menos favorecidos é uma luta do cidadão ativo, da pessoa que tem consciência e sabe da necessidade de se unir em busca de respeito e qualidade de vida.

Na letra da canção “Terra Conquistada”, temos um eu lírico que vive outra situação. O período de luta pela terra, tão presente no CD *Em Canto Pela Terra*, já não é o mesmo retratado no álbum *Horizontes*. O artista já relata a terra conquistada e a felicidade por ter conquistado seu pedaço de chão. “Na terra conquistada,/ Hoje sou aprendiz tenho minha família/ É planta com raiz/ Cuidar da fauna e flora/ Manter a produção// Cidadania é terra/ Vencendo a guerra contra a exploração (bis)”. O autor da música mostra o povo vitorioso contra a exploração. Um povo que se preocupa com a fauna e a flora. A questão ambiental retratada dá notícias de uma natureza explorada por muitos, objeto de consumo. Do ponto de vista do eu lírico, ela deve ser cuidada, sob a ética ambiental necessária para se preservar, virtude pertencente só a quem tem consciência ecológica. Sobre a questão ambiental e a ética ambiental, Loureiro (2003, p. 34) afirma que:

O mesmo pode ser dito sobre a questão ambiental. Particularmente para o Ocidente, antes da reflexão ambientalista, a natureza era vista como objeto passivo de domínio e os seres vivos objeto de uso e preservação segundo a necessidade e interesses humanos. Atualmente, através do que vem sendo denominado de ética ecológica, estes valores são questionados por diferentes movimentos sociais e no bojo do conhecimento científico, buscando o reconhecimento de que: (1) a vida é um direito primordial; (2) a natureza, no processo dinâmico de reprodução da vida, nos impõe limites; (3) todas as formas vivas merecem respeito; e (4) os modelos de desenvolvimento não podem se basear apenas no presente, ignorando a obrigação de se garantir a possibilidade de sobrevivência para aqueles que estão por vir.

A natureza tem limites a serem respeitados, e esse respeito é necessário para a sua preservação e a sobrevivência humana. Não devemos ignorar a necessidade de cuidar da fauna e da flora de uma maneira harmoniosa, não para preservar o futuro da humanidade, mas sim garantir o nosso presente. A destruição da natureza tem comprometido, paulatinamente, o nosso presente, e precisamos agir, buscando formas de se fazer uma EA comprometida e ética.

3.2 “*E a gente não vai aguentar/ viver sem a vegetação...*” A natureza nos versos de Antônio Baiano

Dentre as muitas canções de Antônio Baiano, temos as de temática ambiental. São letras construídas a partir de suas andanças e do contato com a natureza. O canto em defesa do meio ambiente se mistura com a caminhada do povo que luta pela conquista da terra e clama a Deus, em Romaria, por terra, água e pão.

Ao dar vida ao Cerrado, lamentando a sua destruição, ele humaniza esse Bioma tão importante, que, aos poucos, está sendo devastado, a agonizar diante de nós. Ver o Cerrado e a necessidade de sua preser-

vação é um papel da EA, que, de forma crítica, pode contribuir para se repensar o porquê dessa destruição.

Quadro 4 – Classificação das canções do cantor e compositor Antônio Baiano de temática *Ambiental*.

CÓDIGO DA MÚSICA	NOME DA CANÇÃO	CD
L2	A humanidade e o universo	Em canto pela terra
L3	Lamento do cerrado	
L24	Nova romaria	Horizontes – vol. 01

Fonte: autores para o presente estudo.

Temos, agora, as canções de temática ambiental. São letras simples, mas que são frutos da vivência do autor e da sua consciência ecológica, construída na sua lida com a terra, e na atuação junto ao Movimento dos Trabalhadores Sem Terra.

Na canção “A humanidade e o universo”, o eu lírico apresenta a natureza sendo invadida por novas tecnologias e destruída para satisfazer as necessidades do latifúndio e do capitalismo. “A terra não é mais um dom pra se zelar/ Não tem mais a função social/ É o latifúndio que está a imperar/ E a tendência é/ Acabar com a terra, o nosso céu/ Até o mar/ Com o sol, com a lua, até o ar.” Sobre a questão do meio ambiente e o capitalismo, Löwy (2013) afirma que:

A questão da ecologia, do meio ambiente, é a questão central do capitalismo; para parafrasear uma observação do filósofo da Escola de Frankfurt Max Horkheimer – “se você não quiser falar do capitalismo, não adianta falar do fascismo” – eu diria, também: se você não quer falar do capitalismo, não adianta falar do meio ambiente, porque a questão da destruição, da devastação, do envenenamento ambiental é produto do processo de acumulação do capital. (LÖWY, 2013, p. 81)

O processo de acumulação do capital, o desejo de possuir, de ganhar, vai além do desejo de preservar, e, nesse processo, a natureza é vista como um produto que pode trazer dinheiro e aumentar a riqueza dos grandes latifundiários. Nesse sentido, a luta em defesa do meio ambiente é uma batalha de poucos, muitas vezes, de pequenos grupos, que são perseguidos por aqueles que querem destruir.

Na canção “Lamento do Cerrado”, o eu lírico fala em uníssono com a luta em defesa da natureza, uma luta que ele trava através de sua música, de seu canto. “Eu canto defendendo a árvore/ Belo ornamento da mãe natureza/ Lamento o nosso Cerrado, todo destruído/ Choro de tristeza”. A destruição em massa do meio ambiente merece uma atenção maior, os grupos sociais precisam se ater e buscar meios para conscientizar da necessidade de preservar. Loureiro (2003) ressalta sobre a categoria meio ambiente:

A categoria meio ambiente vem se constituindo em uma das mais importantes dimensões da vida humana merecedoras de atenção e análise por parte dos diferentes grupos e classes sociais que compõe a sociedade contemporânea. (LOUREIRO, 2003, p. 20)

No entanto, essa destruição não é vista e criticada apenas por grupos locais. Com a globalização e as mudanças climáticas, grupos do mundo todo se unem na luta em favor da vida do nosso planeta. Loureiro (2003) salienta que:

A globalização, especificamente em sua dimensão ecológica, é caracterizada por dois sentidos interconexos; (1) Pela origem transfronteiriça de diversos problemas ambientais (uso de bens ambientais comuns poluição e dinâmica populacional) e (2) Pelos processos políticos e culturais decorrentes desses problemas de institucionalização de organizações transnacionais, leis, tratados e convenções internacionais e de debates acerca da ética ecológica. (LOUREIRO, 2003, p. 20)

A ética ecológica é uma discussão que nos alerta para o cuidado com o meio ambiente, na perspectiva em que, cuidando do meio, estamos cuidando de cada um de nós, porque a vida da fauna e da flora nos proporciona permanecermos vivos.

Na canção “Nova romaria”, o eu lírico lembra que precisamos da terra todo dia, que é da terra que vem nossa sobrevivência. “Nós precisamos todo dia/ terra e água fria pra sobreviver/ Contemplar a natureza/ Ter o pão na mesa pra poder comer”. Loureiro e Layrargues (2013, p. 56) trazem a discussão sobre a ecologia política, que vê a natureza como um meio prioritário para a existência humana. “Na ecologia política a natureza é vista não somente como fonte de recursos, mas como ontologicamente prioritária para a existência humana [...]”. Ter uma participação e ação nas discussões sobre a problemática ambiental torna o ser humano um ser participante, que interage e vivencia os problemas de seu grupo e do seu meio social. Assim, vê-se que a ecologia política está voltada para a diversidade cultural, voltada à prática social e à satisfação das necessidades. Loureiro e Layrargues (2013, p. 56) comentam sobre essa nova abordagem de pensamento.

Todavia, essa posição da ecologia política que se expressa no debate dos movimentos sociais de teor classista, no movimento de justiça ambiental e na abordagem crítica da educação ambiental, perde centralidade explicativa do real, cedendo espaço para outra abordagem que cresceu significativamente nos últimos vinte anos, por força das próprias discussões postas pelos pós-modernos e pós-estruturalistas, e diante da denominada crise do socialismo real.

Que cada ser humano não culpe o outro pela crise ecológica, mas que se coloque como ser participativo dessa sociedade consumidora, que, ao acumular bens, colabora na destruição do planeta. A EA crítica nos ajuda a nos posicionar como seres que integram essa sociedade que se degrada. Loureiro e Layrargues (2013, p. 59) apontam para a necessidade de nos afirmarmos como seres sociais pertencentes a essa sociedade.

Essa linha argumentativa da ecologia política crítica e marxista é importante para as ações em educação ambiental, pois evita que caiamos na armadilha do discurso abstrato que coloca na espécie humana uma ruindade ou uma bondade inerente, ou que culpabiliza os comportamentos individuais, como se os indivíduos interagissem com o planeta sem mediações sociais, sem ser parte de uma sociedade, que é também produzida por esses indivíduos.

A interação dos indivíduos e as ações comuns são os fatos que levam aos grandes problemas ambientais. Somos todos partícipes de uma sociedade, e, por isso, não apenas nosso comportamento individual influencia na relação com o planeta, mas as ações coletivas, estas que trazem transformações tanto para a destruição como para a preservação.

Ainda, na canção “Nova romaria”, o eu lírico enfatiza que terra e água juntas formam o ser humano. “Somos terra e água junto/ todo esse conjunto também é você!”. Leonardo Boff (2002), teólogo e escritor, nos alerta sobre a necessidade de ver a Terra não como o modelo capitalista nos impele a acreditar, algo a ser consumido e destruído para satisfazer nossos desejos. É preciso ver a Terra como um ser vivo que necessita ser respeitado e cuidado. Boff (2002, p. 97) nos diz que:

Não respeita a Terra como o grande outro e como subjetividade. Reduz este superorganismo vivo a um baú inerte de recursos naturais, entregues ao bel-prazer humano. Violenta a alteridade dos ecossistemas, depredando seus recursos, ameaçando as espécies, envenenando os ares, poluindo os solos, contaminando as águas, como se estes representantes da comunidade terrenal não tivessem uma história mais ancestral que a nossa e nós não dependêssemos deles para a nossa própria vida.

A falta de ética em relação à natureza, ao planeta Terra, gera a crise ecológica, já citada na introdução. Essa crise está conjugada, entrelaçada à crise econômica, uma vez que o sistema capitalista precisa da

natureza como mercadoria para manter a economia viva e ativa. Löwy (2013, p. 79-80), sobre a crise ecológica, afirma que:

A crise econômica e a crise ecológica resultam do mesmo fenômeno: um sistema que transforma tudo – a terra, a água, o ar que respiramos os seres humanos – em mercadoria, e que não conhece outro critério que não seja a expansão dos negócios e a acumulação de lucros.

A crise ecológica mencionada, oriunda do capitalismo destruidor, assola não apenas o meio ambiente, mas suprime vidas. As letras de Antônio Baiano nos remetem a essa crise ecológica e nos alertam sobre essa destruição, aventando um convite a repensar nossas ações em relação ao meio ambiente. Desvela-se, pelas letras, uma crise que se amplia em consequência da alienação das classes menos favorecidas e da manipulação dos poderosos a manterem suas vontades, impostas à revelia das consequências.

Patricia Limaverde Nascimento, em seu artigo “Edgar Morin: seu pensamento transdisciplinar e a educação planetária”, ressalta que:

Segundo Morin, nosso atual modelo de educação, fundado sobre a lógica da disjunção, é incapaz de perceber as relações existentes entre os conhecimentos, é incapaz de conceber e contemplar, em seu currículo e sua didática, o ser humano como um todo indiviso. Desta maneira, contribui para o distanciamento cada vez mais crescente do ser humano para com os outros e para com a natureza. Sem falar no desconhecimento do ser humano em relação a si próprio, a seus desejos internos, suas necessidades, seus sentimentos, medos e anseios. (NASCIMENTO, 2012, p. 01)

Essa disjunção, que distancia o ser humano de si próprio e da natureza, é destacada por Morin (2006, p. 11), quando ele afirma que “Vivemos sob o império dos princípios da disjunção, de redução e de abstração cujo conjunto constitui o que chamo de o ‘paradigma de sim-

plificação.” Ainda, segundo Morin (2006, p. 12), “[...] o pensamento simplificador é incapaz de conceber a conjunção do uno e do múltiplo (unitat multiplex). Ou ele unifica abstratamente ao anular a diversidade, ou, ao contrário, justapõe a diversidade sem conceber a unidade”.

A crise ecológica é consequência desse distanciamento do homem de si e da natureza, uma vez que ele não se vê como parte integradora do meio, acabando por destruir sem pensar que está destruindo a si mesmo. Nascimento (2012, p. 01) afirma que:

Somos, ainda, parte de uma natureza indivisível. Dependemos de interligações com outros seres vivos, com seres não vivos, somos natureza. Essas são as três dimensões do ser humano: enquanto indivíduo, enquanto espécie, enquanto ser social. O ser humano está ameaçado em todas as suas dimensões. Esse pensamento simplificador da realidade fez com que, ao perdermos a visão do todo e suas ligações, produzíssemos conhecimentos capazes de nos distanciar cada vez mais da vida natural e social. Produzimos ameaças a nós mesmos. Enquanto espécie, estamos ameaçados constantemente por perigos de guerra, de desastres nucleares, perigos causados pelo aquecimento global.

O pensamento simplificador leva o ser humano a não se reconhecer como parte integrada aos outros seres, e esse pensamento está prejudicando as relações, tanto entre os humanos quanto dos humanos com os demais seres. É o que Morin (2011, p. 12) chama de inteligência cega. Segundo o autor:

A inteligência cega destrói os conjuntos e as totalidades, isola todos os seus objetos do seu meio ambiente. Ela não pode conceber o elo inseparável entre o observador e a coisa observada. As realidades – chaves são desintegradas. Elas passam por entre as fendas que separam as disciplinas. As disciplinas das ciências humanas não têm mais a necessidade da noção de homem. E os pedantes cegos concluem então que os ho-

mens não têm existência, a não ser ilusória. Enquanto que as mídias produzem baixa cretinização, a Universidade produz a alta cretinização. A metodologia dominante produz um obscurantismo acrescido, já que não há mais associação entre os elementos disjuntos do saber, não há possibilidade de registrá-los e de refletí-los.

A escola desenvolve um papel fundamental na construção de uma inteligência que vai além dos conjuntos pré-estabelecidos ou das chamadas caixinhas. A escola tradicional simplifica e iguala conhecimentos. É preciso perceber que a escola tem o papel de interligar conhecimentos e não separar. A visão fragmentada produzida pela escola tradicional acaba por formar seres com pensamentos fragmentados, que agem como tal nos ambientes onde vivem.

3.3 “E o governo inventado por nossa televisão/ faz o povo aplaudir sua mordomia...” O poder político que aliena e explora: uma denúncia presente nas letras de Antônio Baiano

Antônio Baiano, como líder da Pastoral da Terra e da Comissão Pastoral da Terra, sempre esteve presente em demandas políticas para buscar soluções em relação ao conflito agrário. Foi candidato a deputado e vice-prefeito de Orizona. Essas atuações, juntamente com sua participação na igreja, sua convivência com os “Sem Terra” e com os assentados, renderam algumas composições que mostram o cenário político da época. Por meio de um eu lírico questionador e observador, Antônio Baiano apresenta essa sociedade e faz seus questionamentos.

Quadro 5 – Classificação das canções do cantor e compositor Antônio Baiano de temática *Política*.

CÓDIGO DA MÚSICA	NOME DA CANÇÃO	CD
L5	Vida brasileira	Em canto pela terra
L6	Grito de paz	
L7	Por quê?	
L18	Eu sou capaz	Horizontes
L22	Vem mulheres	
L23	Reconstrução	

Fonte: autores para o presente estudo.

Na letra da canção “Vida Brasileira”, o eu lírico anuncia: “Fiquei sabendo que temos uma fiança/ A responsável da injustiça social/ Pois tudo aquilo que a gente tem produzido/ Manda pro Estados Unidos pra manter o capital.” O capital menos favorecido, que luta contra o grande capital, o capital que deve para outro capital, e essa competição, que torna os pobres mais pobres, sem, muitas vezes, ter o que comer. Konder (2008, p. 32) assinala que:

A competição desenfreada dos capitalistas uns com os outros, em torno da busca do maior lucro, acarreta um grave desperdício de recursos. Na competição, os empresários mais poderosos vão impondo a lei deles, os mais fracos vão sendo sacrificados e acabam prevalecendo os monopólios.

Os Estados Unidos, a grande potência capitalista mundial, emprestam dinheiro aos países mais pobres, cobrando desses países juros altíssimos, que impedem o seu desenvolvimento. Assim é o Brasil retratado por Baiano, um país devedor, que vive uma grande injustiça social em consequência da sua dívida externa, e os Estados Unidos, um grande monopólio sugador dos países pobres.

A escola tem papel fundamental na construção de um pensamento libertador e crítico. A opressão sofrida, imposta, poderá ser exterminada mediante uma educação libertadora, humanizadora. Nesse sentido, Arroyo tece a seguinte explicação:

Toda ação pedagógica nos movimentos ou nas escolas deverá levar em conta as formas históricas e diversas das relações sociais de opressão libertação. Paulo Freire aprofunda a concepção de educação ao lembrarnos, que nessas vivências históricas de opressão, entram em jogo processos de humanização-desumanização na diversidade de dimensões do ser humano. É significativo que uma das dimensões mais destacadas por Paulo Freire na Pedagogia do Oprimido seja a identificação entre educação e humanização: como nos fazemos humanos ao fazermos a história. Assim se aprende a visão mais radical da teoria pedagógica e do fazer educativo. (ARROYO, 2012, p. 559)

Fazemos-nos humanos quando construímos nossa história. O capitalismo tenta impedir a construção de uma história que seja diferente da imposta, tenta impor uma cultura que venha da classe dominante. Ter conhecimento desses fatores faz com que o império do capitalismo não reine soberanamente sobre todos.

A luta pela humanização é, para Paulo Freire (1987, p. 31), a superação da contradição opressor-oprimido. Vejamos:

Desde o começo mesmo da luta pela humanização, pela superação da contradição opressor-oprimidos, é preciso que eles se convençam de que esta luta exige deles, a partir do momento em que a aceitam, a sua responsabilidade total. É que esta luta não se justifica apenas em que passem a ter liberdade para comer, mas “liberdade para criar e construir, para admirar e aventurar-se”. Tal liberdade requer que o indivíduo seja ativo e responsável, não um escravo nem uma peça bem alimentada da máquina. Não basta que os homens não sejam escravos; se

as condições sociais fomentam a existência de autômatos, o resultado não é o amor à vida, mas o amor à morte. Os oprimidos que se “formam” no amor à morte, que caracteriza o clima da opressão, devem encontrar, na sua luta, o caminho do amor à vida, que não está apenas no comer mais, se bem que implique também nele e dele não possa prescindir.

Sair da opressão significa conhecer sua história e lutar para que haja uma mudança, para que se estabeleça uma igualdade, em que todos são considerados humanos.

Na canção “Grito de Paz”, temos uma letra que trata tanto da questão política quanto da questão ambiental. Na primeira estrofe, o eu lírico apresenta a destruição da natureza e questiona quem é o responsável por essa destruição. “Quem foi que disse que temos que acabar/ Com a natureza e toda a plantação/ Agora falam em ecologia/ Virou mania, será a solução./ Só tem fumaça, poluição./ Quem é culpado pela destruição?” Esse questionamento sobre quem destrói e porque destrói constitui um pensamento da Educação Ambiental política. Sobre a Educação Ambiental política, Reigota afirma que:

[...] a educação ambiental deve ser entendida como educação política, no sentido de que ela reivindica e prepara os cidadãos para exigir e construir uma sociedade com justiça social, cidadanias (nacional e planetária), autogestão e ética nas relações sociais e com a natureza. (REIGOTA, 2014, p. 14)

Pensar a EA como crítica é “olhar para a organização do espaço sociambiental com reflexo da dialética constitutiva do real, o processo de totalização na interação entre local e global, entre a luta de classes, entre desenvolvimento e subdesenvolvimento”. (GUIMARÃES, 2007, p. 28). É necessário se pensar uma ação educativa que transforme a realidade, que conduza à práxis e ao comprometimento com o processo de transformação social. Guimarães (2007, p. 28) destaca que:

Dentro desta concepção, a Educação Ambiental Crítica se propõe em primeiro lugar, a desvelar esses embates presentes, para que numa compreensão (complexa) do real se instrumentalize os atores sociais para intervir nessa realidade. Mas apenas o desvelamento não resulta automaticamente numa ação diferenciada, é necessária a práxis, em que a reflexão subsidie uma prática criativa e essa prática dê elementos para uma reflexão e construção de uma nova compreensão de mundo. Mas esse não é um processo individual, mas que o indivíduo vivencia na relação com o coletivo em um exercício de cidadania, na participação em movimentos coletivos conjuntos de transformação da realidade socioambiental.

A participação dos indivíduos, dentro da sociedade, é destacada, aprendendo, opinando, lutando contra a hegemonia que quer dividir e oprimir.

A construção de uma sociedade justa é o sonho de uma vida tranquila e de paz a todos. Nessa acepção, ainda, na canção “Grito de paz”, o eu lírico alerta sobre a violência, a fome e a morte, que imperam em um mundo em que países ricos travam guerras contra os países pobres, principalmente, para tirar deles as riquezas naturais como o petróleo, o ouro preto, que divide nações. “A nossa vida tende a se acabar/ Pela violência, fome e exploração/ Se a ONU fala, é tricandeira/ Estoura guerra em todas as fronteiras/ O imperador e o presidente?/ A juventude morre indigente!”

A violência é um fator comum quando o assunto é dinheiro e divisão de terras. Ela pode atingir homens, mulheres, crianças, jovens, e, até mesmo, a natureza, que se torna um meio de ganhar dinheiro por parte dos exploradores. Sobre os diversos tipos de violência, Brito *et al.* (2007, p. 770-771) exemplificam:

Em sentido amplo, violência é qualquer ato violador ou constrangedor da integridade psicofísica de mulheres e homens. A violência é constitutiva da modernidade, seja na sua relação com a natureza – impondo uma relação quantitativa, de extração de riqueza, e não qualitativa, na dimensão do sensível da

relação homem e natureza –, seja na sua relação com os seres humanos, quantificados abstratamente sob a forma-mercadoria, estranhando a si mesmos, aos outros e ao produto de sua atividade criadora. Instaure-se uma vasta cadeia de violência social, constituída pela indissociável relação entre “violência econômica” e “violência extraeconômica”, nos rastros da (também indissociável) vinculação entre mercado e Estado. A violência econômica brota das próprias *condições econômicas* capitalistas, marcadas pela expropriação e a exploração. Manifestam-se por meio de uma rede capilarizada de usurpações, violações e constrangimentos cotidianos, cujos tentáculos alcançam trabalhadores, desempregados, subempregados etc.

A força do capitalismo usurpa e viola todos os direitos, não importando os meios que irá usar para alcançar seus objetivos. Essa força destruidora banaliza o ser humano, levando-o a uma pobreza material e espiritual que o torna sujeito das ações sem reagir e sem rebater. Silência, aceita, obedece. A violência que o cerca o mutila de vontades, desfaz sonhos e empobrece a alma. Brito *et al.* (2007, p. 774) discorrem sobre essa exploração humana, que acontece por meio da exploração do seu trabalho e dos seus direitos.

As áreas de monocultura, assim como as regiões de extração mineral, estão marcadas por uma pobreza secular. Comunidades rurais, quilombos e aldeias são desterrados com extrema violência. A natureza é degradada e violentada sem limites pela necessidade de expansão do capital e pela ação do Estado. O ser humano, nessa lógica, reduz-se a mero índice banalizado, seja na composição do valor e da produtividade do trabalho, seja nos quadros anuais de assassinatos no campo. Quanto mais avançadas são as formas de produção no campo, unindo ciência, tecnologia, latifúndio e capital financeiro, mais arcaicas e violentas são as formas de exploração do trabalho humano.

A banalização de valores e do trabalho traz em seu bojo um tipo de violência que torna comum e que esmaga a vida dos pobres trabalhadores, principalmente, do meio rural.

A canção “Por quê?”, de certa forma, traz uma continuação do questionamento da música “Grito de paz”, cuja tônica é a autoridade dos políticos, que impera sobre a vontade do povo. O eu lírico questionador quer saber o porquê de ele não ter direito a votar, por que o Brasil doa terra para outros países e deixa o povo brasileiro sem terra para plantar. “Por que que a vida inteira eu vivo só de pensar/ Se são muitos projetos e nenhum posso assinar/ Só eles lá por cima têm direito de votar?/// Eu não sei por quê?”

A crise política exclui as pessoas e leva à crise ecológica. Essa crise não acaba com o capitalismo. Löwy (2013, p. 79)

O mesmo vale para a crise ecológica. Por si mesma, ela não leva ao “fim do capitalismo”; por mais que acabe o petróleo, ou que se esgotem outras fontes essenciais da riqueza, o sistema continuará a explorar o planeta, até que a própria vida humana se encontre ameaçada.

A destruição do planeta pode acabar com a vida humana, e, mesmo assim, o capitalismo quer explorar e destruir. Independentemente das consequências, não há nada que barre as garras do capitalismo. O que pode amenizar são as lutas das classes sociais, conscientes e organizadas, ao reivindicarem e fazerem algo em prol do meio ambiente.

Por outro lado para poder explorá- los, o capital reúne operários em suas indústrias, mas essa massa trabalhadora aglomerada se organiza, toma consciência se sua força passa a reivindicar com mais firmeza as coisas que lhe convêm, até poder liderar uma revolução social e criar uma organização socialista para a sociedade. (KONDER, 2008, p. 32-33)

Uma organização social unida, e que enfrente o capitalismo de frente. Mas todos sabem o quanto é difícil essa luta, o quanto é difícil

formar pessoas conscientes, capazes de lutar por seus direitos e pela sobrevivência do planeta.

Na canção “Eu sou capaz”, temos um eu lírico esperançoso na capacidade transformadora do ser humano “Eu sou capaz de transformar o mundo/ Em um segundo, poder pensar/ Eu sou capaz de mudar meu país/ Ver a justiça recomeçar/ Pois a justiça é requisito, está escrito só praticar.” Uma justiça igualitária que traga mudança para nosso país.

O papel da mulher nessa sociedade que reivindica é muito importante. As mulheres têm tomado frente em muitas situações, e graças a elas a sociedade tem mudado o ponto de vista em relação a muita coisa. Na canção “Vêm mulheres” o eu lírico conclama as mulheres a refazer nossa história e a lutar pela liberdade. “O vêm mulheres, vem se encontrar, encontre forças, precisas te libertar (bis).” O empoderamento feminino, tão necessário na construção de uma sociedade mais justa, uma vez que as mulheres, na sua maioria, vivem subjugadas a condições desumanas, por serem consideradas inferiores aos homens.

O patriarcado, tão comum em nosso país, cristaliza o poder dos homens, a se sentirem donos das mulheres, e as mulheres, muitas vezes, são criadas para serem submissas aos seus maridos, realizar todas as atividades de casa, cuidar dos filhos. Sobre o patriarcado, Faleiro e Farias (2017, p. 837) afirmam que:

O patriarcado é um modo de organização das relações sociais cuja lógica de divisão de trabalho entre homens e mulheres direciona o que cada gênero deve e pode fazer, conferindo-lhes espaços e atividades determinadas, geralmente tidas como naturais.

A luta das mulheres contra esse patriarcado, e esse domínio do homem ao longo de décadas, já desencadeou a criação de leis como, por exemplo, a Lei Maria da Penha, e também a organização feminina, tanto nas associações, como nas universidades. É uma luta que sempre tem um grande embate social e político devido ainda à concepção machista que reina no Brasil e em muitas partes do mundo. Muitas vítimas,

muito sangue derramado, é uma luta que começa com a educação e a escolarização, no intuito de mostrar que a mulher é gente e tem que ser respeitada e valorizada.

Na canção “Reconstrução”, o eu lírico traz novamente a sociedade dividida e desigual, uma sociedade competitiva. “Papai dei uma volta na rua/ Andei pela cidade nesta sociedade tive decepção/ Não ví a solidariedade, percebia maldade vejo competição/ Pergunto pela juventude/ Vida em plenitude perco a direção.” A reconstrução da sociedade capitalista, que não depende apenas de um, mas de toda uma sociedade organizada e consciente. Konder discute sobre a influência da comunidade no indivíduo, e essa influência que, muitas vezes, o modifica.

A falta de dialética e o anseio pela comunidade, combinados, podem igualmente influir – e com frequência influem mesmo – no comportamento dos revolucionários. Antes de poder transformar a sociedade na qual nasceu e atua, o revolucionário é uma boa parte formada por ela, de modo que seria ingenuidade supor que ele possa permanecer completamente imune aos seus venenos. (KONDER, 2008, p. 79)

Quem vive dentro de uma sociedade não permanece imune ao que ela oferece. Somos seres sociais e históricos, que vivemos sob a influência do meio que nos cerca. A reconstrução de um determinado lugar e de uma determinada situação se torna impossível se ela não for o desejo da maioria.

3.4 “*Vamos caminhar em romaria/ vamos caminhar com o teu povo!*”: o ritual e a mística como fonte de saber popular

A vida de Antônio Baiano sempre foi permeada pela religiosidade. Seu pai reunia a família e rezava o terço, juntos eles participavam das CEBs, e, assim, ele foi construindo um profundo relacionamento com Deus. Essa relação se aprofundou com a formação em filosofia e com as pastorais em que atuou e continua atuando. Em seus dois CDs,

há um número grande de canções de temática religiosa, com diversas abordagens. Mas, em todas, encontramos a presença da temática “luta pela terra” e da questão ambiental.

Quadro 6 – Classificação das canções do cantor e compositor Antônio Baiano com a temática *Religiosa*.

CÓDIGO DA MÚSICA	NOME DA CANÇÃO	CD
L11	Vamos caminhar em romaria	Em canto pela terra
L14	Sal e luz	
L15	Voz de criança	
L16	Mãos na massa	
L17	Vem celebrar	Horizontes – vol. 01
L20	Profeta elias	
L21	Hoje estarás comigo no paraíso	
L25	Sou catequista	
L28	Terra prometida	
L29	Hino da pastoral da terra	

Fonte: autores para o presente estudo.

No CD *Em Canto Pela Terra*, temos a canção “Romaria da Terra”. Nesta o eu lírico relata um momento em que o povo se reúne para alimentar sonhos e utopias, para debater problemas e buscar soluções. “Romaria da terra, romaria do amor/ Romaria de um povo sofredor!/ Romaria de Deus, romaria da vida/ Romaria da moradia”. O povo sofredor, nessa cena, se reúne e clama por vida, terra, pão e moradia.

Os movimentos sociais se organizam e têm uma forma particular de educar, a força formadora desses movimentos é rica de rituais e de místicas que representam toda a luta e todo o seu trabalho. É a pedagogia que vem da terra, dos frutos colhidos. A Romaria da terra é um ritual criado pela Igreja Católica, e que, junto com o MST, leva a todas as pessoas um aprendizado diferente, é um ritual de denúncia, de louvor e de fortalecimento. Sobre a força desses rituais, Arroyo (2014, p. 85) salienta que:

Esse é um dos aprendizados que os coletivos de trabalhadores (as) em movimentos trazem para o pensamento pedagógico. Mostrar em rituais e símbolos a força pedagógica da terra, do trabalho, dos processos de produção da vida. Pedagogia da terra, do trabalho, da vida produtiva. Apenas destacar o caráter didático desses rituais e símbolos não dá conta de suas virtualidades formadoras. São mais do que didáticas. A sua força está em fazer presente a força pedagógica do real: terra, trabalho, esforço humano, coletivo, por transformar a terra, produzir a vida construindo valores, culturas, identidades. Humanizando.

A força desses rituais, que mostra a identidade dos movimentos sociais, e que caminha em busca da humanização, do direito de ser visto como gente e ter os mesmos direitos.

Na canção “Sal e luz”, o eu lírico faz referência ao texto bíblico (Mt 5, 13-16), que aborda sobre o sal como tempero que dá sabor, e constrói uma letra em que, metaforicamente, usa o sal como fonte de transformação, a dar sabor à luta do povo oprimido. “O sal que traz a igualdade/ O sal na mesma comida/ O sal que traz o sabor/ Na vida que brota mais vida/ A luz da estrela guia mostra-nos a direção/ A luz que guia o oprimido/ Pra terra que faz brotar pão.” O sal, com sua importância, proporcionar sabor ao alimento e a luz que tem a função de guiar, de conduzir o povo oprimido em busca da libertação. Os símbolos presentes nos movimentos sociais, que permitem uma reflexão, são algumas formas de pedagogias ilustradas. Arroyo (2014, p. 86) fala sobre essa questão.

Frente a tantas pedagogias ilustradas, discursivas, convincentes, que têm como centro a palavra, a letra, as pedagogias dos movimentos trazem a centralidade dos processos de produção, as relações produtivas, na terra, no trabalho e seus produtos. As místicas e tantos rituais socializadores dos trabalhadores (as), dos povos do campo, indígenas, quilombolas, sem teto, sem lugar, trazem essas pedagogias e aprendizados, saberes, modos de pensar inerentes ao trabalho, ao fazer-se fazendo a história coletiva.

A luta constante do trabalhador, do oprimido, se manifesta através de suas místicas e rituais, frente a uma opressão que não respeita e que menospreza os saberes do povo, ricos de pedagogias e aprendizados.

Na canção “Voz de criança”, o compositor apresenta uma criança como eu lírico, uma criança agradecida pela vida e pela felicidade. “Eu sou uma criança feliz/ Porque você me criou/ Eu sinto alegria na vida/ Porque para o mundo eu sou como uma flor.”

A junção de religiosidade e denúncia social se faz presente em todas as músicas de Baiano. Na canção “Mãos na massa”, o eu lírico reforça a importância da união na luta pela libertação. “Ponha suas mãos na massa/ Venha participar da festa recriação/ No mundo que Deus nos dá./ E quando você chegar irmão/ Encontrará outras mãos/ A vida e a esperança será fermento, libertação”. Na Romaria o povo que se reúne, ao se juntar, leva consigo suas angústias, seus temores, mas não deixa de ter esperança e crença num futuro melhor. A libertação tão sonhada está manifestada nos diversos rituais e encontros pelo país a fora. Arroyo (2014, p. 86) expõe que:

Todos os rituais dos movimentos sociais estão colados aos tempos de produção e de trabalho, ora da perda da colheita, da fome, do sofrimento, ora da celebração da boa colheita, da vida, da ocupação da terra, do mutirão na construção da casa, da reprodução digna e justa da existência desde crianças. As místicas como tantos rituais da diversidade de coletivos trabalhadores (as) celebram a vida do trabalho, a luta por terra, por justiça, por outro projeto de campo e de cidade e de sociedade.

“Mãos na massa”, trabalhadores que se reúnem e juntos põem a mão na massa para a conquista de uma vida mais digna. O mutirão, a união, retratam a busca de cidadania e respeito.

No CD *Horizontes*, temos a presença de seis canções com temática religiosa. A primeira é “Vem celebrar”, que representa um convite à celebração, celebração da partilha, do amor. Mas, além da celebração, o autor traz novamente a importância dos oprimidos se unirem, forma-

rem uma irmandade e louvar ao Senhor. “Vem celebrar / Vem louvar o senhor celebrar a partilha do amor em comunidade / Vem celebrar vivendo na irmandade / Vem louvar o senhor com todos os oprimidos / Vem celebrar na fraternidade / Vem louvar o senhor.” Celebrar em ro-maria, caminhar lado a lado e construir outras formas de ensinar. Cada encontro é mais que uma celebração, é um encontro de diversidade, diversidade cultural e de saberes que trazem novas teorias pedagógicas, novas formas de se aprender e de se ensinar. Arroyo (2014, p. 86) afirma da Pedagogia do viver: “O que há de mais radical nessas pedagogias das marchas, das místicas e dos rituais da vida e do trabalho é trazer às teorias pedagógicas a centralidade da pedagogia da produção do viver”.

A marcha celebrativa, que produz a Pedagogia da produção do viver, demonstra que, além da Pedagogia dominante, hegemônica, há outras pedagogias que conseguem ensinar mais àqueles que fazem parte do povo, dos movimentos sociais, das minorias, pois essa pedagogia tem as características que surgem do meio dele.

Outra canção religiosa é “Profeta Elias”. Nessa letra o eu lírico exalta a importância do profeta que viveu antes de Cristo, um homem obediente a Deus, e que lutou pelos pobres e oprimidos. “O profeta Elias / O homem de Tesbi homem de outrora / No tempo de Acab foi boca de Deus / Lá em Israel foi homem dos pobres/ Foi homem de Deus. // Seu Deus é Javé / o Deus da esperança que ouve o teu povo e traz confiança (bis).” A luta pela justiça, pela igualdade social, não é uma luta recente, desde os primórdios, sempre houve divisão de classes, e os que fazem parte das classes menosprezadas se juntam em luta pela liberdade e pelo direito de ter um pouco mais. Mas a luta não é apenas pensando em ter bens, mas em ter direito à cultura, a ter identidade, a ser visto como humanos. Arroyo (2014, p. 87), sobre as lutas e processos produtivos, lembra:

Os povos dos campos, das florestas, das periferias, os sem-terra, sem teto, sem território, sem trabalho, sem comida, sem – um justo- viver exigem vida, terra, trabalho, teto. Lutam por processos produtivos onde se produzem humanos, pensantes,

culturais, éticos, identitários, é inseparável de sua condição de sujeitos produtivos, trabalhadores que, ao produzir os bens em relações de libertação e de justiça sociais, produzem-se. As lutas por educação, culturas, identidades são formadoras porque coladas a tornar os processos produtivos mais justos, mais humanos e humanizadores.

As lutas, ao longo de séculos, são processos produtivos de educação, cultura e identidades, são lutas que buscam humanizar as pessoas, torná-las, não apenas para o opressor, mas, para elas mesmas, seres humanos capazes, idealizadores de sonhos e concretizadores de vontades.

Na letra da canção “Hoje estarás comigo no paraíso”, faz referência à fala de Jesus com o ladrão arrependido no alto da cruz. O eu lírico traz, para a nossa realidade, o Cristo, que morreu pelos pobres e excluídos, de quem a cruz representa liberdade, fim da escravidão. “O Cristo juventude / Ao povo desperta/ Morre entre os excluídos e a vitória é certa / Hoje estarás comigo no paraíso!” A bíblia é fonte inspiradora dos que lutam pela terra. “São utilizados textos bíblicos que se entrelaçam com o direito e a lei, encorajando os camponeses a lutar contra os poderosos” (BOGO, 2003, p. 41). A palavra de Deus fortifica na luta contra os poderosos e na busca dos direitos.

Outra letra de temática religiosa é “Sou catequista”, em que o eu lírico ressalta a missão de ser catequista e ensinar a quem quer aprender as palavras do Cristo libertador. “Faz muito tempo que o Cristo veio ao mundo/ Não me esqueço um segundo daquilo que ele ensinou/ Suas palavras, suas ações e sua vida/Para quem era oprimida/ Demonstrou tamanho amor/ **Sou catequista, vou ensinar/Para jovens e adultos e pra quem quer escutar (bis)**”.

A ligação do texto bíblico com a realidade, com a luta pela terra, se faz presente na letra, “Terra prometida”, da mesma forma que o Deus de Israel prometeu uma terra onde corre leite e mel ao povo de Israel. Na canção mencionada, o eu lírico faz referência a essa passagem bíblica, trazendo-a para a realidade dos trabalhadores sem terra. “Em busca de uma promessa/ Pronunciada por Deus Javé/ Um povo de peregrino,

marcha confiante ao teu altar/ Orando e pedindo a Deus que tenha terra para plantar/ Não deixe senhor dos pobres, teu povo santo se acabar// **Vimos para buscar/ Uma terra pra plantar/ Trazemos nossa semente / no chão da gente vamos semear (bis)**”. Um povo que sonha com uma terra para plantar, e que pede a Deus força e proteção para que seu povo não se acabe. A luta dos trabalhadores perpassa gerações e se modifica na medida em que o tempo passa, mas é uma luta constante e sempre há a necessidade de conhecer a história das lutas do passado, a fim de fortalecer as lutas do presente. Bogo compara essa luta a uma fita vermelha.

Assim é a história da luta dos trabalhadores: parece uma fita vermelha com as duas pontas enterradas em direções contrárias, mas ambas apontando para o infinito. Cada geração desenterra uma parte, até saciar sua curiosidade. A parte que aponta para trás representa o passado; a que aponta para frente representa o futuro. Desenterrando-as, torna-se visível a história já feita e ficam os indicativos da história que ainda resta fazer. Cada pedaço de fita descoberta para trás é o reencontro com as gerações passadas, de onde nos vêm a experiência e os ensinamentos. Quando avançamos e desenterramos a fita que aponta para frente, é nosso próprio pedaço de existência sendo produzido, ficando como herança para as gerações futuras. Assim é a história da luta dos trabalhadores. As lutas reaparecem como se fossem heranças enterradas e conservadas pela memória das gerações. Com o tempo, as novas gerações arrancam a parte que lhes interessa e lhes dão destino, misturando os velhos ensinamentos com seus próprios passos. Assim se constitui a história da humanidade em permanente marcha. (BOGO, 2003, p. 28)

“Em busca de uma promessa”, a promessa feita por Javé ao povo de Israel, ainda ecoa nos dias de hoje, – terra onde corre leite e mel, – terra para todos. Aquela luta de outrora continua hoje, as novas gerações bus-

cam na história das lutas de seus antepassados a parte que lhes interessa, e, aos poucos, vão reescrevendo suas histórias.

Na última letra de temática religiosa, o compositor traz a canção *Hino da Pastoral da Terra*, e posiciona o eu lírico como Pastoral da Terra. Somos, e, se somos, temos a missão de, juntos com o povo sofrido, com os pobres, sem terra, transformar e mudar a sociedade. “Somos pastoral da terra, nas baixadas e nas serras/ Sendo presença solidária/ Vivendo o ecumenismo/ Com os pobres desta terra// **Com profecia, fraternidade/ É missão transformadora pra mudar a sociedade (bis)**”. A história de luta alimenta o respeito e a vontade de que a luta continue, ao passo que a organização em movimentos agrega participantes que acreditam na força da união e na missão de transformar a sociedade. Bogo (2003, p. 28) acredita na beleza da construção da história como incentivo para o surgimento de novos movimentos.

Alimentando respeito e vontade em nosso cotidiano, faz com que a História não morra jamais. A beleza da construção da História está em permitir que se forjem, em cada época, organizações de trabalhadores e que estas se tornem referência, transportando para as lutas futuras o patrimônio produzido pelos gestos de cada geração. Os movimentos sociais emergem da própria sociedade, como arma dos fracos para defender-se da opressão dos mais fortes. Lutam pela conquista de seus espaços orientados pelo farol da utopia. Desta forma, surge a teoria da organização, baseada nas necessidades presentes, pautada nas experiências passadas, pelo conhecimento histórico acumulado e conduzida pelos objetivos que se queira alcançar no futuro.

A teoria da organização é pautada no conhecimento da história para se alcançar objetivos futuros, e o vínculo histórico interliga gerações, gera sonhos. “Os poderosos temem a História, já os oprimidos dependem dela para desenhar sobre seu corpo o mapa do fim da opressão” (BOGO, 2003, p. 29).

3.5 “Que canto tristonho e doído/ saído do meu coração...”: o amor nas canções de Antônio Baiano

O compositor Antônio Baiano, além de cantar a desigualdade social, a luta pela terra e a defesa do meio ambiente, canta também o amor. Mesmo que, de forma triste, ele traz esse sentimento do homem em relação à mulher amada.

Quadro 7 – Classificação das canções do cantor e compositor Antônio Baiano com a temática *Amorosa*.

CÓDIGO DA MÚSICA	NOME DA CANÇÃO	CD
L12	Seresteiro triste	Em canto pela terra
L13	Tempo pra alma	

Fonte: autores para o presente estudo.

As duas canções de temática amorosa estão presentes no CD *Em canto pela terra*. A primeira, “Seresteiro triste”, traz um eu lírico choro-so, magoado por uma paixão não correspondida. Na janela ele canta e tem como única companhia as estrelas, e ele clama, olhando para as es-trelas, canta “Volta pra mim meu amor”. “Que canto tristonho e doído/ saído do meu coração/ é vida que vai consumindo/ nas mágoas de uma grande paixão”.

Na canção “Tempo pra alma”, ele mistura a temática amorosa com o questionamento da existência ou não de utopia, de sonhos. O eu lí-rico vê a sociedade sem memória, cheia de maldade e sem tempo para amar. “Cinco zeros menos oito, todo dia e hora vejo/ Reclamar/ contas tudo sociedade, só se vê maldade/ Não se faz luar/ Brinca sempre, faz de contas/ Tudo recomeça no mesmo lugar/ Muita gente sem passado, apaga a memória/ Não posso aceitar.” Percebe-se, claramente, a indigna-ção e o não conformismo do eu lírico em relação à sociedade, que não se

lembra do que aconteceu com ela. Sousa e Gonzaga (2014, p. 148-149) falam dessa alienação que precisa ser superada.

Trata-se, acima de tudo, de compreender que a sociedade está envolvida pelas relações de produção capitalista, cuja essência é universalizadora do valor de troca e da alienação fetichizada, que precisa, acima de tudo, ser superada.

O capitalismo apaga a memória do povo, trazendo sempre coisas novas para enganar, para desviar a atenção. O autor da letra não aceita esse esquecimento, não se conforma com essa sociedade alienada tão facilmente.

3.6 “*Eu peço pra você que sonha/ nunca vá fumar maconha*”: versos de conscientização e orientação contra o uso das drogas

Contrapondo todas as demais letras, Baiano refere-se às drogas de uma forma bem peculiar. Manifesta sua opinião contrária ao uso da maconha.

Quadro 8 – Classificação das canções do cantor e compositor Antônio Baiano com a temática *Drogas*

CÓDIGO DA MÚSICA	NOME DA CANÇÃO	CD
L19	Coisas da vida	Horizontes –vol. 01

Fonte: autores para o presente estudo.

No CD *Horizontes*, a canção “Coisas da vida” traz um eu lírico que rememora os conselhos do pai para que não faça nada de errado, no entanto, esse eu lírico acaba por se desviar, e, com a morte do pai, ele sente o peso da responsabilidade, de ter que arcar com suas atitudes. Ele direciona-se à juventude e pede para que não use drogas. “Eu peço pra

“você que sonha/ Nunca vá fumar maconha/ Nunca seja um sem vergonha/ Pois hoje meu pai já morreu/ E quem tem que pagar sou eu/ Pois hoje o meu pai já morreu / E quem tem que viver sou eu!!!”

É comum encontrarmos, jogadas nas calçadas das grandes cidades, pessoas que, um dia, tiveram sua casa, sua terra, seu lar. É comum também vermos pessoas que fazem uso de drogas e que têm uma história de sucesso que ficou para trás. Ao longo de nossa história, negros, mestiços, usuários de drogas, prostitutas são considerados seres inferiores. Arroyo (2014, 1985) fala da classificação das raças de cor que leva a várias outras discriminações.

Classificar as “raças de cor” com inferiores seria apenas reconhecer um dado da natureza ou de origem com que os colonizadores se deparam ao descobrir – o “descobrimento” – outros povos, em condição de primitivos, pré- humanos, logo, sendo barbáros, incultos, irracionais. Não feitos inferiores, mas sendo inferiores por natureza. A inferioridade desses povos/ raças é pensada e decretada como um dado social. Nessa visão dos coletivos étnico-raciais como inferiores por natureza se naturaliza o modo de pensá-los e de alocá-los no padrão de poder de dominação/ subordinação/classificação. Despolitiza-se o próprio padrão de poder e de inferiorização.

A inferioridade a que muitos são sujeitos, principalmente, no que tange à raça e à classe social, faz com que muitas pessoas fiquem subordinadas a situações menosprezáveis. As drogas e outros vícios são refúgio de muitos. O eu lírico alerta para que não faça uso de maconha ou de qualquer outra droga.

3.7 A Educação do Campo cantada por Antônio Baiano

A Educação do Campo é uma das lutas de Antônio Baiano. Um dos criadores da Efaori, ele conhece bem os princípios dessa educação e sua importância, por isso, ele canta as maravilhas dessa nova escola.

Quadro 9 – Classificação das canções do cantor e compositor Antônio Baiano com a temática *Educação*

CÓDIGO DA MÚSICA	NOME DA CANÇÃO	CD
L26	Nova escola	Horizontes –vol. 01

Fonte: autores para o presente estudo.

No CD *Horizontes*, temos a canção “Nova escola”, a escola do campo que trabalha com a pedagogia da alternância, uma escola que une teoria e prática. “Somos escola família/ Que sonha prosperidade/ Produção na propriedade/ Por isso sua filosofia Sua pedagogia é integração/ Une teoria e prática/ Faz alternância na educação/ **Escola família/ a escola que todos desejam/ Que a gente almeja pra ser cidadão/ Escola família/ Um jeito novo de aprender/ De saber viver nova educação.**” A educação do campo é inovadora e desafiadora, pois propõe um novo jeito de ensinar e aprender. Caldart (2009, p. 38) ressalta que:

A Educação do campo inicia sua atuação desde a radicalidade pedagógica destes movimentos sociais e entra no terreno movediço das políticas públicas, da relação com um Estado comprometido com um projeto de sociedade que ela combate se coerente for com sua materialidade e vínculo de classe de origem. Sim! A Educação do campo tem se centrado na escola e luta para que a concepção de educação que oriente suas práticas se descentre da escola, não fique refém de sua lógica constitutiva, exatamente para poder ir bem além dela enquanto projeto educativo.

Aqui se traz à baila uma educação que surge por meio da luta dos movimentos sociais e da necessidade de se valorizar a cultura das classes populares. O que vem do campo tem tanto ou até mais valor do que o que vem da cidade. A valorização da permanência do homem no lugar onde habita, no meio dos seus.

Os movimentos sociais sempre lutaram por uma escola que valorizasse o homem do campo com sua cultura e seus saberes. Sobre essa nova pedagogia, Arroyo (2014, p. 86) diz:

A pedagogia da terra, a escola do trabalho não se limitam a redefinir conteúdos que explicitem esse projeto de campo, de cidade, de sociedade, mas buscam nesse projeto, na centralidade da terra e do trabalho, a relação econômica-pedagógica que lhes é inerente.

A Pedagogia da Terra, a Pedagogia do bem viver, ressalta-se uma Pedagogia que contemple o aluno oriundo da zona rural, ou até mesmo, que vá até esse aluno através das escolas do campo. As escolas do campo, como a citada pelo eu lírico, trabalham junto com essas famílias e são situadas na zona rural, com o objetivo de valorizar o trabalhador rural e sua forma de viver, ensinar e aprender, de humanizá-lo.

CAPÍTULO 4



“EU CANTO DEFENDENDO A ÁRVORE...” MEU CANTO ME LEVA A REFLETIR E CONVIDA VOCÊ A PENSAR E A ANALISAR

O objetivo principal de nosso trabalho foi o de verificar se as canções de temática ambiental do compositor Antônio Baiano apresentam potencial para se trabalhar com EA na formação dos alunos do curso de Educação do Campo. Para verificar a existência desse potencial (ou não), foi feita a análise das canções que apresentam temática ambiental, utilizando as Unidades de Registro Emergente, cuja metodologia é baseada no trabalho de Duarte *et al.* (2016, p. 65), e para a análise das canções com temática “luta pela terra”, criamos outras URE (Unidades de Registro Emergente). A princípio separamos as letras, e, depois de algumas leituras, as categorias criadas por Duarte (2016). Construimos tabelas de cada letra, fazendo a divisão de acordo com as categorias encontradas. No CD: *Em canto pela terra*, encontramos as letras “A humanidade e o universo” e “Lamento do Cerrado”. Já, no CD *Horizontes*, temos a letra “Nova Romaria”. No Quadro 10, apresentamos a análise da música “A humanidade e o universo”.

Quadro 10: Fragmentos textuais da letra da canção “A Humanidade e o Universo” (L2).

Unidade de Registro Emergente (URE)	Fragmentos textuais
URE 1.1 – Naturalista	A vida tem tudo pra se curtir e apreciar. Tem a terra, o nosso céu e tem o mar. Tem o sol, tem a lua, até o ar [...]
URE- 1.3 Socioambiental	[...] A terra não é mais um dom pra se zelar, não tem mais a função social. É o latifúndio que está a imperar [...]
URE 1. 4 – Destruição	[...] E a tendência é acabar com a terra, o nosso céu, até o mar. Com o sol, com a lua, até o ar. //Lá, láuê, lá, láuê.

Fonte: autores para o presente estudo. URE adaptado de Duarte *et al.* (2016, p. 65).

Na letra “A humanidade e o Universo”, foram encontradas três Unidades de Registro Emergente, são elas: naturalista, destruição e autorreflexiva, sendo que a Unidade de Registro destruição se repete. O autor apresenta a grandeza do universo, com suas múltiplas composições, pronta para que o ser humano possa usufruir, porém, o ser humano é muito ambicioso e sempre está criando novas tecnologias, nunca se satisfaz com o que tem, e para satisfazer suas novas necessidades, destrói o meio ambiente sem pensar no que poderá acontecer no futuro.

A terra, que era vista como uma função social, passou a ser vista como mercadoria do latifúndio, e, por isso, foi sendo devastada. O autor enfatiza que a tendência é acabar com a terra, o mar e o ar, devido ao aumento dessa exploração.

No Quadro 11, temos a análise da letra da canção “Lamento do Cerrado”.

Quadro 11: Fragmentos textuais da letra da canção “Lamento do Cerrado” (L3).

Unidade de Registro Emergente (URE)	Fragmentos textuais
URE 1.3-Socioambiental	Eu canto defendendo a árvore Belo ornamento da mãe natureza [...]
URE 1.4 – Destruição	[...] Lamento o nosso cerrado, todo destruído Choro de tristeza! [...]
URE 1.1 – Naturalista	[...] Quem chora assim como eu É a passarada sem poder chocar Não pode fazer serenata, não canta pra noite Trazer o luar. [...]
URE 1.4- Destruição	[...] E a gente não vai aguentar Viver sem a vegetação E morre o caboclo do mato Onde a natureza é sua religião. [...]
URE 1.1- Naturalista	[...] Recordo o péde mangabeira. O pé de carvoeiro, nosso bom pequi [...]
URE 1.4- Destruição	[...] Cortaram o pé de jatobá Nem mesmo o pau-terra se encontra aqui. Os bichos de nosso cerrado Quati, a raposa e o lobo guará. Tatu, veado, onça pintada. Perdeu sua morada o tamandú [...]
URE 1.3 –Socioambiental	[...] E a humanidade excluída Chora arrependida a devastação Perdeu a fonte e a comida Pois hoje o cerrado é só pra carvão.

Fonte: autores para o presente estudo. URE adaptado de Duarte *et al.* (2016, p. 65). ***Em negrito:** Refrão da canção.

Na análise da canção “Lamento do Cerrado”, foram encontradas três Unidades de Registro Emergente. São elas: socioambiental, destruição e naturalista, sendo que a Unidade de Registro socioambiental se repete duas vezes, a Unidade de Registro destruição se repete três vezes, e a naturalista se repete duas vezes. O autor dá voz ao Cerrado, que lamenta a devastação sofrida. Assim como o Cerrado morre, morre junto

o caboclo do mato, aquele que depende do cerrado para viver, e que reconhece sua importância.

As árvores nativas do Cerrado ficaram só na lembrança do eu lírico, e os animais perderam sua morada. No entanto, o eu lírico alerta que a humanidade chora arrependida a devastação, um choro, possivelmente, tardio, porque aquilo que foi destruído não tem como ser recuperado. O Cerrado, fonte de alimento, tanto para o homem quanto para os animais, vira carvão. No Quadro 12, exposta abaixo, temos a análise da música “Nova Romaria”.

Quadro 12: Fragmentos textuais da letra da canção “Nova Romaria” (L24).

Unidade de Registro Emergente (URE)	Fragmentos textuais
URE 1.2-Antropocêntrica	Nós precisamos todo dia/ terra e água fria Pra sobreviver Contemplar a natureza / ter o pão na mesa Pra poder comer [...]
URE 1.3 – Socioambiental	[..]E caminhando em romaria/ hoje todo dia Para defender A terra, a água, a natureza / justiça e beleza Hão de florescer! [...]
URE 1.2 – Antropocêntrica	[...] A gente, todo ser humano / não cometo engano Posso lhe dizer Somos terra e água junto / todo esse conjunto Também é você! [...]
URE 1.4- Destruição	[...] Oh filho, a mãe, família / veja a maravilha No entardecer A terra, a água poluída / acaba com a vida Pra mim e pra você [...]
URE 1.3- Sociambiental	[...] Viva a sua liberdade / o campo, a cidade sua moradia Cuidemos de nosso ambiente pros bichos e pra gente Sentir alegria!

Fonte: autores para o presente estudo.. URE adaptado de Duarte *et al.* (2016, p. 65). ***Em negrito:** Refrão da canção.

A partir da análise, foram encontradas três URE: antropocêntrica, socioambiental e destruição. A Unidade de Registro antropocêntrica se repete duas vezes, a unidade socioambiental aparece também duas vezes, e a Unidade de Registro destruição aparece apenas uma vez. Na canção “Nova Romaria”, o eu lírico fala da necessidade que o ser humano tem da terra e da água para sobreviver. O encontro em Romaria é um encontro de luta e de defesa, dessa natureza que pede socorro.

O eu lírico ressalta que o ser humano e a natureza são um só, e que essa junção forma cada um de nós, por isso, a necessidade de lutar pela preservação da natureza, pois, se ela é preservada, nós sobrevivemos, se ela é destruída, nós também somos destruídos. Se cuidamos da natureza, estamos cuidando de cada um de nós.

4.1 Canções com temática *Luta Pela Terra* (URE criadas por *Luciene Francisco Vieira*)

Os dois CDs de Antônio Baiano apresentam, com muita intensidade, letras com a temática “Luta pela Terra”. Essa temática destaca a importância da valorização da terra, além de promover a discussão da relevância da divisão da terra com os trabalhadores rurais, que sonham em ter um pedaço de chão para plantar. A luta por direitos iguais acaba por se entrelaçar com a luta pelo meio ambiente, pela preservação da natureza.

Da mesma forma que as canções de temática ambiental, as músicas de temática “luta pela terra” foram analisadas por meio de URE, só que, para essa análise, as URE foram criadas por nós, pesquisadores. A partir da seleção das músicas e da leitura, realizou-se a análise passo a passo, chegando-se a novas URE (Unidades de Registro Emergente). As especificações dessas URE e as funções inerentes a cada uma delas, respectivamente, encontram-se listadas abaixo:

- **URE 1 – Direitos:** agrupar os fragmentos textuais contenedores de registros que descrevem e tratam dos direitos dos trabalhadores, que pouco a pouco, são roubados;

- **URE 2 – Capitalismo/Exploração:** agrupar os fragmentos textuais contenedores de registros que descrevem e mostram a força do capitalismo, do poder dominador, que, com sua ambição, explora os menos favorecidos;
- **URE 3 – Autoindagação/ Revolta:** agrupar os fragmentos textuais contenedores de registros que descrevem a autoindagação do eu lírico em relação à impotência acerca da situação vivida, e, ao mesmo tempo, a revolta com a realidade observada;
- **URE 4 – Desejo/Justiça:** agrupar os fragmentos textuais contenedores de registros que descrevem o desejo por justiça e igualdade entre os homens;
- **URE 5 – Denúncia/Realidade:** agrupar os fragmentos textuais contenedores de registros que descrevem a denúncia dos massacres dos trabalhadores sem terra;
- **URE 6 – Martírio/Extermínio:** agrupar os fragmentos textuais contenedores de registros que descrevem o martírio e o extermínio de homens e mulheres que lutam pela terra, que dão a vida em defesa de seus direitos;
- **URE 7 – Questionamento:** agrupar os fragmentos textuais contenedores de registros que descrevem o questionamento do eu lírico sobre as leis brasileiras e para quem elas servem;
- **URE 8 – Injustiça:** agrupar os fragmentos textuais contenedores de registros que descrevem a falta de punição aos crimes cometidos por aqueles que assassinam e permanecem impunes;
- **URE 9 – Resistência:** agrupar os fragmentos textuais contenedores de registros que descrevem a resistência desse povo sofrido, que, mesmo diante de tantas perseguições, continua caminhando e buscando se organizar pela conquista de seus direitos;
- **URE 10 – Sonho/Utopia:** agrupar os fragmentos textuais contenedores de registros que descrevem o sonho de que haja união e libertação desse povo das garras do poder latifundiário, que explora e mata;

- **URE 11 – Lembrança:** agrupar os fragmentos textuais contenedores de registros que descrevem as lembranças do eu lírico de como era a vida do povo antes da terra ser tomada;
- **URE 12 – Identidade:** agrupar os fragmentos textuais contenedores de registros que descrevem a identidade do povo, uma identidade que se foi junto com sua terra e seus direitos;
- **URE 13 – Valores:** agrupar os fragmentos textuais contenedores de registros que descrevem valores perdidos, o que faz com que as pessoas sejam desrespeitadas;
- **URE 14 – Alienação:** agrupar os fragmentos textuais contenedores de registros que descrevem a alienação do povo, que se deixa levar pela força da mídia manipuladora;
- **URE 15 – Religiosidade:** agrupar os fragmentos textuais contenedores de registros que descrevem a crença no sagrado, que faz da terra um santuário a ser respeitado e o qual devolve esse respeito em forma de alimento;
- **URE 16 – Sustentabilidade:** agrupar os fragmentos textuais contenedores de registros que descrevem a natureza equilibrada, que proporciona um lugar bom para se viver;
- **URE 17 – Autoafirmação/Esperança:** agrupar os fragmentos textuais contenedores de registros que descrevem esperança de que, através da luta, da união, se consiga conquistar a terra;
- **URE 18 – Organização:** agrupar os fragmentos textuais contenedores de registros que descrevem a organização e luta do povo, em busca de dias melhores;
- **URE 19 – Determinação:** agrupar os fragmentos textuais contenedores de registros que descrevem a determinação de conseguir o que se quer, ou seja, de se conseguir a Reforma Agrária;
- **URE 20 – Objetivo/Meta:** agrupar os fragmentos textuais contenedores de registros que expressam a meta a ser alcançada depois da organização e da luta;

- **URE 21 – Religiosidade:** agrupar os fragmentos textuais contenedores de registros que descrevem/mostram a religiosidade, os ensinamentos bíblicos;
- **URE 22 – Realização/Conquista:** agrupar os fragmentos textuais contenedores de registros que descrevem a concretização da luta, o alcance do objetivo almejado;
- **URE 23 – Humildade:** agrupar os fragmentos textuais contenedores de registros de um ser humano humilde, que não tem objeção ao fato de se colocar na posição de aprendiz; e
- **URE 24 – Diálogo e interlocução:** agrupar os fragmentos textuais contenedores de registros que descrevem a interlocução do eu lírico com o povo trabalhador, em que o eu lírico se apresenta e se vê como um deles.

No Quadro 13, apresentada abaixo, foi analisada a letra da canção “Lamento do Povo”. Essa música está presente no CD *Em Canto Pela Terra*. Vejamos:

Quadro 13: Fragmentos textuais da letra da canção “Lamento do Povo” (L1).

Unidade de Registro Emergente (URE)	Fragmentos textuais
URE 1 - Direitos	Clamando pela posse da terra, no campo milhares estão. [...]
URE 2 - Capitalismo/Exploração	[..] Esse grito está incomodando a quem sempre viveu da exploração. [...]
URE 3 - Auto indagação/ Revolta	[...] O que posso fazer? O que tenho a dizer meu pai? [...]*
URE 4 - Desejo/Justiça	[...] Que se faça justiça, repartam as terras, partilhem o pão, entre nós filhos teus. [...]*
URE 5 - Denúncia/Realidade	[...] Não posso mais enumerar os mártires desse país, na roça e também na cidade. Só vê crueldade. [...]

URE 6 - Martírio/Extermínio	[...] correm rios de sangue.
URE 7 - Questionamento	[...] A quem serve a lei e o poder, a política e a Constituição? [...]
URE 8 - Injustiça	[...] Assassinam sem piedade, permanecem impunes nessa nação. [...]
URE 9 - Resistência	[...] Passo a passo fazemos caminho, sempre em busca de organização. [...]
URE 10 - Sonho/Utopia	[...] De mãos dadas sigamos em frente, formando a corrente pra libertação.

***Em negrito:** Refrão da canção. **Fonte:** autores para o presente estudo.

Após a análise da canção, chegou-se a essas novas UREs: direitos, capitalismo/ exploração, autoindagação/ revolta, desejo/ justiça, denúncia/ realidade, martírio/ extermínio, questionamento, injustiça, resistência, sonho/ utopia. É uma música que apresenta dez UREs. O autor consegue, em pequenos fragmentos, manifestar/expressar sentimentos e opiniões diferentes, mostrando seu conhecimento a respeito do que está expressando, além de demonstrar seu envolvimento com a temática em questão.

A letra supracitada retrata o lamento do povo sem terra, que grita, clamando por um pedaço de chão, que grita, pedindo respeito e dignidade. No entanto, esse grito incomoda, não é bem visto por aqueles que detêm o poder, e, por isso, estes usam diversas formas de calar, inclusive a morte, o assassinato. A canção aborda o extermínio de trabalhadores sem terra, tão comum, e que passa despercebido aos olhos de muitos. Rios de sangue que se forma, o sangue que mancha a terra, a terra-mãe, que recebe o corpo caído e massacrado do povo trabalhador, também são elementos presentes nessa letra. A força destruidora do capitalismo, que toma a terra à força e mata aqueles que tentam consegui-la de volta. No entanto, mesmo com tanto derramamento de sangue, esse povo continua marchando e lutando por seus direitos, por seus sonhos.

No Quadro 14, exposta abaixo, trazemos a análise da canção “Minha Terra Sumiu”. Esta canção faz parte do CD *Em Canto Pela Terra*. Observemos:

Quadro 14: Fragmentos textuais da letra da canção “Minha Terra Sumiu” (L4).

Unidade de Registro Emergente (URE)	Fragmentos textuais
URE 11 - Lembrança	Meu povo tinha terra, podia plantar, colhia alimento, matava sua fome, tinha casa de sobra. [...]
URE 12 - Identidade	[...] Meu povo tinha nome. [...]
URE 13 - Valores	[...] Até mesmo meu pai era fazendeiro, puxador de reza lá do sertão. Era respeitado, eu posso falar. [...]
URE 14 - Alienação	[...] Mas a propaganda da televisão, que fala insistente que tem que poupar, levou o meu pai a terra vender. Agora é na cidade que tem que sofrer. [...]
URE 15 - Religiosidade	[...] //A terra é sagrada até o peão. Lá dá com fartura o arroz e o feijão. [...]*
URE 16 - Sustentabilidade	[...] Lá tem o ar puro sem contaminar.*

***Em negrito:** Refrão da canção. **Fonte:** autores para o presente estudo.

Na canção “Minha Terra Sumiu”, encontramos seis URE: lembrança, identidade, valores, alienação, religiosidade e sustentabilidade. Todas as unidades encontradas são diferentes daquelas identificadas na canção “Lamento do Povo”. O autor traz uma música voltada para a reflexão dos valores, que parecem ter se perdido (segundo o compositor) ao longo do tempo, em consequência da influência da televisão e da alienação do povo oprimido. Faz referência à propaganda enganosa da televisão, que convence o povo a vender suas terras e mudar para a cidade, com o sonho de vida melhor, e nada do que é propagado realmente acontece. As pessoas vendem suas terras por valores pequenos, e, ao chegar à cidade grande, não conseguem se manter, fazendo emergir aí as favelas, a miséria e a fome.

A letra critica a força avassaladora do capitalismo, que a todos engana e a tudo destrói. Enquanto para os pequenos agricultores a terra é sagrada, para os grandes, não passa de uma fonte de exploração e de lucro. No último verso, temos uma referência ao meio ambiente, ao ar puro, que é encontrado na zona rural, diferentemente da zona urbana, que tem um ar contaminado.

Abaixo, no Quadro 15, temos a análise da canção “Brasil Livre”, que faz parte do CD *Em Canto Pela Terra*.

Quadro 15: Fragmentos textuais da letra da canção “Brasil Livre” (L8).

Unidade de Registro Emergente (URE)	Fragmentos textuais
URE 17 -Autoafirmação/ Esperança	Somos guerreiros na luta pela terra porque queremos um Brasil de brasileiros. [...]
URE 18 - Organização	[...] De mãos dadas, com muita valentia, rompendo as cercas para vir o grande o dia. [...]
URE 19 - Determinação	[...] Vamos em frente com decisão, reforma agrária e participação. [...]*
URE 1 - Direitos	[...] Cidadania é nosso grito. Lutamos juntos por terra, casa e pão! [...]*
URE 18 - Organização	[...] Trabalhadores ingressem às fileiras e transporem as cercas da exclusão. Acampamentos vão se formar em todo canto pra terra conquistar! [...]*
URE 4 - Desejo/Justiça	[...] Se trabalhamos como assalariados, nós almejamos agricultura forte. Que tenha crédito, que possamos plantar, defendendo com determinação que a agricultura seja familiar. [...]
URE 18 - Organização	[...] Trabalhadores ingressem às fileiras e transporem as cercas da exclusão. Acampamentos vão se formar em todo canto pra terra conquistar! [...]*
URE 4 - Desejo/Justiça	[...] Se trabalhamos como assalariados queremos nossos direitos respeitados. Vamos unidos, campo e cidade aos mil. //Gritamos juntos: terra livre Brasil!

***Em negrito:** Refrão da canção. **Fonte:** autores para o presente estudo.

Na análise da canção em questão, encontramos cinco URE: autoafirmação/esperança, organização, determinação, direitos, desejo/justiça. Sendo que a URE organização se repete três vezes, e a URE desejo/justiça se repete duas vezes. Dessas unidades apenas desejo/justiça tinha aparecido nas músicas anteriores. Nessa letra o eu lírico canta a luta pela terra através do MST, que, em fileiras e acampamentos, luta pela Reforma Agrária.

O movimento almeja uma terra livre, em que os direitos sejam respeitados e se possa fazer a agricultura familiar. Muitos pensam que é o agronegócio que sustenta as famílias brasileiras, desconhecendo que é da agricultura familiar a vinda da fonte de alimento que chega à mesa dos brasileiros. A agricultura em extensão planta e exporta soja, milho, feijão. Os demais alimentos vêm da agricultura familiar.

O eu lírico convida os trabalhadores a lutarem pela terra livre, para todos os brasileiros.

No Quadro 16, demonstrada abaixo, temos a análise da letra “Romaria da Esperança”, que faz do CD *Em Canto Pela Terra*. Analisemos:

Quadro 16: Fragmentos textuais da letra da canção “Romaria Esperança” (L9).

Unidade de Registro Emergente (URE)	Fragmentos textuais
URE 18 - Organização	O povo pobre se reúne em romaria [...]
URE 4 - Desejo/Justiça	[...] Pra ver de novo a terra em suas mãos. [...]
URE 10 - Sonho/Utopia	[...] Vem caminhando, de ônibus e caminhão. Traz a certeza da conquista do seu chão. [...]
URE 10 - Sonho/Utopia	[...] Em romaria canta bendito, faz a memória do sangue de companheiros, anima a luta, lança projeto para acabar com latifúndio brasileiro. [...]
URE 20 - Objetivo/Meta	[...] Reforma agrária é a bandeira principal. [...]
URE 21 - Religiosidade	[...] Há muito tempo Deus do céu nos ensinou [...]
URE 1 - Direitos	[...] Que toda terra deverá ser repartida, pra dar comida pro povo trabalhador. [...]
URE 21 - Religiosidade	[...] E consciente dessa grande exploração o povo pobre no Brasil se despertou. Ocupa a terra, faz a casa e plantação, pra ver cumprida a obra do criador. [...]
URE 17 -Autoafirmação/ Esperança	[...] Acreditamos que isso vai acontecer e o povo novo viverá em liberdade. Nas romarias, farão festa pra fartura. É vida nova. É nova sociedade.

***Em negrito:** Refrão da canção. **Fonte:** autores para o presente estudo.

Na análise da presente canção, foram encontradas oito URE: organização, desejo/justiça, sonho/utopia, objetivo/meta, religiosidade, direitos e autoafirmação/esperança. Dessas, a URE sonho/utopia se repete uma vez, assim como a URE religiosidade. Nas músicas anteriores, havia aparecido desejo/justiça, sonho/utopia, direitos, organização e autoafirmação/esperança, ou seja, apenas duas novas URE.

Nessa letra o autor, novamente, traz a romaria como ponto de discussão, só que, dessa vez, ele a chama de romaria da esperança, a esperança de ver a terra de novo nas mãos dos trabalhadores. Novamente ressalta o sangue derramado dos companheiros de caminhada e a necessidade de acabar com o latifúndio brasileiro.

O compositor remonta à palavra de Deus através da lembrança de que Deus ensinou que a terra deveria ser repartida com todos. O eu lírico tem esperança de ver essa promessa concretizada, e de o povo viver em liberdade e se reunir em romaria, não para pedir a Deus, mas sim para agradecer pela nova sociedade conquistada.

Uma letra utópica, porém, rica de esperança. Denota utopia por ser difícil vencer o latifúndio e conseguir igualdade de direitos para todos, e rica de esperança porque o eu lírico ainda acredita no poder da luta e da união.

No Quadro 17, temos a análise da letra “Romaria da Terra”, que faz parte do CD *Em Canto Pela Terra*, conforme pode ser observado abaixo:

Quadro 17: Fragmentos textuais da letra da canção “Romaria da Terra” (L10).

Unidade de Registro Emergente (URE)	Fragmentos textuais
URE 18 - Organização	Romaria da terra, faz o povo arreunir. Numa luta sem guerra, nós lutaremos por ti. [...]*
URE 21 - Religiosidade	[...] A terra é sagrada, feita por nosso senhor. Ele fez e deu ao homem e também lhes ensinou que é nela que vivemos e a ela abençoou. É tão linda a natureza. É obra do criador. E Deus deu a inspiração, o homem fez a plantação. Foi assim que começou. [...]
URE 2 - Capitalismo/Exploração	[...] Mas no passar do tempo, que o povo aumentou, começou a ambição e a terra negociou. Uns compravam e outros não, e à força eles tomou. [...]
URE 5 - Denúncia/Realidade	[...] Fazendeiros e jagunços matando o trabalhador. As famílias que eram donas, hoje vivem ao abandono e sem suas terras ficou. [...]
URE 24 -Diálogo/Interlocução	[...] Amigo trabalhador, veja a nossa situação. Nós queremos trabalhar e não temos condições. [...]
URE 2 - Capitalismo/Exploração	[...] A terra que era nossa, hoje é toda do patrão. Desemprego na cidade virou uma maldição. [...]
URE 18 - Organização	[...] Precisamos nos unir, e nós vamos resistir. Pôr a terra em nossas mãos.

***Em negrito:** Refrão da canção. **Fonte:** autores para o presente estudo. URE adaptado de Duarte *et al.* (2016, p. 65).

Nessa letra foram encontradas seis URE: organização, religiosidade, capitalismo/exploração, denúncia/realidade, diálogo/interlocução, sendo que a URE organização se repete uma vez, assim como a URE capitalismo/exploração. Nessa análise temos como URE que ainda não tinha sido identificadas, diálogo/interlocução. Ao tratar do tema “Romaria da Terra”, o autor traz a romaria como um evento religioso em que o povo se reúne numa luta, mas não se trata de uma luta de guerra, e sim de uma luta de esperança da conquista da terra.

O autor novamente frisa que a terra é sagrada, foi feita e abençoada por Deus. Depois de abençoá-la, Deus deu a terra ao homem para que ele pudesse dela tirar seu alimento. A letra exalta a beleza da natureza, que é obra do Criador.

Mais uma vez, o autor reforça que a ambição de alguns homens, — os poderosos, — fez com que eles comprassem e roubassem a terra, deixando as famílias, que dela eram donas, no abandono. As famílias que resistiram e não quiseram vender e entregar suas terras foram assassinadas. O artista ressalta que as pessoas que foram para a cidade estão desempregadas e abandonadas, e, como sempre, o patrão ficou com a terra e toda a riqueza nela produzida.

No Quadro 18, demonstrada em seguida, temos a análise da canção “Terra Conquistada”, do CD *Horizontes*.

Quadro 18: Fragmentos textuais da letra da canção “Terra Conquistada” (L27).

Unidade de Registro Emergente (URE)	Fragmentos textuais
URE 22 - Realização/Conquista	Já conquistei a terra, Brasil é meu país. A roça, a moradia. Hoje estou mais feliz. Semente, terra e água. É força, é produção. [...]
URE 21 - Religiosidade	[...] // É terra partilhada, terra abençoada, mesa do meu pão (bis). [...]
URE 12 - Identidade	[...] Carrego minha história dentro do coração. [...]
URE 21 - Realização/Conquista	[...] O grito, a marcha, a rua, palavras, meu refrão, bandeiram foice, enxada, formaram meu brasão. // Com a companheirada ganhei a estrada, conquistei meu chão (bis). [...]
URE 23 - Humildade	[...] Na terra conquistada, hoje sou aprendiz. [...]
URE 13 - Valores	[...] Tenho minha família, é planta com raiz. [...]
URE 16 - Sustentabilidade	[...] Cuidar da fauna e da flora, manter a produção. [...]
URE 22 - Realização/Conquista	[...] // Cidadania é terra vencendo a guerra contra a exploração.

Fonte: autores para o presente estudo. URE adaptado de Duarte *et al.* (2016, p. 65).

Na análise da canção “Terra Conquistada”, foram encontradas sete URE: realização/conquista, religiosidade, identidade, humildade, valores e sustentabilidade, sendo que a URE realização/conquista se repete

por três vezes, e temos como unidade nova a URE humildade, pois as demais já tinham aparecido nas análises anteriores.

Diferentemente das outras letras, nessa, o autor apresenta a realização do sonho pelo qual tanto lutou. A terra partilhada e abençoada, onde os trabalhadores podem reunir a família, plantar e colher. Há também referência ao cuidado com a fauna e a flora, bens tão valorizados por aqueles que cultivam a terra com amor e respeito.

CAPÍTULO 5



ANÁLISE DOS FRAGMENTOS TEXTUAIS ENQUADRADOS POR UNIDADE DE REGISTRO EMERGENTE (URE)

A frequência relativa (*FR*) é o método de cálculo utilizado para determinar quantas vezes um determinado evento acontece num cenário total de evento, ou seja, a razão entre uma fatia numérica com relação ao universo total da amostra. Para se encontrar a frequência relativa da URE, é necessário calcular quantas vezes o fragmento contendo essa URE específica aparece no universo total de fragmentos analisados. Para se fazer esse cálculo, utiliza-se o quantitativo de fragmentos em que aparece essa URE e se divide pelo quantitativo total de fragmentos, obtendo-se como resultado um valor fracionado (com casas decimais). Em seguida, para concluir o cálculo, basta multiplicar esse valor por 100. O valor numérico obtido demonstra a *fr*.

5.1 Canções com temática *Ambiental*

Nas tabelas 10, 11, 12 e 13 são apresentadas as unidades de registro referentes ao conteúdo das letras das canções analisadas e os fragmentos textuais que exemplificam as unidades elaboradas, bem como a frequência relativa das respostas. Foram retiradas das letras as repetições dos refrões. São frases que apresentam um eu lírico preocupado com a situação da natureza, mas que não deixa de exaltar as belezas deixadas pelo criador.

Nessas tabelas trazemos a frequência relativa das URE criadas por Duarte *et al.* (2016, p. 65) e, logo em seguida, apresentamos a análise dessa frequência.

Tabela 10: Fragmentos textuais enquadrados na Unidade de Registro Emergente (URE) 1.1 - Naturalista.

Nome da Música	Fragmentos textuais	Frequência relativa (%)
A Humanidade e o Universo	A vida tem tudo pra se curtir e apreciar. Tem a terra, o nosso céu e tem o mar. Tem o sol, tem a lua, até o ar [...] (L1)	18,75
Lamento do Cerrado	[...] Quem chora assim como eu é a passarada sem poder chocar. Não pode fazer serenata, não canta pra noite trazer o luar. [...] (L2)	
	[...] Recordo o pé de mangabeira, o pé de carvoeiro, nosso bom pequi [...] (L3)	

Fonte: autores para o presente estudo. URE adaptado de Duarte et al. (2016, p. 65).

Os fragmentos unitarizados da URE 1.1 (18,75%) referem-se à concepção naturalista em relação à natureza. A URE naturalista em relação às demais unidades foi pequena, sendo que a menor foi a antropocêntrica. O poeta apresenta a natureza, mas percebe-se que sua maior preocupação é mostrar a devastação que ocorre nela. A sua beleza, que é desejada pelo ser humano, para que possa dominá-la, destruí-la.

O eu lírico rememora a natureza com suas perfeições, mas enfatiza o poder dominador do homem sobre ela. Reigota (2014, p. 16) expõe que “dificilmente se considera um elemento da natureza, mas um ser a parte como um observador e/ou explorador dela.” Ao mesmo tempo em que o ser humano observa e contempla a beleza da natureza “tem a terra, o nosso céu e tem o mar” (L1), ele a vê como um objeto a ser explorado “quem chora assim como eu é a passarada sem poder chocar.” (L2) O bioma Cerrado, que possui uma grande diversidade de fauna e de flora, aos poucos, se tornou alvo de destruição.

Como a EA deve ser realizada diante dessa situação? Reigota (2014) enfatiza que:

Na educação ambiental escolar deve-se enfatizar o estudo do meio ambiente onde vive o aluno e a aluna, procurando levantar os principais problemas cotidianos, as contribuições da ciência, da arte, dos saberes populares, enfim, os conhecimentos necessários e as possibilidades concretas para a solução deles. (REIGOTA, 2014, p. 46)

Referimo-nos a uma EA política e crítica, que permita ao aluno pensar e agir diante das situações vividas. Guimarães (2004, p. 29) salienta que, para haver EA crítica, é necessário que haja *práxis*.

[...] a Educação Ambiental Crítica e propõe em primeiro lugar, a desvelar esses embates presentes, para que numa compreensão (complexa) do real se instrumentalize os atores sociais para intervir nessa realidade. Mas apenas o desvelamento não resulta automaticamente numa ação diferenciada, é necessária a práxis, em que a reflexão subsidie uma prática criativa e essa prática dê elementos para uma reflexão e construção de uma nova compreensão de mundo. Mas esse não é um processo individual, mas que o indivíduo vivencia na relação com o coletivo em um exercício de cidadania, na participação em movimentos coletivos conjuntos de transformação da realidade socioambiental.

A vivência em ambientes coletivos e movimentos sociais faz com que o indivíduo perceba a necessidade de agir e de se posicionar diante dos problemas ambientais com os quais convive. Nas composições musicais de Antônio Baiano, percebemos essa práxis. Ele usa suas letras para alertar sobre a destruição da natureza e sobre a necessidade de preservá-la.

Tabela 11: Fragmentos textuais enquadrados na Unidade de Registro Emergente (URE) 1.2 - Antropocêntrica.

Nome da Música	Fragmentos textuais	Frequência relativa (%)
Nova Romaria	Nós precisamos todo dia, terra e água fria pra sobreviver. Contemplar a natureza, ter o pão na mesa pra poder comer [...] (L24)	12,5
	[...] A gente, todo ser humano, não cometo engano, posso lhe dizer: somos terra e água junto, todo esse conjunto. Também é você! [...] (L24)	

Fonte: autores para o presente estudo. URE adaptado de Duarte *et al.* (2016, p. 65).

Na URE 1.2, Antropocêntrica (12,5%), foram apresentados os fragmentos que abordam o meio ambiente como um recurso necessário para o ser humano, de onde ele tira o seu sustento. “Nós precisamos todo dia, terra e água fria pra sobreviver” (L24). O ser humano, ao longo da história, se considera o centro do universo e, por isso, vê a natureza como sua propriedade. Vê na natureza um meio de sobrevivência. “Esta ideia proporcionou o desenvolvimento de uma visão fragmentada e excludente, contrapondo-se os processos naturais do ser humano como parte integrante da própria natureza”. (KIST, 2010, p. 22). “Somos terra e água junto, todo esse conjunto. Também é você!” (L24). A relação homem/natureza é vista por Tres *et al* (2011, p. 151) como fonte de um processo histórico. Observemos:

A crise da relação homem-natureza, vivenciada no processo histórico da evolução da humanidade, tem como pano de fundo a busca pelo sentido do vínculo e do limite. A crise do vínculo ocorre, pois o homem perde a capacidade de identificar o que o liga ao animal, ao que é vivo, à natureza. Já a crise do limite é determinada pela incapacidade de percepção do que na natureza se diferencia dele. O homem é um pedaço da natureza, e em contrapartida, a natureza produz a hominização.

Essa hominização, que é o processo de formação do homem no decorrer da história, fez com que ele se diferenciasse dos seus ancestrais tanto fisicamente como em atitudes. O ser humano viveu, de certa forma, harmonicamente, com a natureza, por um determinado período da história, e, com o crescimento do capitalismo, essa relação harmônica se desfez, e o homem passou a se considerar dono dessa natureza.

Tabela 12: Fragmentos textuais enquadrados na Unidade de Registro Emergente (URE) 1.3 - Socioambiental.

Nome da Música	Fragmentos textuais	Frequência relativa (%)
A Humanidade e o Universo	[...] A terra não é mais um dom pra se zelar, não tem mais a função social. É o latifúndio que está a imperar [...]	31,25
Lamento do Cerrado	Eu canto defendendo a árvore, belo ornamento da mãe natureza [...] (L2)	
	[...] E a humanidade excluída chora arrependida a devastação. Perdeu a fonte e a comida, pois hoje o cerrado é só pra carvão. (L2)	
Nova Romaria	[...] E caminhando em romaria, hoje, todo dia para defendera a terra, a água, a natureza. Justiça e beleza hão de florescer! [...]*	
	[...] Viva a sua liberdade, o campo, a cidade, sua moradia. Cuidemos de nosso ambiente, pros bichos e pra gente sentir alegria! (L24)	

***Em negrito:** Refrão da canção. **Fonte:** autores para o presente estudo. URE adaptado de Duarte *et al.* (2016, p. 65).

Na URE 1.3, Sociambiental (31,25%), há uma percepção acerca das interações entre os elementos naturais e sociais. A exploração indevida da natureza, que leva à desestabilidade da sociedade. É um percentual grande em relação às demais unidades. O eu lírico se posiciona em relação a essa devastação, é um eu lírico questionador e defensor da mãe natureza. “Eu canto defendendo a árvore, belo ornamento da mãe natureza [...]” (L2), “[...] E a humanidade excluída chora arrependida

a devastação. Perdeu a fonte e a comida, pois, hoje, o cerrado é só pra carvão” (L2). As letras apresentam uma humanidade arrependida pelo excesso de consumismo (devastação), tendo em vista a utilização da natureza para satisfazer seus desejos possessivos de ter, que levam essa humanidade a chorar arrependida, porque a natureza, de onde se tirava o alimento, hoje, só é carvão.

Essa devastação leva a uma crise ecológica e a uma crise social, que se intensifica na medida em que os problemas ambientais vão surgindo. Assim Kist (2010, p. 23) salienta sobre essa crise:

À medida que os problemas ambientais intensificavam-se, evidenciando a crise ambiental, diversas iniciativas revelaram a preocupação com o futuro do planeta, provocando reflexões e discussões em níveis mundiais. As preocupações com as questões ambientais tornaram-se cada vez mais densas, em razão das consequências das ações transformadoras do homem sobre o espaço, excessiva exploração da natureza, empobrecimento do solo, desigualdades sociais, miséria, poluição das águas, entre outros fatores, que contribuíram consideravelmente para este tipo de crise.

Miséria, poluição, fome e, conseqüentemente, violência e morte. Uma crise ecológica que leva a uma crise humanitária. A única forma vista pelo eu lírico de que essa crise não destrua o homem completamente é cuidar do nosso ambiente para que voltemos a ter alegria “[...] Viva a sua liberdade, o campo, a cidade, sua moradia. Cuidemos de nosso ambiente, pros bichos e pra gente sentir alegria!” (L24). Guimarães (2007, p. 87) alerta para as consequências desse isolamento do ser humano e da relação de dominação sobre o ambiente.

Na outra extremidade desse processo histórico-cultural chegamos às sociedades contemporâneas. A modernidade baseada em uma visão liberal e cartesiana de mundo (indivíduo como célula *mater* da sociedade / a compreensão do todo focada na parte e a partir dela) levou à individualização que

chega ao extremo do individualismo, do egoísmo, do cada um por si em busca de suprir agora de forma imediata, além das necessidades biológicas, as necessidades socioeconômicas criadas. Nesse contexto, os seres humanos sentem-se cada vez mais partes isoladas do todo e rompem, entre outros, o elo com a natureza. Do sentimento de não-pertencimento à natureza para o de estabelecer relações de dominação e exploração foi um pequeno passo dado pela sociedade humana.

A sociedade humana, no processo histórico, mudou sua relação com a natureza na medida em que se modernizou, e, hoje, com a grande crise ecológica que permeia o mundo, há uma necessidade de reverter essa relação homem/natureza.

Tabela 13: Fragmentos textuais enquadrados na Unidade de Registro Emergente (URE) 1.4 - Destruição.

Nome da Música	Fragmentos textuais	Frequência relativa (%)
A Humanidade e o Universo	[...] O tempo vai passando, o povo se evoluindo, a tecnologia aumentando e o verde se acabando. E a tendência é acabar com a terra, o nosso céu, atéo mar. Com o sol, com a lua até o ar [...] (L1)	37,50
	[...] E a tendência é acabar com a terra, o nosso céu, atéo mar. Com o sol, com a lua, até o ar. //Lá, láuê, lá, láuê. (L1)	
Lamento do Cerrado	[..] Lamento o nosso cerrado, todo destruído. Choro de tristeza! [...] (L3)	
	[...] E a gente não vai aguentar viver sem a vegetação. E morre o caboclo do mato, onde a natureza é sua religião. [...] (L3)*	
	[...] Nem mesmo o pau-terra se encontra aqui. Os bichos de nosso cerrado: quati, a raposa e o lobo guará. Tatu, veado, onça pintada. Perdeu sua morada o tamandú [...] (L3)	
Nova Romaria	[...] Oh filho, a mãe, família, veja a maravilha no entardecer. A terra, a água poluída, acaba com a vida, pra mim e pra você [...] (L 24)	

***Em negrito:** Refrão da canção. **Fonte:** autores para o presente estudo. URE adaptado de Duarte *et al.* (2016, p. 65).

A URE Destruição — 1.4; (37,50%) — é percebida em cinco fragmentos que descrevem a destruição da natureza, cujas consequências prejudicam o ser humano. A unidade “destruição” apresenta um percentual alto, depois de calculada a frequência relativa, pois o compositor demonstra preocupação com a devastação da natureza, e, conseqüentemente, usa suas letras para denunciar e conscientizar. Existe uma necessidade de se ter uma sociedade sustentável, pois a nossa sobrevivência depende da forma como consumimos. Trajber afirma que:

Sabemos que nossa sobrevivência depende do consumo, da existência de alimentos, de uma fonte constante de energia, da disponibilidade de matérias-primas para os processos produtivos bem como da capacidade dos vários resíduos que produzimos serem absorvidos sem se constituírem em ameaça. Contudo, para assegurar a existência das condições favoráveis à vida, teremos que produzir e consumir de acordo com o que a Terra pode fornecer. Quando considerada somente como recurso natural, a natureza, com toda a sua biodiversidade, se transforma em pura mercadoria. Por isso, quando não tem utilidade imediata para o desenvolvimento econômico, florestas, por exemplo, são tratadas como “coisas”, que podem ser destruídas, substituídas por espécies mais úteis e desrespeitadas em seu direito de ser e continuar a ser. (TRAJBER, 2007, p. 145)

A natureza descrita nos fragmentos é considerada mercadoria, é tratada com uma coisa que pode ser explorada, sem se preocupar com todos que dela dependem. No entanto, o eu lírico alerta para as consequências dessa destruição. Trajber (2007, p. 145) argumenta sobre as consequências de uma sociedade insustentável para a sobrevivência do ser humano. Vejamos:

Estamos percebendo os graves sinais desta sociedade insustentável, pois ela já provoca a escassez de água potável, guerras sangrentas motivadas por disputas pelas regiões de produção

de petróleo, o aquecimento global causado por desmatamentos e pela queima de combustíveis fósseis, a extinção de milhares de espécies. Todos os fatores que trazem consequências irreversíveis para todo o ciclo biológico do Planeta.

A poluição, o desaparecimento de espécies animais e vegetais, mudanças climáticas e guerras, realidades de uma sociedade consumista, que visa ao lucro imediato e ao acúmulo de bens. O discurso de uma sociedade sustentável requer o conhecimento do novo mundo que vivemos. Loureiro salienta que:

Em cenários desvelados, associados à mobilização em torno da problemática ambiental, levaram à construção de teorias e paradigmas que buscam alternativas de desenvolvimento, acompanhadas da revisão do conteúdo ético de nossas relações. Para o que vem sendo denominado por paradigma ecológico, a busca pela liberdade e felicidade humana se associa ao projeto de redefinição de nossa inserção e pertencimento à natureza. Nestes as causas de degradação ambiental não são entendidas como decorrentes de uma essência ruim inerente ao Homo Sapiens, mas sim de um conjunto de variáveis interconexas das categorias: modernidade/ industrialismo/ mercado/ tecnocracia. Portanto, o discurso da sociedade sustentável, no âmbito de uma nova forma de entender o mundo. Supõe a crítica às relações sociais quanto tanto ao sentido, valor e uso dado à natureza. A nós cabe superar o que entendemos como nefasto à integridade planetária e à felicidade humana. (LOUREIRO, 2003, p. 22)

Há a necessidade de se formar um ser humano com olhar crítico, que visualize a situação planetária como consequência da ação humana, e que, principalmente, veja que os atos devastadores extingirão não apenas a natureza, mas a própria espécie humana.

5.2 “Clamando pela posse da terra...” O clamor nas canções de Antônio Baiano

As tabelas demonstradas abaixo apresentam fragmentos textuais das canções com a temática “Luta pela terra”. Todas as URE são frutos da análise feita pelos pesquisadores.

Tabela 14: Fragmentos textuais enquadrados na Unidade de Registro Emergente (URE) 1 - Direitos.

Nome da Música	Fragmentos textuais	Frequência relativa (%)
Lamento do Povo	Clamando pela posse da terra, no campo milhares estão. [...]	6,25
Brasil Livre	[...] Cidadania é nosso grito. Lutamos juntos por terra, casa e pão! [...]*	
Romaria Esperança	[...] Que toda terra deverá ser repartida, pra dar comida pro povo trabalhador. [...]	

Em negrito: Refrão da canção. **Fonte:** autores para o presente estudo. URE adaptado de Duarte *et al.* (2016, p. 65).

A URE Direitos (6,25%) aparece em três letras diferentes e em três fragmentos. Representa a luta dos movimentos sociais, que gritam por cidadania, pelo direito da terra. Uma forma encontrada pelo poder dominador de roubar os direitos é a estratégia de inferiorizar os diferentes, de torná-los inferiores, e, com isso, retirar deles todos os direitos possíveis. Arroyo (2014, p. 124), assim, salienta sobre esses direitos:

De um lado ao lutar por terra, território, espaço, moradia luta por ocupar os espaços do saber, do conhecimento, da ciência de que foram segregados. De outro lado, ou articuladas a essas lutas, resistem às representações sociais tão negativas com que continuam pensados, avaliados e reprovados, quando lutam por essa totalidade de direitos.

As lutas abordadas vão muito além do que ganhar um pedaço de chão ou uma casa para morar. Voltamos à questão da humanização, do direito de ser visto como gente, de não ser condenado pela cor da pele ou pela roupa que se usa. É luta por ser respeitado dentro da escola, de não ser excluído pelo jeito de falar e pelas dificuldades financeiras que se tem. As pedagogias dominantes devem se tornar pedagogias libertadoras e respeitadoras. Sobre as teorias pedagógicas que segregam, Arroyo observa que:

Inferirizar os povos diferentes em etnia, raça foi uma estratégia para não reconhecer a igualdade de direitos. As teorias pedagógicas ora reagem, ora vêm contribuindo nessa estratégia segregadora. Sem superá-la, as políticas como toda criança na escola, direito ao conhecimento, à aprendizagem, caem no vazio social enquanto as crianças populares, das periferias, do campo, negras, quilombolas continuam pensada se tratadas como inferiores, subalternas. Sem superar esses tratos continuarão entrando na escola para serem humilhadas, inferiorizadas, reprovadas por não ser alfabetizadas na idade certa. (ARROYO, 2014, p. 126)

A pedagogia verdadeiramente democrática deve promover uma escola para todos e todas, uma escola onde todos e todas sejam respeitados, um lugar onde as diferenças não sejam motivo de preconceito, mas de diálogo, uma escola em que os pobres possam aprender, serem aprovados e sonharem em ter a profissão que quiserem.

Tabela 15: Fragmentos textuais enquadrados na Unidade de Registro Emergente (URE) 2 - Capitalismo/Exploração.

Nome da Música	Fragmentos textuais	Frequência relativa (%)
Lamento do Povo	[...] Esse grito está incomodando a quem sempre viveu da exploração. [...]	6,25
Romaria da Terra	[...] Mas no passar do tempo, que o povo aumentou, começou a ambição e a terra negociou. Uns compravam e outros não, e à força eles tomou. [...]	
	[...] A terra que era nossa, hoje é toda do patrão. Desemprego na cidade virou uma maldição. [...]	

Fonte: autores para o presente estudo. URE adaptado de Duarte *et al.* (2016, p. 65).

A URE Capitalismo/Exploração (6,25%) apresenta o poder hegemônico, o poder capitalista, com suas grandes propriedades, que, na condição de patrão, explora, rouba e mata. O Brasil é um país que tem, ao longo da história, a injustiça social como algo que o marca e o identifica devido à injusta divisão de renda. Grandes propriedades nas mãos de poucos e muitos trabalhadores sem nada. A subalternização das classes sociais é uma característica do sistema capitalista, conforme se identifica na explanação de Roos e Fernandes:

O agronegócio é uma forma de organização da agricultura capitalista por meio de um conjunto de sistemas que o próprio capital criou. Desde meados do século passado, a classe capitalista associou a agricultura e a pecuária à indústria e a outros sistemas, como o mercantil, o financeiro e o tecnológico, tornando-se assim hegemônicos e subalternizando ainda mais as outras classes sociais. (ROOS; FERNANDES, 20016, p. 44)

A luta do MST pelo direito a terra é uma luta contra esse poder hegemônico. Quando se conquista a terra, essa luta continua, porque o sistema capitalista vai até esses assentamentos usar do seu poder para impor regras para os assentados. Os assentamentos tornam-se territó-

rios em permanente disputa. Roos e Fernandes (2016, p. 41) salientam sobre essa disputa:

Os assentamentos rurais são territórios em permanente disputa. Neles se manifestam vozes contraditórias, as quais ecoam subalternidade e resistência. Ou seja, as contradições da luta pela terra expressas no conflito entre a resistência camponesa e a exploração capitalista do território camponês.

Para não se dar por vencido, ao perder suas terras para o MST, o poder hegemônico adentra os assentamentos, e muitos assentados são convencidos a agir de acordo com as regras do agronegócio. Roos e Fernandes (2016, p. 50) chamam atenção para a questão da territorialidade, que é o adentramento do agronegócio no interior do território camponês.

Outra forma do capital subalternizar a produção camponesa é através da territorialidade do sistema agrícola do agronegócio em território camponês. Nessa também estão em jogo a apropriação de relações não capitalistas de produção e a sujeição da renda da terra camponesa pelo capital [...]

São as eternas lutas que vêm e que vão. São histórias de resistência que marcam a história de nosso país.

Tabela 16: Fragmentos textuais enquadrados na Unidade de Registro Emergente (URE) 3 - Autoindagação/Revolta.

Nome da Música	Fragmentos textuais	Frequência relativa (%)
Lamento do Povo	[...] O que posso fazer? O que tenho a dizer meu pai? [...]*	2,08

***Em negrito:** Refrão da canção. **Fonte:** autores para o presente estudo. URE adaptado de Duarte *et al.* (2016, p. 65).

A URE Autoindagação (2,08%) está contida em fragmentos textuais que apresentam um eu lírico que se questiona sobre sua ação dian-

te da luta do povo oprimido. “O que posso fazer? O que tenho a dizer?” Questionamentos que invadem o pensamento do eu lírico e que nos levam a refletir como agir diante dessa realidade tão injusta. Guimarães (2004, p. 30) salienta a importância de se unir em coletivos para se lutar contra a estrutura dominante. Vejamos:

Isso significa que precisamos, mergulhados nessa correnteza paradigmática, construir esse movimento coletivo conjunto, que tenha sinergia para resistir e que, nessa contraposição (luta hegemônica), busquemos alargar as brechas e contradições da estrutura dominante, fragilizando-a, para assim interferirmos na construção de uma nova realidade (totalidade dialética).

Para se mudar essa sociedade, em que há a dominação do capitalismo, é preciso lutar contra os interesses que oprimem, é necessário união, trabalharmos juntos. Além do trabalho coletivo, é necessário que haja uma mudança nas nossas percepções, no nosso pensamento e nos nossos valores. Capra (1996, p. 14-15) salienta a respeito das soluções para os principais problemas de nosso tempo:

Há soluções para os principais problemas de nosso tempo, algumas delas até mesmo simples. Mas requerem uma mudança radical em nossas percepções, no nosso pensamento e nos nossos valores. E, de fato, estamos agora no princípio dessa mudança fundamental de visão do mundo na ciência e na sociedade, uma mudança de paradigma tão radical como o foi a revolução copernicana. Porém, essa compreensão ainda não despontou entre a maioria dos nossos líderes políticos. O reconhecimento de que é necessária uma profunda mudança de percepção e de pensamento para garantir a nossa sobrevivência ainda não atingiu a maioria dos líderes das nossas corporações, nem os administradores e os professores das nossas grandes universidades.

É necessário que essa mudança de percepção atinja desde os governantes até os professores universitários. A nossa salvação, segundo Capra, depende dessa mudança. Depende também de que nossos líderes vejam que os diferentes problemas estão interligados. Capra (1996, p. 15) ressalta que:

Nossos líderes não só deixam de reconhecer como diferentes problemas que estão inter-relacionados; eles também se recusam a reconhecer como suas assim chamadas soluções afetam as gerações futuras. A partir do ponto de vista sistêmico, as únicas soluções viáveis são as soluções “sustentáveis”. O conceito de sustentabilidade adquiriu importância-chave no movimento ecológico e é realmente fundamental. Lester Brown, do Worldwatch Institute, deu uma definição simples, clara e bela: “Uma sociedade sustentável é aquela que satisfaz suas necessidades sem diminuir as perspectivas das gerações futuras”. Este, em resumo, é o grande desafio do nosso tempo: criar comunidades sustentáveis — isto é, ambientes sociais e culturais onde podemos satisfazer as nossas necessidades e aspirações sem diminuir as chances das gerações futuras.

Os questionamentos do eu lírico sobre o que fazer estendem-se a toda a problemática social e ecológica, uma vez que tudo está interligado. Aí entra o conceito de sustentabilidade. Segundo Capra (1996, p. 15) “... a partir do ponto de vista sistêmico, as únicas soluções viáveis são as soluções ‘sustentáveis’”. Capra chama atenção para a necessidade de se criar comunidades sustentáveis, com vistas às gerações futuras poderem ter um ambiente favorável para se viver.

Tabela 17: Fragmentos textuais enquadrados na Unidade de Registro Emergente (URE) 4 - Desejo/Justiça.

Nome da Música	Fragmentos textuais	Frequência relativa (%)
Lamento do Povo	[...] Que se faça justiça, repartam as terras, partilhem o pão, entre nós filhos teus. [...] *	8,33
Brasil Livre	[...] Se trabalhamos como assalariados, nós almejamos agricultura forte. Que tenha crédito, que possamos plantar, defendendo com determinação que a agricultura seja familiar. [...]	
	[...] Se trabalhamos como assalariados queremos nossos direitos respeitados. Vamos unidos, campo e cidade aos mil. //Gritamos juntos: terra livre Brasil!	
Romaria Esperança	[...] Pra ver de novo a terra em suas mãos. [...]	

***Em negrito:** Refrão da canção. **Fonte:** autores para o presente estudo. URE adaptado de Duarte *et al.* (2016, p. 65).

A URE Desejo/justiça (8, 33%) é expressa em fragmentos textuais que aparecem em três letras musicais e mostram o quanto o eu lírico sente o desejo de que todos tenham um pedaço de chão para plantar, que tenham seus direitos respeitados. Apresenta também o sonho de ver a agricultura familiar se fortalecer, para que esses trabalhadores possam ter uma forma de ganhar o pão de cada dia. Correia (2012, p. 191) argumenta sobre a conquista de direitos que:

Política, justiça, resistência, conquista de direitos e justiça-bilidade são expressões que se complementam na busca de uma sociedade que supere as limitações daquela sociedade formatada nos atuais moldes restritivos do capitalismo. Para tanto, é indispensável uma leitura sempre crítica do direito e a percepção de que a superação somente se faz a partir de uma sociedade mobilizada, para a qual a noção de justiça como expressão da igualdade é mais importante do que o próprio direito. Somente a participação política é forma de concretização da igualdade.

“[...] justiça como expressão da igualdade é mais importante do que o próprio direito”, assim afirma Correia (2012, p.191). Uma justiça conquistada a partir da mobilização da sociedade, da luta contra o capitalismo, e de um olhar para todos, que todos tenham direitos, que a justiça atinja a todos. Só se atingirá essa justiça quando houver uma sociedade que tenha senso crítico e perceba a importância da união e da divisão igual de bens e de direitos. Uma sociedade que só pensa em si nunca atingirá a conquista dos direitos.

A visão holística de mundo nos leva a perceber a necessidade de um novo paradigma. Capra (1996, p. 16), assim, salienta sobre esse novo paradigma:

O novo paradigma pode ser chamado de uma visão de mundo holística, que concebe o mundo como um todo integrado, e não como uma coleção de partes dissociadas. Pode também ser denominado visão ecológica, se o termo “ecológica” for empregado num sentido muito mais amplo e mais profundo que o usual. A percepção ecológica profunda reconhece a interdependência fundamental de todos os fenômenos, e o fato de que, enquanto indivíduos e sociedades estão todos encaixados nos processos cíclicos da natureza (e, em última análise, somos dependentes desses processos).

Um mundo integrado e não dividido em partes, um mundo onde todos têm direito, um mundo onde todos dependem dos processos cíclicos da natureza. Há uma interdependência profunda do ser humano entre si e do ser humano com a natureza, uma interdependência que é preciso se reconhecer para que haja um respeito maior entre os seres humanos e entre o homem e a natureza.

O eu lírico ressalta a importância da agricultura familiar, e, pensando nessa integração homem-natureza, os defensores da agricultura familiar têm essa percepção da necessidade de cuidar da natureza, porque disso dependerá o êxito da sua plantação. A agricultura familiar é um tipo de agricultura sustentável, que tem a percepção integração

homem-natureza. Sobre a agricultura familiar, Soares *et al.* (2009, p. 03) salientam que:

A agricultura familiar é fundamental para o desenvolvimento econômico sustentável do espaço rural. A produção familiar é a principal atividade econômica de diversas regiões brasileiras e precisa ser fortalecida, pois o potencial dos agricultores familiares na geração de empregos e renda é muito importante.

Além da sustentabilidade, da integração com a natureza, esta modalidade agrícola é uma fonte de empregos, principalmente, para aqueles que vivem no campo. É necessário que haja uma maior valorização dessa agricultura, para que todos possam ter em suas mesas alimentos de qualidade, no intento de que a natureza sobreviva a tanta devastação provocada pela agricultura expansiva.

Tabela 18: Fragmentos textuais enquadrados na Unidade de Registro Emergente (URE) 5 - Denúncia/Realidade.

Nome da Música	Fragmentos textuais	Frequência relativa (%)
Lamento do Povo	[...] Não posso mais enumerar os mártires desse país, na roça e também na cidade. Só vê crueldade. [...]	4,16
Romaria da Terra	[...] Fazendeiros e jagunços matando o trabalhador. As famílias que eram donas, hoje vivem ao abandono e sem suas terras ficou. [...]	

Fonte: autores para o presente estudo. URE adaptado de Duarte *et al.* (2016, p. 65).

A URE Denúncia/Realidade (4,16%) está contida em fragmentos textuais presentes em duas letras e mostram um eu lírico incomodado com a violência no campo, insatisfeito com fazendeiros e jagunços que matam o trabalhador para dele tomar a terra. Os trabalhadores rurais que resistem se tornam mártires, e o sangue desses explorados é derramado em nome da luta contra o latifúndio. A luta do MST pela posse da terra

é, e sempre, será, contra o capitalismo, contra o latifúndio, que quer tomar as terras dos pequenos agricultores. Bogo (2003), nesse sentido, salienta a respeito dessa luta:

No início, quando o MST se organizou, a luta era a mesma que a de hoje: ocupar o latifúndio. O inimigo que perseguia nossa luta era o latifundiário, que se articulava com o juiz, este requisitava a polícia para fazer os despejos. Em muitos casos, os latifundiários se organizavam e contratavam pistoleiros para matar nossas lideranças. Nos últimos tempos, isso tudo ainda acontece, mas o Governo, que antes procurava intervir para resolver o conflito, agora é quem protege o latifúndio e ataca os trabalhadores. Por isso, o momento político mudou de qualidade e o conflito mudou de natureza. (BOGO, 2003, p. 436)

O discurso do autor é inerente aos latifundiários, que se organizam e contratam pistoleiros para matar as lideranças e intimidar os membros dos grupos dos movimentos sociais. Em todos os cantos do país, são mártires como Chico Mendes⁴, Irmã Dorthy⁵ e tantos outros ativistas, que foram mortos lutando por aqueles que são considerados pequenos: pequenos agricultores, os povos da floresta, os seringueiros, os quilombolas.

Tabela 19: Fragmentos textuais enquadrados na Unidade de Registro Emergente (URE) 6 - Martírio/Extermínio.

Nome da Música	Fragmentos textuais	Frequência relativa (%)
Lamento do Povo	[...] correm rios de sangue.	2,08

Fonte: autores para o presente estudo. URE adaptado de Duarte *et al.* (2016, p. 65).

A URE Martírio/Extermínio (4,16%) está presente num único fragmento textual da letra da canção analisada. Nessa letra o eu lírico destaca os “rios de sangue”, rios de sangue que se formam devido à morte daqueles que lutam por seus direitos e pela igualdade de justiça para todos. Os que sobrevivem carregam consigo as marcas, as cicatrizes deixadas pela luta. Bogo (2003, p. 48) relata que:

Fica na consciência dos militantes, que trazem consigo as marcas da violência, que a morte faz parte da vida. As mutilações e as cicatrizes representam uma parte da morte, que entra na vida que não se dobrou e teima em levar o corpo para onde apontam os pensamentos. Importante era saber que estavam vivos e se emocionavam sempre que, nas plenárias, eram homenageados os mártires da luta pela terra. Tinham a sensação de fazer parte daquela constelação de estrelas abatidas, mas simbolicamente vivas. Precisavam ser lembradas para manterem seu brilho. Significando, então, que foram assassinadas, mas não morreram. Como disse o poeta português Fernando Pessoa: “A morte é a curva da estrada, morrer é só não ser visto”.

O sangue derramado pelos mártires da luta é sangue que fortalece os que sobreviveram e carregam consigo cicatrizes que os identificam como os mártires da luta pela terra. Na perspectiva de Bogo (2003), quem foi assassinado não morreu porque continua vivo nas lembranças dos grupos a que pertence e é lembrado para manter firme a necessidade de lutar pelos direitos, pela igualdade e pela justiça.

Tabela 20: Fragmentos textuais enquadrados na Unidade de Registro Emergente (URE) 7 - Questionamento.

Nome da Música	Fragmentos textuais	Frequência relativa (%)
Lamento do povo	[...] A quem serve a lei e o poder, a política e a Constituição? [...]	2,08

Fonte: autores para o presente estudo. URE adaptado de Duarte *et al.* (2016, p. 65).

A URE Questionamento (2,08%) também aparece em um único fragmento textual. O eu lírico questiona sobre a lei e o poder (a quem eles servem?). A força do capitalismo faz com que as leis sejam criadas apenas para satisfazer seus interesses. As políticas no processo histórico de nossa sociedade são, segundo Arroyo (2014, p. 167), “[...] políticas de segregação/dominação/subordinação/opressão. A produção de sua inferiorização foi acompanhada de estratégias, de políticas de estado”.

A lei e o poder servem aos poderosos, assim como a política e a Constituição. Arroyo (2014, p.167) afirma que “o modelo agroexplorador que financia o agronegócio e destrói a agricultura camponesa é política de estado”. O poder do agronegócio torna inviável aos pequenos agricultores continuarem em suas terras.

Os movimentos sociais se tornam presentes na história desse Estado dominador, que deixa sua herança até nossos dias. Arroyo (2014, p. 167) argumenta que:

Ignorar esse histórico papel e pensar as desigualdades como uma triste herança maldita do passado que o Estado benevolente tenta corrigir é uma das críticas das vítimas dessas desigualdades e desse Estado que as perpetua. A crítica dos movimentos sociais é aos processos/políticas de produção dessa diversidade de desigualdades e a crítica ao papel histórico do Estado que é ocultado ao se limitar as políticas corretivas da pobreza.

A pobreza ainda é presente em nossa sociedade, é fruto desse processo histórico de dominação e desumanização, que divide a sociedade e prioriza a classe dominante.

Tabela 21: Fragmentos textuais enquadrados na Unidade de Registro Emergente (URE) 8 - Injustiça.

Nome da Música	Fragmentos textuais	Frequência relativa (%)
Lamento do Povo	[...] Assassinam sem piedade, permanecem impunes nessa nação. [...]	2,08

Fonte: autores para o presente estudo. URE adaptado de Duarte *et al.* (2016, p. 65).

A URE Injustiça (2,08%), assim como as duas anteriores, aparece em um único fragmento textual. Os assassinatos no campo são consequência da sociedade que se dividiu em classes. Na era primitiva, as lutas e a violência no meio rural existiam como forma de garantir a alimentação, pois essa era dividida em tribos, que sempre eram nômades, e não havia disputa por território, por terras. Com o surgimento da sociedade dividida em classes, essa violência tomou outras proporções. Hoje a violência é para garantir o domínio da propriedade privada. Lessa e Tonet (2012, p. 14-15), assim, descrevem essa violência:

Na comunidade primitiva a violência também estava presente, contudo com um papel social inteiramente distinto. Na disputa entre tribos ou bandos, tratava-se de garantir a posse de fontes de alimentação, locais de abrigo, etc. E, no interior do próprio bando ou tribo, a carência poderia resultar na violência entre indivíduos. Neste último caso, contudo, havia um limite. Como a sobrevivência de cada um, mesmo do mais forte do grupo, dependia da sobrevivência de toda a comunidade, a violência raramente levava a ferimentos graves ou à morte dos envolvidos. Com a sociedade de classes, a violência ganha uma nova função social. Ela agora está a serviço da reprodução da propriedade privada. Matar passa a ser uma atividade econômica e socialmente valorizada. Surge a guerra, uma ati-

vidade fundamental para a dominação dos trabalhadores pelas classes proprietárias. A violência passa a ser uma atividade essencial para a reprodução da sociedade e todas as relações sociais, desde as familiares até as da vida cotidiana, terminam sendo contaminadas por ela.

A violência é usada para destruir a organização e fazer com que esses movimentos desistam e entreguem suas propriedades. A impunidade daqueles que cometem violência é uma realidade constante, porque a justiça não é a mesma para pobres e ricos. No entanto, a morte de líderes e de membros, muitas vezes, tem um efeito contrário. A morte é considerada um martírio, e os membros dos movimentos que são mortos são lembrados como heróis, que deram a vida em defesa de seu povo e da luta organizada. Sobre a morte de líderes das organizações sociais, Bogo afirma que:

Em uma organização social, os que partem não morrem, porque nunca alcançam a curva da estrada do esquecimento; permanecem vivos na memória, nas idéias e no pedaço de existência política que construíram. (BOGO, 2003, p. 48)

Mesmo que não haja a condenação dos que matam, a memória desses líderes sempre se faz presente na luta pela justiça e igualdade de direitos. Na nossa sociedade capitalista, a hegemonia da burguesia sobressai ao direito do proletariado, por isso, os assassinos permanecem impunes. O eu lírico lamenta essa injustiça, lamenta essa impunidade.

Tabela 22: Fragmentos textuais enquadrados na Unidade de Registro Emergente (URE) 9 - Resistência.

Nome da Música	Fragmentos textuais	Frequência relativa (%)
Lamento do Povo	[...] Passo a passo fazemos caminho, sempre em busca de organização. [...]	2,08

Fonte: autores para o presente estudo. URE adaptado de Duarte *et al.* (2016, p. 65).

A URE Resistência (2,08%) é mais uma que está presente em um único fragmento textual. Nesse fragmento o eu lírico mostra a caminhada do povo em busca de organização. Na história de nosso país, sempre houve lutas na tentativa de uma sociedade igualitária. Os movimentos sociais sempre se uniram contra a burguesia, que sempre fez de tudo para oprimir e dividir a sociedade em classes, mantendo sempre uma distância muito grande da classe trabalhadora. Bogo (2003, p. 28), assim, escreve sobre a luta dos trabalhadores:

Assim é a história da luta dos trabalhadores. As lutas reaparecem como se fossem heranças enterradas e conservadas pela memória das gerações. Com o tempo, as novas gerações arrancam a parte que lhes interessa e lhes dão destino, misturando os velhos ensinamentos com seus próprios passos. Assim se constitui a história da humanidade em permanente marcha.

A luta é constante. Cada geração escreve a sua história de acordo com o momento em que vive, buscando exemplos nos antepassados e confiantes na vitória contra a burguesia que oprime e separa. Os movimentos sociais surgem dentro da sociedade para defender os mais fracos, os que são oprimidos. Erguem-se para defender aqueles que têm seus direitos roubados. Bogo (2003, p. 29), ainda sobre os movimentos sociais, complementa:

Os movimentos sociais emergem da própria sociedade, como arma dos fracos para defender-se da opressão dos mais fortes. Lutam pela conquista de seus espaços orientados pelo farol da utopia. Desta forma, surge a teoria da organização, baseada nas necessidades presentes, pautada nas experiências passadas, pelo conhecimento histórico acumulado e conduzida pelos objetivos que se queira alcançar no futuro.

A luta pela organização descrita pelo eu lírico é uma luta para defender os oprimidos dos mais fortes, uma luta pela conquista do seu espaço, da sua terra, dos seus direitos. Essa organização é reprimida por

aqueles que sabem o valor da união e da força que um grupo cria ao se juntar. “Passo a passo”, são passos sofridos, mas são passos de confiança e de esperança. São passos utópicos e, às vezes, são passos até desanimadores, porque o poder do capitalismo é um poder que massacra e causa desespero, mas há sempre aqueles que animam passos de resistência, porque a luta continua, apesar de todas as perseguições, e não deixam os mais fracos desistirem. União e esperança sempre, mesmo quando tudo parece estar perdido, dão força para continuar a caminhada. A resistência de um povo que luta dia a dia por seus direitos, e que, muitas vezes, se tornam exemplos para outros movimentos. Resistência, apesar das dificuldades, resistência como motivo para caminhar, para seguir.

Tabela 23: Fragmentos textuais enquadrados na Unidade de Registro Emergente (URE) 10 - Sonho/Utopia.

Nome da Música	Fragmentos textuais	Frequência relativa (%)
Lamento do Povo	[...] De mãos dadas sigamos em frente, formando a corrente pra libertação.	6,25
Romaria Esperança	[...] Vem caminhando, de ônibus e caminhão. Traz a certeza da conquista do seu chão. [...]	
	[...] Em romaria canta bendito, faz a memória do sangue de companheiros, anima a luta, lança projeto para acabar com latifúndio brasileiro. [...]*	

***Em negrito:** Refrão da canção. **Fonte:** autores para o presente estudo. URE adaptado de Duarte *et al.* (2016, p. 65).

A URE Sonho/ Utopia (6,25%) aparece em três fragmentos textuais. Nesses fragmentos o eu lírico mostra o sonho de conseguir a libertação de seu povo e a certeza da conquista do chão. Nas romarias da terra, e, nas caminhadas do MST, faz-se a memória do povo que lutou até a morte pela utopia da libertação do latifúndio brasileiro. Sobre a marcha e a romaria, Souza salienta que:

A mística da marcha do MST, análoga à dos romeiros dos mártires da caminhada, constrói unidade na diversidade e aproxima dilemas e demandas aparentemente dispersas e distantes geograficamente. O ato (a romaria e a marcha) e a narrativa inscrita na peregrinação rememoram enfrentamentos, dificuldades, violência e mortes. (SOUZA, 2016, p. 345)

Rememorar é uma necessidade de fazer presentes os enfrentamentos e dificuldades que culminaram em muitas conquistas. Além de rememorar, continuar a caminhada e a luta “[...] De mãos dadas sigamos em frente [...]”, juntos na busca pela libertação, pela conquista da terra. A luta sofre a perseguição do capital, a luta contra as investidas do neoliberalismo, muitas vezes, é regada de violência, mas, segundo Bogo (2016, p. 43), o povo que se reúne, não desiste, e as mortes, ao invés de enfraquecerem, fortalecem a luta.

Enquanto o capital vai eliminando os trabalhadores de suas profissões, o MST recompõe o espaço de trabalho, reconstrói as famílias e eleva o nível de consciência das pessoas. O mérito não está na capacidade de sobreviver às investidas neoliberais, enfrentando todos os tipos de violência, mas na demonstração de que é possível resistir, mesmo custando o sacrifício de vidas humanas. O conforto para essa sustentação vem do pensamento de D. Pedro Casaldáliga, que fala sobre a morte: “Toda morte matada, toda morte morrida, se for vida doada, não é morte, é vida”.

A fala de Dom Pedro Casaldáliga mostra como a morte de membros dos movimentos sociais é vista como o martírio, uma entrega que deve ser lembrada e servir de exemplo.

Quando vemos ou participamos das romarias, percebemos como a memória dos mártires é lembrada. São mortes que emocionam e, ao mesmo tempo, fortalecem a luta do povo sofredor. No entanto não basta fazer memória. É necessário ir além, é necessário fazer com que essa história não se repita, que a luta dos movimentos sociais seja respeitada, e

que consiga atingir seus objetivos, que é a construção de uma sociedade igualitária, onde todos tenham o direito de viver, comer e ser feliz.

Tabela 24: Fragmentos textuais enquadrados na Unidade de Registro Emergente (URE) 11 - Lembrança.

Nome da Música	Fragmentos textuais	Frequência relativa (%)
Minha Terra Sumiu	Meu povo tinha terra, podia plantar, colhia alimento, matava sua fome, tinha casa de sobra. [...]	2,08

Fonte: autores para o presente estudo. URE adaptado de Duarte *et al.* (2016, p. 65).

A UR Lembrança (2,08%) aparece em um único fragmento textual. Nele o eu lírico mostra a lembrança que ele tem da época em que o seu povo tinha terra e não passava fome. Ele se coloca como parte desse povo, que perdeu seus direitos, perdeu suas terras, foi enganado ou forçado a vender suas pequenas propriedades aos grandes latifundiários. Usando do poder que detinham (e ainda detêm), os grandes proprietários de terra usaram meios para forçar os pequenos produtores a ceder aos seus interesses. Coelho (2014, p. 77) chama atenção para a forma como os grandes produtores conseguiram comprar as pequenas propriedades:

A política adotada pelo Estado, visando à transformação da agricultura brasileira, prejudicou muito a pequena propriedade, uma vez que os créditos rurais para modernizar o campo eram adquiridos apenas por grandes proprietários de terras. Diante disso, muitos desses recursos eram usados na compra de mais terras, o que contribuiu para a concentração fundiária.

A falta de acesso aos créditos rurais, — que eram negados aos pequenos produtores, — forçou a venda de suas pequenas propriedades e contribuiu para a concentração fundiária nas mãos dos grandes produtores. Temos aí, mais uma vez, o domínio do capitalismo, que tudo com-

pra e tudo toma, sem pensar naqueles que estão perdendo seu lugar. A perda desse lugar, Coelho (2014, p 77) chama de expropriação. Trata-se de milhares de famílias que abandonaram a zona rural, foram forçadas a ir para a cidade, e, lá, viver uma vida miserável, passar fome.

Nesse sentido, tal modernização se tornou conservadora, ou seja, não transformou as estruturas. Intensificou a tecnologia no campo, mas não questionou a estrutura fundiária, pelo contrário, auxiliou na expropriação de milhares de famílias.

Diante dessa nova realidade de concentração de muitas terras, na sua maioria, improdutiva, é que surgem os movimentos sociais do campo, que saem em defesa dos sem terra, daqueles que almejavam conquistar suas terras novamente. Sobre essa situação, Coelho (2014, p. 78) salienta que:

Diante da situação alarmante que o quadro de concentração de terras no Brasil apresentava, quando havia poucas pessoas com muitas terras, a maioria dessas improdutivas, e tendo muitos indivíduos que almejavam terra para trabalhar e sobreviver, os movimentos sociais no campo surgiram como forma de resistência à expropriação e exploração no campo.

A resistência dos movimentos sociais do campo é que mantém viva a esperança da conquista. Hoje vemos o quanto já foi conquistado, mas vemos também que ainda há muito o que fazer para superar essa desigualdade social, que divide a sociedade em classes, deixando os ricos cada dia mais ricos, e os pobres cada dia mais pobres. Essa luta, que se iniciou há décadas, é uma luta que deve continuar, e que deve ganhar forças para se insurgir contra essa sociedade neoliberal que quer destruir, acabar com os direitos conquistados pela classe trabalhadora. Um povo que tinha lugar para morar e podia plantar, e, com isso, tinha o que comer, o que vestir, podia passear, com o tempo tudo foi tomado. Os direitos mínimos foram tirados junto com seu pedaço de chão. Frei-

re (1987, p. 25) afirma que, hoje, eles se sentem como oprimidos, sem direitos:

Vão sentir-se, agora, na nova situação, como oprimidos porque, se antes podiam comer, vestir, calçar, educar-se, passear, ouvir Beethoven, enquanto milhões não comiam, não calçavam, não vestiam, não estudavam nem tampouco passeavam, quanto mais podiam ouvir Beethoven, qualquer restrição a tudo isto, em nome do direito de todos, lhes parece uma profunda violência a seu direito de pessoa. Direito de pessoa que, na situação anterior, não respeitavam nos milhões de pessoas que sofriam e morriam de fome, de dor, de tristeza, de desesperança.

Talvez, antes de estarem nessa situação, nem percebiam que, antes, havia outros que não tinham o que comer, e não tinham o que vestir. Hoje, estando na mesma situação, conseguem ver o outro. As lembranças do povo trabalhador são lembranças que impulsionam a lutar junto com seus companheiros por uma sociedade mais justa. São lembranças de tempos bons, em que cada um produzia no seu pedaço de chão. O que ficou na lembrança incentiva a lutar pela recuperação do que foi perdido.

Tabela 25: Fragmentos textuais enquadrados na Unidade de Registro Emergente (URE) 12 - Identidade.

Nome da Música	Fragmentos textuais	Frequência relativa (%)
Minha Terra Sumiu	[...] Meu povo tinha nome. [...]	4,16
Terra Conquistada	[...] Carrego minha história dentro do coração. [...]	

Fonte: autores para o presente estudo. URE adaptado de Duarte *et al.* (2016, p. 65).

A URE Identidade (4,16%) aparece em dois fragmentos textuais. Nesses fragmentos o eu lírico mostra como seu povo perdeu a sua “identidade”, no decorrer dos anos, a identidade do povo trabalhador foi perdida, permanecendo a identidade da classe dominante. Sobre identidades dominantes/ superiores, Arroyo (2014, p. 153) usa a fala de Quijano (2005), que salienta:

‘O que começou na América foi mundialmente imposto. A população de todo o mundo foi classificada, antes de mais, em identidades ‘raciais’ e dividida entre os dominantes /superiores ‘europeus’ e os dominados/ inferiores ‘não europeus’ [...] A ‘cor da pele foi definida como marca ‘racial’ diferencial mais significativa [...] Desse modo, adjudicou-se aos dominadores/ superiores o atributo de ‘raça branca’ e a todos os dominados/ inferiores o atributo de ‘raças de cor’. A escala de gradação entre o ‘branco’ da ‘raça branca’ e cada uma das outras ‘cores’ da pele foi assumida como uma gradação entre o superior e o inferior na classificação social ‘racial’.

A predominância da cor branca como a mais bela e superior fez com que os povos oprimidos perdessem sua identidade. Muitos não se reconhecem como negros, indígenas e trabalhadores rurais, porque a cor da pele desses povos é a cor preta, que é justamente a cor não valorizada, a cor que é mais discriminada. A destruição da identidade inferior, tomada pela identidade superior, fez com que os padrões de poder, de saber, de trabalho, de territorialização, passassem a ser racionalizados de acordo com o poder dominante. Arroyo (2014, p. 154-155) escreve sobre esse instrumento de classificação. Vejamos:

Se a raça e a identidade racial se constituíram em um instrumento de classificação, de dominação dos Outros subalternizados, por que as teorias pedagógicas, inclusive críticas, libertadoras, não têm dado a centralidade histórica e pedagógica que elas tiveram e têm em nossa formação? A conformação das categorias de superioridade/inferioridade, de dominação

subordinação/opressão social, política e no trabalho passam pela classificação racial. “A ideia de raça foi uma maneira de outorgar legitimidade às relações de dominação”. Aí radica uma das forças conformadoras radicais de desconstrução/construção de identidades e de naturalização das supostas inferioridades/superioridades. Os padrões de poder, de saber, de trabalho, de territorialização passam a ser e continuam racionalizados. Raça, trabalho, conhecimento, poder se reforçam mutuamente. As teorias pedagógicas, de formação, aprendizagem foram construídas atreladas aos padrões racializados de poder, conhecimento, trabalho.

O “nome” do povo foi perdido, a sua história foi apagada, mas a luta não é apenas pela conquista do pedaço de chão, é uma luta que vai muito além, pois busca a reconquista da sua identidade e o reconhecimento de sua raça. Os movimentos sociais se unem e discutem a importância de lutar contra os padrões racionalizados, que oprimem e desvalorizam a identidade dos povos oprimidos, a identidade e a raça que vivem entrelaçadas. Arroyo, assim, argumenta sobre a importância do reconhecimento:

Há uma diferença radical entre o reconhecimento que vem de dentro do Estado a partir de políticas para os excluídos, os desiguais e os reconhecimentos que vêm deles, de suas ações e lutas coletivas afirmativas. Suas presenças afirmativas mostram a radicalidade de seu não reconhecimento histórico como humanos, existentes, legais, cidadãos. Mostram também que há tensões por reconhecimento (ARROYO, 2014, p. 174).

As ações coletivas dos movimentos sociais buscam o reconhecimento de suas identidades, de sua cultura, de seus valores.

Tabela 26: Fragmentos textuais enquadrados na Unidade de Registro Emergente (URE) 13 - Valores.

Nome da Música	Fragmentos textuais	Frequência relativa (%)
Minha Terra Sumiu	[...] Até mesmo meu pai era fazendeiro, puxador de reza lá do sertão. Era respeitado, eu posso falar. [...]	4,16
Terra Conquistada	[...] Tenho minha família, é planta com raiz. [...]	

Fonte: autores para o presente estudo. URE adaptado de Duarte *et al.* (2016, p. 65).

A URE Valores (4,16%) consta em dois fragmentos textuais. Nesses fragmentos o eu lírico mostra que seu povo tinha valores, e que esses valores, — os quais faziam parte da sua vida, no seu pedaço de chão, — foram perdidos. Da mesma forma que a sua propriedade foi tirada, assim, também, seus valores foram tirados e perdidos. Os movimentos sociais, ao se unirem, reunirem e debaterem, buscam despertar, em seus participantes, a necessidade de recuperar não apenas a sua identidade, mas também os seus valores. Valores esses que, para muitos, não têm significado, porém, para os oprimidos, são a marca de seu povo, de sua origem, de seus antepassados. Arroyo (2014, p. 194) destaca a importância das ações coletivas para a afirmação como sujeitos:

Nos movimentos e ações coletivas, nos encontros, oficinas dos diversos grupos sociais e especificamente dos povos indígenas, negros, mestiços, quilombolas, camponeses, ribeirinhos se afirmam sujeitos de uma longa história de construção de culturas, valores, memórias, identidades alicerçadas em processos de sociabilidade, de produção da vida, de diálogo com a natureza... Uma história anterior e posterior à história da colonização/dominação.

A colonização e a dominação tomou desse povo tudo o que eles tinham, a expropriação de suas terras tirou deles toda a sua história e a sua cultura. Tudo aquilo que passaram há anos, ainda continua fazendo

parte de sua história, porque os poderosos sabem que a destruição de um povo se dá pela destruição de seus valores, de seus princípios, de sua cultura. Ainda hoje, os trabalhadores rurais convivem com o perigo de terem seus direitos destruídos, e, com isso, seus valores esquecidos. A luta contra os processos brutais de destruição é uma luta constante. Arroyo (2014, p.203) salienta que:

Os trabalhadores(as) dos campos e das cidades na centralidade que dão em suas ações de resistência à ocupação/expropriação de suas terras, espaços, territórios em nossa longa história colada a sua produção na ordem social. Vivenciaram e continuam vivenciando que esses processos de tomar seus espaços, territórios como ilegais, como inexistentes perante a lei, o direito, a ordem jurídica têm operado não apenas para legitimar a conquista, a expropriação de suas terras, mas também têm operado como processos brutais, de desenraizamento e destruição de suas identidades, culturas, memórias, valores produzidos e enraizados nas formas de seu viver, trabalhar, de produzir na terra e de produzir-se como humanos.

As ilegalidades de seus territórios tornam esses trabalhadores ilegais diante da lei, à destruição de suas identidades está junto com a expropriação de suas terras. Ao se unirem em movimentos e caminhadas, seus gritos de oprimidos são gritos de quem quer reconquistar o seu território, a sua terra, a sua identidade e seus valores. É um grito que traz à tona uma história brutal de dominação e de injustiças praticadas por aqueles que se sentem acima de qualquer lei e poder.

Valores morais, valores espirituais (rezas, crenças) são usurpados pela invasão daqueles que consideram os seus costumes superiores aos deles. É muito comum vermos essa invasão e essa destruição nos mais remotos cantos de nosso país. É necessário estar atento para que não se deixe levar pela terrível enganação de uma sociedade que invade e não respeita.

Tabela 27: Fragmentos textuais enquadrados na Unidade de Registro Emergente (URE) 14 - Alienação.

Nome da Música	Fragmentos textuais	Frequência relativa (%)
Minha Terra Sumiu	[...] Mas a propaganda da televisão, que fala insistente que tem que poupar, levou o meu pai a terra vender. Agora é na cidade que tem que sofrer. [...]	2,08

Fonte: autores para o presente estudo. URE adaptado de Duarte *et al.* (2016, p. 65).

A URE Alienação (2, 08%) aparece em um único fragmento texto. Nesse fragmento o eu lírico mostra o poder de persuasão dos meios de comunicação, que alienam e escravizam o ser humano, fazendo com que ele abra mão de tudo e, quando se dá conta do que fez, se arrepende e vê que foi enganado, passado para trás. A alienação é um tema comum nas obras de Marx. Marx faz entender a alienação como a relação contraditória do trabalhador com seu produto de trabalho. Silva (2005, p. 104) mostra que:

A alienação em Marx é entendida como a relação contraditória do trabalhador com o produto de seu trabalho e a relação do trabalhador ao ato de produção, um processo de objetivação, tornando o homem estranho a si mesmo, aos outros homens e ao ambiente em que vive.

O trabalhador vende a força de seu trabalho e não é capaz de enxergar que sua mão de obra é mal paga, não é valorizada. Essa alienação, que ocorre no trabalho, é, segundo Silva (2005, p. 104), “[...] a alienação do trabalho é considerada como a mãe de todas as outras alienações cabendo ao homem passar do entendimento de alienação para o entendimento de práxis”. Todas as demais alienações surgem da alienação do trabalho.

As mídias, em geral, fazem uso do poder enganatório para alienar e persuadir. Em relação aos produtores rurais, a “propaganda da televisão”, como enfatiza o eu lírico, engana e convence o pequeno agricultor a ven-

der suas propriedades, e, ao vendê-la, vai para cidade, e, lá, passa fome por não conseguir sobreviver fora do ambiente de onde saiu. Essas dificuldades derivam, principalmente, da falta de emprego, pois o que os agricultores sabem fazer está distante das necessidades das grandes cidades.

A alienação é fruto do capitalismo. Silva (2005, p. 103) expõe que “o capitalismo produz a alienação do homem afastando-se de si mesmo e dos outros homens na medida em que seu corpo, seu espírito, e seus amigos lhe são afastados”. O capitalismo leva esse homem a se isolar, se afastar do seu meio e dos amigos, levando esse ser alienado a se tornar “mercadoria”. Silva (2005, p. 103) salienta que:

Durante todo o dia são trabalhadores, porém não têm clareza do que fazem ao se depararem com as mercadorias produzidas. As mercadorias não lhes aparecem como objetos feitos por eles, mas sim na forma de mercadoria, pois no mercado elas ganham vida própria, e eles, os trabalhadores, se tornam objetos que seguem as regras do mercado. Se não as consumirem não existem são “excluídos do mercado”.

O sonho de uma vida melhor na cidade grande é a mercadoria almejada, só que, por traz dessa mercadoria, há um poder capitalista agindo para enganar, e a falta de conhecimento do pequeno agricultor faz com que ele se iluda e entregue tudo ao grande proprietário, perdendo, assim, toda sua fonte de renda, de alimento, perdendo sua identidade, sua cultura, seus valores e o seu respeito.

5.3 O olhar dos professores sobre as canções de Antônio Baiano

Para avaliar as potencialidades das canções de Antônio Baiano no processo de ensino e aprendizagem da Educação Ambiental, na formação de professores de Educação do Campo, habilitação em Ciências da Natureza, realizamos entrevista, via questionário *on-line* (*Google Forms*), aos docentes dos dois *campi* da única IES que oferece o curso de Educação do Campo no estado de Goiás.

Do total de 33 professores convidados para participar da pesquisa (20 da UFG –Catalão e 13 da UFG – Goiás), apenas sete aceitaram o convite e responderam ao questionário, sendo quatro da UFG – Catalão, e três da UFG – Goiás. Vale ressaltar que dois docentes da UFG – Catalão não responderam ao questionário por estarem diretamente envolvidos com a presente pesquisa. Os respondentes receberam nomes fictícios de animais do Cerrado a fim de manter o anonimato.

5.3.1 Caracterização dos professores, a formação continuada e Educação Ambiental

O primeiro passo, para conhecer a opinião dos professores a respeito das músicas de Antônio Baiano, foi saber um pouco quem eles são e sua formação. As perguntas fechadas permitiram respostas rápidas e objetivas sobre o assunto proposto.

Quanto ao sexo, dos quatro da UFG – Catalão, três professores são do sexo feminino, e, dos três da UFG – Goiás, dois são do sexo feminino. Percebemos o maior número de mulheres no curso e a maior participação delas nessa pesquisa.

Referente à idade dos participantes, na UFG – Catalão, esta varia de 30 a 49 anos e da UFG – Goiás, de 50 a 55 mais. Quanto à cor dos três participantes da UFG – Goiás, dois são pardos e um branco, da UFG – Catalão, dois são pardos e dois são brancos, sendo que a metade se declarou parda, e a outra metade se declarou branca, um resultado muito positivo, porque podemos perceber a presença não apenas de professores brancos na academia, o que era realidade, mas, aos poucos, está mudando. Sobre a presença de negros como professores na universidade, Pires argumenta que:

Negros intelectuais sempre estiveram à frente de uma imprensa negra e na direção de grupos culturais, em diversos estados do país. Também mantiveram viva a luta por uma sociedade igualitária, justa e livre de opressão durante o longo período da monarquia e república. Mas é no final dos anos de 1970

que o Brasil, experimentando o gradual processo de redemocratização, assistiu à organização do Movimento Negro Unificado, o que, de certa maneira, criou a condição social para que intelectuais negros, em sua maioria com histórias de militância, ganhassem certa visibilidade e ingressassem nas universidades brasileiras, estas também em processo de expansão naquela época. Até então, fortes barreiras, se não impediram o ingresso ao ensino superior, muitas vezes se interpuseram a uma carreira de sucesso de docentes negros. O início dos anos de 1980 acompanhou o surgimento de uma nova geração de negros intelectuais, imbuídos de uma ética da convicção antirracismo. Somava-se a essa convicção antirracismo a ênfase na superação do conhecimento eurocêntrico dominante e acrítico [...] (PIRES, 2014, p. 71).

A presença de negros na Universidade, tanto na condição de alunos como na de professores, é resultado de uma luta incessante pelos direitos de ser um cidadão como qualquer outro. Muito ainda há que ser feito para que o negro seja respeitado, mas muitas conquistas já foram obtidas.

Em relação à formação acadêmica dos três da UFG – Goiás, dois são Pedagogos, sendo que um, além de Pedagogo, é Biólogo, e o outro não especificou sua formação inicial. Da UFG – Catalão, dois disseram que fizeram Pedagogia, um Geografia, e, atualmente, faz Psicologia, e um não especificou. Todos possuem doutorado, sendo que quatro, dos sete, na área da Educação.

Quanto ao tempo em que adquiriram o título de doutor, dos três professores da UFG – Goiás, verifica-se que um se tornou doutor há seis anos, outro há quatro anos, e o último há dois anos. Percebemos que esse título foi conquistado há pouco por todos. Na UFG – Catalão, dos quatro professores, apenas um possui o título há dez anos, dentre os demais, um há três, outro há quatro, e outro há cinco, percebe-se também que o título de doutor foi conquistado há pouco tempo pela maioria.

Sobre a formação continuada em Educação Ambiental, apenas um docente de cada *campus* declarou tê-la realizado; os demais nunca a fizeram. Fica claro que a Educação Ambiental não é uma área que seja

do interesse para estudo dos que participaram da pesquisa, ou não seja tema que faça parte dos estudos que desenvolvem. A EA, que, por lei, pela Constituição Brasileira, deve ser trabalhada “em todos os níveis de ensino e o engajamento da sociedade”, ainda não é cumprida em alguns meios. Professores que deveriam ter uma formação continuada voltada para essa demanda nunca se capacitaram para esse fim. Há necessidade de se repensar como tornar o tema acessível a todos os professores. Mesmo que não haja capacitações e formações continuadas, a EA vem sendo inserida de forma mais contínua no ambiente escolar, nos últimos anos. Guimarães salienta que:

A educação ambiental (EA) vem se disseminando no ambiente escolar brasileiro. É uma crescente inserção em resposta às expectativas que a sociedade projeta sobre a escola. A institucionalização da EA que vem se processando reflete a demanda da sociedade e, reciprocamente, pressiona as escolas a desenvolver ações que denominam de educação ambiental. Portanto, a EA já é uma realidade para os professores e estes estão fazendo, ou se sentem compelidos a se debruçar sobre essa nova dimensão educativa (GUIMARÃES, 2004, p. 119).

Professores veem a necessidade de trabalhar com a EA dentro do ambiente escolar, mas muitos trabalham mais por instinto, pela necessidade que veem de fazer algo em favor do meio ambiente. Porém, a formação é uma necessidade para que os professores tenham conhecimento da necessidade de se trabalhar não apenas assuntos voltados à destruição da natureza, e sim aspectos críticos que debatem sobre por que se chegou a essa degradação. Guimarães fala da importância do caráter crítico- transformador da EA.

[...] apesar da difusão crescente da EA pelo processo educacional, essa ação educativa reconhecida como educação ambiental geralmente se apresenta fragilizada em sua prática pedagógica. Fragilizada por considerar que a superação da crise ambiental passa pelo processo de profundas transformações

socioambientais e que, para contribuir nesse processo, a EA precisa assumir o caráter crítico-transformador (GUIMARÃES, 2004, p. 119-120).

A formação continuada para esses professores permitiria que estivessem preparados para trabalhar de uma forma mais reflexiva, levando em consideração todo o processo de destruição da natureza que envolve aspectos socioeconômicos, e que torna os maiores prejudicados os pobres de nossa sociedade. Sobre a atuação dos professores, Guimarães salienta que:

Os professores, na sua maior parte das vezes, estão preocupados com a degradação da natureza, mobilizam-se com empenho sincero para enfrentar essa questão, mas as práticas resultantes, geralmente, são pouco eficazes para atuar, de forma significativa, no processo de transformação da realidade mais imediata com a qual estão lidando e reciprocamente, com uma realidade mais ampla (GUIMARÃES, 2004, p. 120).

Ações de EA, dentro da Academia, também acontecem, mesmo sem a formação continuada. É o que veremos na próxima questão.

Quando questionados sobre o uso dos conhecimentos adquiridos na formação continuada, em sala de aula, dos participantes da UFG – Catalão, os participantes —identificados por meio de pseudônimos que remetem à fauna do Cerrado, para que fosse assegurado o sigilo de suas reais identidades na pesquisa, — proferiram as seguintes repostas:

Codorna: “Não respondeu.”

Lobo-guará: “Sim, principalmente quando ministro disciplinas de ciências”.

Onça pintada: “Não respondeu.”

Raposa: “Não.”

Os da UFG – Goiás, dos três participantes:

Arara: “Não participei de nenhuma atividade de formação continuada com ênfase em Educação Ambiental, mas em minhas aulas eu sempre transito pelo tema (ministro disciplina sobre o papel do Estado e as Políticas Públicas/Educação do Campo)”.

Tamanduá: “Sim.”

Seriema: “Não se aplica.”

Mesmo não participando de formação continuada, dos sete professores questionados, dois responderam que trabalham com EA em sala de aula, dentro das disciplinas que ministram. É importante salientar que, sobre a formação continuada, para educadores ambientais, hoje, é necessário se ter em mente que a EA não deve apenas ser voltada para a natureza, mas, com a crise ambiental que assola nosso planeta, ela deve estar voltada a vários outros fatores, como, por exemplo, os aspectos, a saber, social, político e econômico, que levam à degradação do meio ambiente. A EA precisa ser trabalhada de uma forma mais crítica, pensando na sociedade em que vivemos e atuamos. Martins e Schnetzler (2018, p.583) falam da importância de professores participarem de debates e formações. Vejamos:

A participação dos professores escolares nesse debate e, consequentemente, na construção de propostas para enfrentamento dessa crise, é fundamental, tanto pelo papel social que ocupam, como pela capacidade de influência exercida sobre a opinião da comunidade. Essa participação vem sendo estimulada pela própria esperança generalizada da sociedade em relação ao papel da educação na superação de problemas ambientais.

A formação e a participação de professores são fundamentais para que haja a superação dos problemas ambientais, e a construção da igualdade de direitos. Martins e Schnetzler (2018, p. 584), assim, explanam sobre o assunto:

Na perspectiva de construção de uma sociedade que busca a igualdade de direitos entre seus membros, faz-se necessária uma EA que assuma um caráter crítico diante dos problemas ambientais e sociais, ou seja, faz-se necessária uma EA que seja crítica às desigualdades sociais e aos desequilíbrios nas relações entre sociedade e natureza; que aborde os problemas ambientais como decorrentes dos conflitos entre interesses privados e coletivos, permeados e mediados por relações de poder; que se volte para a construção de uma cidadania ativa, cujo exercício forneça aos educandos e educadores instrumentos para a compreensão de realidades complexas.

A EA crítica precisa fazer parte da formação continuada, pois ainda, não acontece como rege a legislação. Repensar a formação de professores e repensar as ações voltadas a uma EA, que vão além de projetos passageiros, e torne os cidadãos corresponsáveis pelo ambiente em que vivem.

Quanto ao tempo de experiência dos professores, podemos perceber que, em relação aos professores da UFG – Catalão, um leciona há quinze anos, outro há vinte anos, outro há trinta anos, e o último há doze anos. Ou seja, são professores que já atuam há vários anos e possuem experiência na docência. Quanto aos da UFG – Goiás, um leciona há doze anos, outro há vinte e nove anos, e outro diz que atua na educação superior há vinte anos, ou seja, é perceptível que a maioria possui um tempo grande de experiência. São professores que detêm um saber exponencial, adquirido ao longo de muitos anos de docência, e esse saber se concretiza em suas ações pedagógicas, que permitem uma visão diferente sobre seu aluno e sobre a realidade na qual vive esse educando. A EA, que é tema transversal, nas mãos de professores experientes, permeia as disciplinas e projetos entrelaçados a outros temas e conteúdos.

Quanto ao tempo em que trabalham na instituição pesquisada, todos os professores que responderam à pesquisa possuem menos de cinco anos de trabalho na IES, e, no curso, haja vista que 85,7% (seis dos sete) foram aprovados em concursos para provimento das vagas destinadas ao Pronacampo. Desses, apenas uma docente (14,3%) da UFG

– Catalão, já era servidora antiga de outro departamento, e, colabora como docente do curso. O tempo em que a profissional ministra aula no curso de Educação do Campo, vem de encontro com o dado anterior, haja vista o curso ser novo, e, nessas IES, começaram as primeiras turmas em 2014. Geralmente o tempo médio de duração é de três anos.

5.3.2 A execução das leis de EA dentro do curso de Educação do Campo

A EA é uma exigência tanto da Constituição Federal quanto da Lei nº 9.795, instituída em 27 de abril de 1999 (Política Nacional de Educação Ambiental), por isso, questionamos os professores a respeito do conhecimento deles acerca dessas leis e da sua execução.

Em relação à indagação sobre se as leis de EA são cumpridas, e, em caso de não serem, o que leva as instituições ao descumprimento, com relação aos professores da UFG – Goiás, tem-se a seguinte situação:

Arara expõe: “Não tem como eu afirmar/considerar que essas leis têm sido cumpridas pelas instituições de ensino, em específico, pela realidade em que cada uma está inserida/contexto. Em relação à segunda pergunta, eu penso que nem todos os profissionais da área da educação estão preparados para trabalhar com o tema, pois a transversalidade é um desafio para quem não tem preparação para ministrar os conteúdos nas escolas”.

Tamanduá coloca: “Não são cumpridas, os fatores são muitos e múltiplos, difíceis de serem descritos tão brevemente, mas a formação básica desse conceito precisa estar já na escola básica, tornando-se valor social”.

Seriema: “Acredito que essas leis não sejam cumpridas, até por falta de mecanismos de proteção a elas. Também, talvez por a educação ambiental ser um tema transversal, na maioria dos cursos, acaba não sendo dado a devida importância e ninguém se ocupa, objetivamente, da questão”.

Quanto aos professores da UFG – Catalão:

Codorna: “Não tenho conhecimento suficiente de tais leis para responder a esta questão”.

Lobo-guará: “Sim, no ambiente da universidade, vejo o acolhimento destas estruturas educacionais de forma mais formativa e prática”.

Onça pintada: “As leis são muito frágeis e não são cumpridas no país. Nas instituições de ensino, até onde conheço, há um esforço grande para a construção da educação ambiental. Atualmente o desmonte das políticas ambientais vai comprometer muito a educação ambiental.”

Raposa: “Desconheço as leis por isso não me julgo apta a responder”.

Os professores da UFG – Goiás, na sua maioria, acreditam que essas normativas não são cumpridas devido ao fato de os docentes não serem preparados, e de não deterem conhecimento acerca da questão, sendo que um se achou incapaz de responder por desconhecer os motivos. O fato de ser um tema transversal, para a maioria, é um motivo de não cumprimento dessa lei. Muitos professores não são preparados para trabalhar com os temas transversais, ficando estes, assim, em segundo plano. Já, na UFG – Catalão, os educadores dizem desconhecer as leis e não serem capazes de responder, um acha que elas são cumpridas, e o outro acha que, no geral, as leis não são cumpridas, mas que, dentro da instituição, há um esforço em cumprir a legislação de EA, mesmo com os desmontes das Universidades e das Políticas Públicas Ambientais do país. Esse desconhecimento das leis e a falta de preparação constituem uma preocupação, pois se são professores de um curso que lida com temáticas tão próximas da EA, o conhecimento dessas leis se torna importante para o bom desenvolvimento do conteúdo e para a criação de projetos. Voltamos a salientar a importância da formação continuada para os professores do curso da Educação do Campo.

Tendo em vista que a EA é definida pelos PCNS como um tema transversal, devendo ser interdisciplinar e multidisciplinar, vejamos como os professores da licenciatura em Educação do Campo têm trabalhado com essa disciplina. Na UFG – Catalão, verificou-se o seguinte:

Codorna: “Não me sinto em condições de responder pelos professores do curso. Particularmente abordo questões algumas ambientais nos limites das disciplinas que ministro e nos limites dos conhecimentos adquiridos em minha formação em educação”.

Lobo-guará: “Sim, o colegiado de professores deste curso prima por trabalhar de forma inter (trans) disciplinar, na maior parte das atividades propostas sejam durante a formação dentro da universidade, quanto fora”.

Onça pintada: “Creio que há um esforço do coletivo em tratar e abordar tais questões em sala e em projetos de pesquisa e extensão. Em minhas aulas mesmo sempre debatemos a importância desta questão em congruência com os conteúdos abordados”.

Raposa: “Não tenho ciência sobre como a EA tem sido trabalhada”.

Três professores disseram que sim, sempre enfatizando que, dentro das disciplinas que ministram, procuram trabalhar com essa temática. Um disse não ter ciência do assunto.

Já, na UFG – Goiás, o cenário identificado foi:

Arara: “Na UFG/Regional Goiás busca-se ministrar aulas coletivamente, por exemplo, a disciplina de Estado e Políticas Públicas e Educação do Campo com a disciplina de Questões Ambientais e Desenvolvimento Sustentável I”.

Tamanduá: “Temos algumas disciplinas específicas voltadas para essa demanda e ministrada por uma professora de agronomia”.

Seriema: “Por meio de várias ações desenvolvidas principalmente durante o tempo comunidade (TC)”.

Os três disseram que sim, enfatizando que o processo é feito coletivamente, de forma que uma disciplina interligada a outra e no tempo comunidade.

Quando indagados se há preocupação em preparar os futuros professores para se trabalhar com o tema, os três professores da UFG – Goiás tiveram os seguintes posicionamentos:

Arara: “Sim, visto que a formação desses alunos será a de atuação em escolas do campo”.

Tamanduá: “Sim, há”.

Seriema: “No curso de Educação do Campo existe, em certa medida, essa preocupação, e o tema tem sido eixo norteador das atividades do Tempo Comunidade”.

Há, por parte dos professores, preocupação em se trabalhar com o tema dentro do curso da Educação do campo, pois isso ajudará em suas atuações. Já os da UFG – Catalão fizeram as seguintes exposições:

Codorna: “Considero que sim”.

Lobo-guará: “Muita preocupação no sentido de sensibilizar e encorajar os discentes a implementar em suas aulas a base teórica desenvolvida durante sua formação inicial”.

Onça pintada: “Eu penso que sim”.

Raposa: “Não tenho ciência sobre como a EA tem sido trabalhada por isso não posso responder”.

Dos quatro professores respondentes, três disseram que sim, e um diz não ter ciência do assunto. Quanto à indagação, se dentro do curso de licenciatura da Educação do Campo existe algum trabalho de criação de recursos metodológicos para se trabalhar EA, dos três professores da UFG – Goiás, obtivemos as respostas:

Arara: “Existe sim... mais especificamente nas disciplinas ministradas pela engenheira agrônoma.

“Tamanduá: Que eu tenha conhecimento, não”.

Seriema: “Não tenho conhecimento”.

Na UFG – Catalão:

Codorna: “Sim. A horta e os laboratórios vivos.

Lobo-guará: Sim, temos alguns projetos de extensão e pesquisa que estão em acordo com as prerrogativas da educação ambiental”.

Onça pintada: “Não conheço”.

Raposa: “Não tenho conhecimento”.

É interessante observarmos que há um desconhecimento por parte da maioria dos trabalhos que os colegas desenvolvem. Em relação à pergunta se já usaram a música como recurso metodológico para se trabalhar a EA, os três professores da UFG – Goiás externaram:

Arara: “Em minhas aulas, já utilizei músicas e poemas. O resultado foi bom, pois, ao final das atividades, novas letras poéticas foram escritas pelos alunos”.

Tamanduá: “Desconheço se foi”.

Seriema: “Não tenho conhecimento”.

Os professores da UFG – Catalão:

Codorna: “Não.”

Lobo - guará: “Sim, durante os seminários integrados e mesmo, nas aulas é trabalhado a música como construção do conhecimento”.

Onça pintada: “Não”.

Raposa: “Não tenho conhecimento”.

A maioria não usa e desconhece se alguém usa. A utilização da música como recurso pedagógico/didático necessita ser inserida e trabalhada de forma adequada, e, para isso, é preciso que haja conhecimento e preparação dos professores. Sobre a propositura, Oliveira e Fernandes (2018, p. 04) explicam:

A música historicamente como descoberta das variações e sensações sonoras atrelou-se à vida social humana como um importante fator de seu desenvolvimento, entre os aspectos estéticos, morais e até mesmo socioeconômicos colaborou fortuitamente na apreensão de hábitos e valores indispensáveis ao exercício e coparticipação cidadã. A música para ser inserida adequadamente nos mais diversos componentes curriculares do país como recurso didático deverá haver sua facilitação pela concretização da iniciativa dos professores, corpo técnico da escola e vontade política dos governantes, pois, a transmissão do saber na sala de aula deve estar sintonizada com situações que envolvam a vivência coletiva dos educandos resultando em uma troca, para que haja uma pluralidade verdadeira no debate sobre os problemas sociais, fatos atuais e históricos, fenômenos naturais, com a racionalização sem fins ideológicos para que o aluno desenvolva e estruture suas próprias ideias.

Não basta apenas trabalhar a música, é preciso usá-la de uma forma que haja interação com os problemas sociais e com fatos históricos. Muitos professores deixam de usar por não saber como fazer, por isso, torna-se necessária a capacitação, a preparação desses professores.

Sobre quais tipos de música que poderiam ser usadas para se trabalhar com EA, dos três professores UFG – Goiás, obteve-se:

Arara: “Penso que o tipo/ritmo de música não seja tão importante para se trabalhar com a Educação Ambiental. Considero que a música é arte de ampla aceitação, sendo inclusive uma

ferramenta fundamental na E.A. para se pensar as questões locais, regionais, nacionais e globais”.

Tamanduá: “Eu vejo que muitas, “planeta água” do Guilherme Arantes.”

Seriema: “Não tenho conhecimento”.

Na UFG – Catalão:

Codorna disse: “Penso que diversas músicas podem ser utilizadas como recurso pedagógico para se trabalhar diferentes temas”.

Lobo-guará: “Músicas que narram sobre o homem do campo”.

Onça pintada: “Eu conheço várias que tratam deste as questões ambientais, as belezas e também da exploração ambiental com viés mais crítico”.

Raposa: “Todos”.

Os professores, em sua maioria, conhecem e citam alguma música. Percebe-se que cantores citados são conhecidos, um diz não ter conhecimento, e um afirma que todos os tipos podem ser usados. Quando questionados se conhecem algum compositor popular que possui músicas com temática ambiental, os professores da UFG – Goiás explanaram:

Arara disse: “Sim, Antônio Baiano”.

Tamanduá: “Penso que tem muita gente nesse empreito, Almir Sater, talvez.”

Seriema diz: “Só lembro-me de Guilherme Arantes”.

Os da UFG – Catalão, dos quatro:

Codorna disse: “Não, mas que há diversos cantores brasileiros que trabalham com a temática ambiental”.

Lobo-guará: “Não”.

Onça pintada: “Sim, conheço Milton Nascimento, Sá e Guarabira, Caetano Veloso, Chico Buarque e outros”.

Raposa: “Antônio Baiano”.

Os professores, em sua maioria, citaram cantores conhecidos da grande mídia, e apenas dois citaram Antônio Baiano. Os cantores populares que vivem no meio do povo ainda são desconhecidos no meio acadêmico. Vale ressaltar que Antônio Baiano foi citado, pois participou da abertura cultural de três eventos realizados na UFG – Catalão, no ano de 2019, e, provavelmente, esses docentes estavam presentes.

5.3.3 Concepção dos professores sobre as canções de Antônio Baiano em relação à EA

Apresentamos, nesta parte, a opinião dos professores a respeito das canções de Antônio Baiano de o seu potencial quanto à EA.

Quanto ao questionamento se as letras das canções de Antônio Baiano poderiam ser usadas para se trabalhar com EA, caso sim, “quais” e “de que forma”, os professores da UFG – Goiás responderam:

Arara citou “Sim. *Lamento do Cerrado*. Trabalhando a temática da natureza, a destruição da mata, da vegetação e do cerrado”.

Tamanduá: “L3, gosto da forma direta, referindo-se a um ambiente em extrema ameaça hoje — o cerrado”.

Seriema disse: “Sim, em minha concepção, todas elas poderiam, com recortes analíticos diferentes”.

Os da UFG – Catalão externaram:

Codorna disse: “Sim. Penso que a obra do artista pode ser utilizada para se construir estratégias pedagógicas que promovam a aproximação entre os saberes científicos e os saberes populares”.

Lobo-guará: “Sim, as letras remetem a situações vivenciadas no campo, e podem ser trabalhadas de várias formas que vão desde a esclarecer sobre as mazelas vivenciadas pelos povos dos campos até encorajá-los a buscar novos horizontes no lugar que vivem”.

Onça pintada: “Sim elas são muito importantes. Eu não conheço muitas músicas deste compositor, mas creio que em várias dinâmicas as letras ajudariam muito.”

Raposa disse: “L2- *A humanidade e o universo*. Pesquisa sobre esgotamento dos recursos e sobre impactos da tecnologia no meio ambiente. L3- *Lamento do cerrado*. Aula campo. Observação e catalogação de espécies do cerrado. L24- *Nova romaria*. Poluição ambiental. Recursos hídricos. L27- *Terra conquistada*. Tipos de roça, tipos de cultivo”.

As letras apontadas pelos professores coincidem com as mesmas analisadas no capítulo 4 do presente estudo. As letras: “A Humanidade e o universo”, “Lamento do cerrado” e “Nova romaria” foram analisadas como temática ambiental, e somente a letra, “Terra conquistada”, foi, por nós, analisada, tendo como temática predominante “Luta pela terra”, mesmo que a letra fale de flora e fauna, o tema que predomina é a conquista da terra pelo eu lírico.

Ao serem perguntados sobre quais letras usariam para trabalhar com EA, e, por que as usariam, os professores da UFG – Goiás exprimiram:

Arara disse que “Lamento do Cerrado é uma das minhas preferidas, pois retrata a natureza da região que meus alunos residem, sendo favorável interligar a temática com a realidade deles”.

Tamanduá afirmou que usaria as “L3 E L24- Acho pertinente e direta”.

Seriema disse que: “Praticamente todas, partindo de um entendimento que tratam da natureza, das coisas do campo, da terra, da vegetação, da luta e ameaças aos povos do campo e tudo isso tem a ver com a questão ambiental e de sustentabilidade”.

Os professores da UFG- Catalão:

Codorna diz que: “Trabalharia as músicas L2, L3, L4 e L27 pelo potencial de diálogo com as disciplinas que tenho ministrado”.

Lobo-guará afirma que: “Usaria sim, elas retratam situações que vão além da aceitação e convidam os povos do campo a lutarem por mais direitos.”

Onça pintada afirma que: “Eu usaria todas, pois acho que são pertinentes e ajudam a pensar a questão ambiental”.

Raposa afirma que usaria: “A humanidade e o universo. Lamento do cerrado. Nova romaria. Terra conquistada, pois oferecem mais claramente conexão com a temática”.

Podemos perceber que “Lamento do Cerrado” seria a canção mais usada, seguida por “A humanidade e o universo”, “Nova romaria” e por “Terra conquistada”, e todos deixam claro que o motivo seria o fato de essas canções possuírem uma conexão com a temática.

Quanto à indagação sobre se as demais letras, que foram descartadas na questão 19, poderiam ser usadas, dentro do curso de Educação do Campo, com outra finalidade, os professores da UFG – Goiás afirmaram:

Arara: “Sim, tudo depende do tema a ser discutido no momento”.

Tamanduá: “Não consigo avaliar, mas essas músicas mais regionalizadas e falando da vida no campo sempre são importantes e têm seu valor, é saber acomodá-la e em que atividade.”

Seriema: “Sim, com certeza.”

Podemos perceber que dois afirmam “sim” com segurança, e outro tem dúvida e não se acha capaz de avaliar. Os professores da UFG – Catalão expuseram:

Codorna: “Dadas às questões sócio-políticas que devem ser contempladas no currículo do curso de educação do campo,

penso que todas as músicas têm potencial para serem trabalhadas em todas as disciplinas”.

Lobo -guará: “Todas, obedecendo sua especificidade, podem ser trabalhadas”.

Onça pintada: não respondeu.

Raposa: “Sim, com a compreensão das ruralidades, do Campo (História, organização, cultura campesina)”.

Percebe-se que apenas um não foi capaz de opinar, e que os demais acham que todas as músicas podem ser usadas dentro da Educação do Campo, para se compreender a questão das ruralidades e da sociopolítica.

Sobre a importância de se trabalhar com cantores populares dentro do curso de Licenciatura do Campo, os professores da UFG – Goiás se posicionaram da seguinte forma:

Arara respondeu que: “Aproximação das letras das músicas com a realidade do aluno do campo”.

Tamanduá respondeu que: “Pela similaridade do que se faz uma luta popular, ouvindo um cantor popular”.

Seriema: “É importante porque, quando assim fazemos, estamos conjugando os conteúdos com a questão do conhecimento da cultura, e isso cria identidade e empodera as pessoas”.

Podemos perceber que os professores veem as músicas como uma forma de os alunos reconhecerem sua luta e sua história através delas. Os professores da UFG- Catalão fizeram as seguintes colocações:

Codorna respondeu que: “Sendo um curso que nasce no seio de movimentos populares, e que tem como proposta estimular e valorizar a culturas popular, os artistas populares, de todas as linguagens, precisam ser contemplados nos tempos de formação da Ledoc.”

Lobo-guará respondeu: “Todas, obedecendo a sua especificidade, podem ser trabalhadas”.

Onça pintada: Não respondeu.

Raposa respondeu: “Sim, com a compreensão das ruralidades, do Campo (História, organização, cultura campesina)”.

“Quais contribuições as músicas de Antônio Baiano podem trazer para os futuros professores?” Quanto à indagação feita, os professores da UFG – Goiás responderam:

Arara: “As músicas envolvem mudanças de paradigmas, comportamentos e valores, pois são ferramentas não tradicionais para a aprendizagem no processo e ensino de saberes. Uma das maiores contribuições seria a de refletir e repensar a devastação da natureza com as questões sociais.”

Tamanduá: “Não é algo a se mensurar de forma tão simples, afinal falamos dos professores, não de um ou um grupo de uma escola ou dado local.”

Seriema: “A principal contribuição é o conteúdo emancipatório das letras, que pode ser trabalhado como poderoso recurso metodológico para o desenvolvimento de consciência crítica”.

Um não foi capaz de opinar e dois disseram que as letras possuem um conteúdo emancipatório e de mudanças de paradigma. Com relação aos professores da UFG – Catalão, tem-se o seguinte:

Codorna afirmou que: “As músicas têm potencial de apresentar e discutir os valores e saberes populares.”

Lobo-guará respondeu que: “É uma oportunidade de trazer por meio de um instrumento diferente do usualmente tratado na universidade conteúdos importantes para o trabalho na educação do campo.”

Onça pintada respondeu que: “Além de aumentar o repertório, creio que a reflexão na formação crítica.”

Raposa respondeu que: “Sensibilidade, assertividade, contextualização, repertório cultural.”

As respostas se entrelaçam no sentido de todos acharem que são músicas que possibilitam discutir valores, proporcionam reflexão e melhoram o repertório cultural.

Questionados se encontram dificuldades em trabalhar com a temática ambiental dentro da Universidade, e, se encontram, quais seriam, os professores da UFG – Goiás responderam:

Arara: “Não tenho dificuldade, pois transito facilmente com diferentes recursos e metodologias”.

Tamanduá: “Eu acho pertinente e coerente, trabalho sem dificuldades”.

Seriema: “Não existem dificuldades, porém é preciso desenvolver a cultura de trabalhar com a temática. Particularmente, admito que não costumo trabalhar com o tema, a não ser com participação nas ações do TC”.

Os três professores salientaram que não têm dificuldades. Apenas um disse que não costuma trabalhar com os temas, a não ser nas ações do tempo comunidade. Os professores da UFG – Catalão explicitam:

Codorna e Lobo-guará: “Não”.

Onça pintada: “No meu curso – Geografia – não temos este problema”.

Raposa: “Nunca tentei, por isso não sei”.

Foi solicitado que os professores registrassem as informações que considerassem pertinentes e necessárias a essa investigação, envolvendo os assuntos apontados nas questões acima e/ou outros que julgassem importantes. Para o desenvolvimento de recursos metodológicos, e, para a melhoria do curso de Educação do Campo, os professores da UFG – Goiás explanaram:

Arara: “O tema da pesquisa é essencial e pertinente para uma discussão mais ampliada acerca do desmatamento no país e no mundo. Entretanto creio que a Educação Ambiental ainda transita por reflexões críticas, pois promove mudanças de comportamento que nem sempre todos estão dispostos a seguir. No curso de Educação do Campo eu vejo a música como uma grande ferramenta para analisar as representações sociais do homem do campo, os problemas socioambientais, dentre outros”.

Tamanduá: “Talvez abrir as músicas do cantor a outros autores e cantores, há outras opções também que merecem o mesmo crédito, porque só ele”.

Seriema: “A pesquisa possui relevância não só por trazer a tela uma temática importante e que demanda estudos, como a questão da educação ambiental, como também por lançar luzes e apontar possibilidades de trabalho no curso de Educação do Campo, já que as letras das músicas podem ser trabalhadas e contribuir para o desenvolvimento da criticidade e empoderamento dos povos do campo”.

Todos asseveram que o trabalho é relevante, podendo as músicas auxiliarem no curso de Educação do campo. Um afirma que a EA transita por muitas outras ações e demandas, e um questiona o motivo de trabalhar apenas com esse compositor. Os professores da UFG – Catalão externaram:

Codorna: “Penso que o curso deveria promover mais atividades de formação e de exploração do território de origem dos discentes”.

Lobo-guará: “Evocar a música na sala de aula é dar oportunidade aos discentes em formação de reconhecer uma linguagem tão bonita e eficaz quanto a proposta dentro da universidade”.

Onça pintada e Raposa: não responderam.

Os dois que responderam fugiram um pouco da pergunta, mas enfatizaram tanto a importância da formação de professores em relação à temática quanto à importância do conhecimento do território de origem dos discentes. Um deles expôs que a música propicia aos discentes uma linguagem tão bonita quanto a proposta pela Universidade.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse estudo foi analisar o conteúdo e as potencialidades das músicas de Antônio Baiano, na promoção de Educação Ambiental, na Formação de Professores, no entanto, a análise de discurso se tornou necessária quando vimos a riqueza de sentidos presentes nas letras do compositor. Para compreender o sentido de suas músicas, elaboramos a sua biografia de forma sintetizada, o que muito ajudou na análise do discurso utilizado pelo artista em sua obra musical. A partir da sua biografia, vimos que Antônio Baiano é um militante da causa camponesa e da luta pela terra, além de ser um homem atuante na igreja. A análise das suas letras nos permitiu perceber justamente essa atuação e essa luta pela igualdade social, por isso, fomos além da proposta inicial de analisar apenas as letras de conteúdo e discurso ambiental, ao percebermos a necessidade de valorizar as letras que falavam da luta pela terra. Tendo em vista a riqueza do discurso presente nas letras das canções, fomos além da análise de conteúdo, analisamos também o discurso que o eu lírico proferia e a sua importância na compreensão dessa sociedade dominada pelo capitalismo, que aniquila os menos favorecidos com seu poder de opressão e de exploração.

Estudar as letras de Antônio Baiano nos permitiu conhecer um pouco da luta dos trabalhadores rurais pelo direito de ter terra e pão, o direito de ter direitos. Pudemos perceber, ao longo do estudo, que a luta pela terra é o sonho dos trabalhadores do campo de poderem, com dignidade, plantar e colher o alimento que brota do chão. A terra, que, para os grandes latifundiários, é um recurso a ser explorado, para o pequeno agricultor, é sagrada e fonte de vida.

O eu lírico apresenta as romarias da terra, que, além de ser uma expressão de fé, representam um encontro daqueles que acreditam que a união dos trabalhadores pode levar à conquista de seus direitos e sonhos. Romarias que percorrem o país e rememoram os mártires que

deram a vida em defesa dos pequenos, dos grupos menosprezados. O sangue derramado de homens e mulheres, que, ao invés de causar medo, é um incentivo para a luta continuar.

A natureza está presente em três letras, com mais intensidade (A humanidade e o universo, Lamento pelo cerrado e Nova romaria). No entanto, nas letras em que fala da luta pela terra, de religiosidade, a natureza também se faz presente, porque o eu lírico tem a consciência de que, para produzir, plantar, não é preciso destruir totalmente a natureza. Percebemos, ainda, através das letras analisadas, a denúncia do eu lírico a respeito do latifúndio, que destrói a natureza e subjuga os menos favorecidos a sofrer com essa destruição.

A luta, a morte, a esperança, são temas presentes na obra de Baiano, que nos leva a ver como o capitalismo, para satisfazer seus interesses, a tudo destrói e mata. A alienação, que leva as pessoas menos esclarecidas a venderem suas terras e a aceitarem salários injustos e opressão, é bastante presente nas mensagens do compositor. A perda da identidade, prevalecendo dentro da sociedade capitalista, a identidade branca, a cor branca europeizada, que é a única valorizada e respeitada. Com isso os negros, indígenas, se tornam subalternos e desvalorizados.

No entanto, as letras trazem também a conquista. Depois de muita luta dos movimentos dos trabalhadores, muitos desses conseguiram o seu pedaço de chão, onde os homens e mulheres do campo cultivam e são felizes. Evidencia-se a importância dos movimentos sociais na luta pelo reconhecimento e a valorização de suas identidades. Realidade essa que, nos últimos anos, tem apresentado mudanças, graças às lutas dos movimentos negros e à possibilidade de negros entrarem na universidade, se tornando alunos e professores, como bem se vê na nossa pesquisa com os professores. A universidade está recebendo dentro do seu espaço, novas caras, novas identidades.

A luta pelo meio ambiente, pela preservação da natureza, pela agricultura familiar, que é um meio de produção que não prejudica a natureza. A crise ambiental se estendeu devido à ambição do homem em, cada dia mais, possuir e explorar, e devido também aos paradigmas criados por essa sociedade capitalista. A única forma de superar essa

crise, é, segundo Guimarães (2005), superando “[...] os paradigmas e o modelo de sociedade com suas múltiplas determinações que reciprocamente se produziram” (GUIMARÃES, 2005, p. 120).

O diálogo teórico com Marx, Konder, Loureiro, Arroyo sobre o materialismo histórico dialético, é determinante na compreensão dessa alienação, opressão e perda da identidade dos povos subalternos de nossa sociedade capitalista, mas, muito mais do que compreender a desigualdade e as perdas, é necessária a compreensão da necessidade de se lutar pela humanização, tão bem defendida por Paulo Freire. O homem alienado e visto como um objeto deve voltar a se humanizar e ser visto como homem, como gente.

Não podemos nos esquecer de que todos os enunciados de luta pela terra e pela religiosidade, materializados em forma de resistência e de fé, possuem sentidos ambivalentes. São enunciados que possuem “duas faces”, como bem afirma Bakhtin (2006, p. 115), “[...] tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém.” As músicas procedem de Antônio Baiano e são construídas a partir de sua vivência e de sua luta, no entanto, são dirigidas a todos aqueles que são oprimidos, para que possam se empoderar e acreditar que podem lutar por seus sonhos. A música é um instrumento lúdico de ensinar, mas também é um meio de denúncia e uma expressão de fé. As músicas de Antônio Baiano exercem esse duplo papel, evangelizar e denunciar.

Realizamos a análise das letras musicais supramencionadas de acordo com a Unidade de Registro Emergente (URE) em que estavam inseridas. As URE podem ser entendidas como um instrumento de identificação dos elementos mais marcantes em cada letra de música analisada. Para facilitar esse processo de trabalho, as canções foram subdivididas em fragmentos, e, para cada fragmento, se atribuiu uma URE, levando-se em consideração as principais características do trecho investigado. Complementarmente, fizemos o cálculo de Frequência Relativa (FR) das unidades de registro ao longo do texto das músicas, para que fosse possível quantificar (em percentual) com que regularidade essas unidades eram expostas nas canções estudadas, em consonância

com uma metodologia adaptada a partir de Duarte *et al.* (2016). Dessa forma, fomos capazes de detectar quais foram os temas mais utilizados pelo artista no decorrer de sua obra musical, e, por conseguinte, compreendemos mais profundamente o sentido do discurso proferido pelo compositor popular, cujas músicas, — como elementos artísticos de grande alcance popular, — podem apresentar significativa colaboração, tanto no processo de formação de professores quanto na propagação dos preceitos da Educação Ambiental ante a população em geral.

Por fim, após verificar a opinião dos professores a respeito do potencial das músicas para a Educação Ambiental, concluímos que a obra musical do compositor possui elevado grau de potencial, capaz de colaborar com o trabalho de formação de professores da Educação do Campo, pois o caráter crítico dessas canções, aliado à promoção de aspectos como denúncia e luta por direitos, influencia positivamente na abordagem das problemáticas relacionadas ao meio ambiente, tornando mais dinâmicas as argumentações inerentes à importância de se tratar do assunto dentro e fora do ambiente escolar. Mesmo não tendo feito nenhuma capacitação sobre EA, os educadores, de acordo com sua vivência e experiência, afirmam que as músicas têm potencial para se discutir a temática ambiental, e, muito, além disso, de promover a discussão inerente às lutas dos movimentos sociais, assim como a importância desses na ação de resistência dos povos oprimidos. Observa-se, então, a grande necessidade de se promover, no meio pedagógico, a inserção de ferramentas que possibilitem aos docentes obter mais conhecimento em relação à Educação Ambiental como conteúdo transversal a ser trabalhado na matriz curricular de ensino. Percebe-se que a legislação tocante à EA não é integralmente cumprida no país, porque faltam mecanismos de incentivo à efetiva implementação de suas diretrizes, assim como não há, de fato, uma fiscalização eficaz em relação ao cumprimento dos dispositivos legais no dia a dia das escolas.

REFERÊNCIAS

ABREU, Valdir Ferreira. História de vida como metodologia de pesquisa: o relato de vida de um menino da praça da República em Belém do Pará. **Revista Margens Interdisciplinar**. ISSN: 1806-0560. Pará: 2015.

ALMEIDA, Antônio Pereira. **Em canto pela terra**. CD. 1999

ALMEIDA, Antônio Pereira. **Horizontes** V. 1. CD. Salmos produções – Orizona-GO. 2009

ANDRADES, Tiago Oliveira de; GANIMI, Rosângela Nasser. REVOLUÇÃO VERDE E A APROPRIAÇÃO CAPITALISTA. **CES Revista**, v.21. Juiz de Fora, 2007.

ARROYO, Miguel Gonzales. Pedagogia do oprimido. In: CALDART, Roseli *et al.* (Org.). **Dicionário da educação do campo**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio: Expressão Popular, 2012. p. 555-563.

ARROYO, Miguel Gonzales. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. 336 p.

BALDIN, Nelma. ALBUQUERQUE, Cristina. Cidadania ecológica. Conceções e práticas de estudantes universitários. **Edição electrónica**. URL: <http://journals.openedition.org/sociologico/681> DOI: 10.4000/sociologico. 681. ISSN: 2182-7427. Editora CICS. NOVA - Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994.

BOGO, Ademar. **Arquiteto dos sonhos**. São Paulo: 2003. 452 p.

BRITO, Felipe; ALVES, José Cláudio; LOBO, Roberta. Violência Social. In: CALDART, Roseli *et al.* (Org.). **Dicionário da educação do campo**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio: Expressão Popular, 2012. p. 770-777.

BOFF, Leonardo. **Do iceberg a arca de Noé. O nascimento de uma ética planetária**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002. 159 p.

BRASIL. Constituição de 1988. Constituição da República Federativa do Brasil. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 5 out. 1988.

BRASIL. Resolução CNE/CP 2/2012. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental. **Diário Oficial da União**, Brasília, 18 de junho de 2012 – Seção 1 – p. 70.

BRASIL. Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre Educação Ambiental e institui a Política Nacional de Educação Ambiental, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 28 abr. 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. **Proposta de Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental**. Brasília, DF: CGEA: Secad: MEC, 2010.

BRISOLARA, Valéria Silveira Brisolara. **Poesia e autoria: a voz que fala no eu-lírico**. X Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-graduação. SEPesq – 20 a 24 de outubro de 2014.

COELHO, Fabiano. **A alma do MST? A prática da mística e a luta pela terra**. Dourados- MS: Ed. UFGD, 2014, 290 p.

CALDART, Roseli Salete. **EDUCAÇÃO DO CAMPO: NOTAS PARA UMA ANÁLISE DE PERCURSO**. *Trab. Educ. Saúde*, Rio de Janeiro, v. 7 n. 1, p. 35-64, mar./jun.2009.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. Tradução: Newton Roberval Eichenberg. São Paulo: Editora Cultrix, 1996.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. In. **Identidades da educação ambiental brasileira** / Ministério do Meio Ambiente. Diretoria de Educação Ambiental; Philippe Pomier Layrargues (coord.). – Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004. 156 p.; 28cm.

CAVALCANTI, Júlia Nazário de Abreu. Educação Ambiental: Conceitos, Legislação, Decretos e Resoluções pertinentes e a formação continuada de professores em educação ambiental na Paraíba. **Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient.** ISSN 1517-1256, v. 30, n. 1, p. 71 – 82, jan./ jun. 2013. Acesso em 05 fev. 2019.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991. 164 p.

COSTA, César Augusto Soares da; LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. Interdisciplinaridade e educação ambiental crítica: questões epistemológicas a partir do materialismo histórico-dialético. **Ciênc. Educ.**, Bauru, v. 21, n. 3, p. 693-708, 2015.

CUNHA, Joaci de Sousa. Latifúndio, reforma agrária e políticas públicas para o campo brasileiro na crise sistêmica (1994-2015). **Cadernos do CEAS**, Salvador, n. 237, p. 196-224, 2016.

CORREIA, Marcus Orione Gonçalves. Defesa de Direitos. In: CALDART, Roseli *et al.* (Org.). **Dicionário da educação do campo**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio: Expressão Popular, 2012. p. 189-192.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação Ambiental princípios e práticas**. 3ª ed. – São Paulo: Gaia, 1994. 339 p.

DUARTE, Camila Fernandes; HERDT, Bettina; SOLDAN, Angelita Machado; PROCIDONIO, Maristela; COSTA, Milena Mattoso da; GROFOSKI, Luan César. Educação Ambiental: A música como meio para expressar as noções de meio ambiente. **Revbea**, São Paulo, V. 11, Nº 4: 60-77, 2016.

FALEIRO, Wender; FARIAS; Magno Nunes. Inclusão de mulheres camponesas na universidade: entre sonhos, desafios e lutas. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 833-846, jul./set., 2017.

FRANCO, Maria Laura Publisi Barbosa. **Análise de Conteúdo**. Brasília, 3ª edição: Liber Livro Editora, 2008. 79 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987. 107 p.

GANHEM, Elie. A educação na mudança social: lugar central, lugar secundário e lugar nenhum. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 45, p. 213-299, jul./set. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n45/15.pdf>. Acesso em: 18 Abr. 2018.

GOHN, Maria da Glória. **Educação Não formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2008. 104 p.

GOMIDE, Denise Camargo **O materialismo histórico-dialético como enfoque metodológico para a pesquisa sobre políticas educacionais**. XII Jornada do HISTEDBR e X Seminário de Dezembro. Campus Caxias, UFM:02, 03 e 04 de dezembro de 2014. ISSN 2177-8892.

GUIMARÃES, Mauro. Educação ambiental Crítica. In: MELLO, Soraia Silva; TRAJBER, Rachel. (Coord.). **Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola**. Brasília: Ministério da Educação: Ministério do Meio Ambiente: UNESCO, 2007, p. 25-34.

GUIMARÃES, Mauro Educação ambiental: participação para além dos muros da escola. In: MELLO, Soraia Silva; TRAJBER, Rachel. (Coord.). **Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola**. Brasília: Ministério da Educação: Ministério do Meio Ambiente: UNESCO, 2007. p. 85-93. [subtítulo sem negrito]

JACOBI, Pedro. Educação ambiental, Cidadania e sustentabilidade. **Cadernos de Pesquisa**, n.118, mar. 2003, p. 189-205. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n118/16834.pdf>>. Acesso em 10 de maio. 2018.

KIST, Anna Christine Ferreira. **Concepções e práticas de Educação Ambiental: uma análise a partir das matrizes teóricas e epistemológicas presentes em escolas estaduais de Ensino Fundamental de Santa Maria-RS**. 2010. 135f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.

KONDER, Leandro. **O que é dialética**. Coleção Novos Passos. São Paulo: Brasiliense, 2008. 86 p.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Argumentação e linguagem**. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2002. 240 p.

LAYRARGUES, Philippe Pomier; CASTRO, Ronaldo Souza de. (Org.). **Sociedade e Meio Ambiente: a educação ambiental em debate**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006. 181 p.

LEONARDI, M. L. A. **A educação ambiental como um dos instrumentos de superação da insustentabilidade da sociedade atual**. In: CAVALCANTI, Clóvis. **Meio ambiente, desenvolvimento sustentável e políticas públicas**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1999. cap. 23, p. 405.

LESSA, Sérgio; TOLET, Ivo. **Proletariado e sujeito revolucionário**. São Paulo: Instituto Lukács, 2012. 110 p.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo; LAYRARGUES, Philippe Pomier. **Ecologia política, justiça e educação ambiental crítica: perspectivas de aliança**

contra-hegemônica. **Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 11 n. 1, p. 53-71, jan./abr. 2013.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo (organizador). **Cidadania e meio ambiente**. Salvador: Centro de Recursos Ambientais. 2003. 168 p.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. et al. **Repensar a Educação Ambiental: um olhar crítico**. São Paulo: Cortez, 2009. 208 p.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. Teoria Social e Questão Ambiental: pressupostos para uma práxis crítica em educação ambiental. In: LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo; LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. Teoria Social e Questão Ambiental: pressupostos para uma práxis crítica em educação ambiental. In: CASTRO, Ronaldo Souza et al (orgs.). **Sociedade e Meio Ambiente: A Educação Ambiental em Debate**. 2 ed., São Paulo: Cortez, 2002.

LÖWY, Michael. Crise ecológica, crise capitalista, crise de civilização: a alternativa ecossocialista. **CADERNO CRH**, Salvador, v. 26, 67, p. 79-86, Jan./Abr. 2013.

MAHEIRIE, Katia. Processo de criação no fazer musical: uma objetivação da subjetividade, a partir dos trabalhos de Sartre e Vygotsky. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, n. 2, p. 147-153, 2003.

MARENGO, José A. **Mudanças climáticas globais e seus efeitos sobre a biodiversidade: caracterização do clima atual e definição das alterações climáticas para o território brasileiro ao longo do século XXI** / José A. Marengo – Brasília: MMA, 2007. 2a edição. 212 p.: il. color; 21 cm. (Série Biodiversidade, v. 26).

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004. 176 p.

MARX, Karl. **O Capital**. Traduzido por Rubens Enderle. Ed: Boitempo, 2011. 894 p.

MARTINS, José Pedro de Azevedo; Roseli Pacheco, SCHNETZLER. Formação de professores em educação ambiental crítica centrada na investigação-ação e na parceria colaborativa. **Ciênc. Educ.**, Bauru, v. 24, n. 3, p. 581-598, 2018

MEDEIROS, Leonilde Servolo de. Latifúndio. In: CALDART, Roseli et al. (Org.). **Dicionário da educação do campo**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio: Expressão Popular, 2012. p. 447-452.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução Eliane Lisboa. 4.ed. – Porto Alegre: Sulina, 2011.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2006. 120 p.

NASCIMENTO, Patricia Limaverde. Egar Morin: seu pensamento transdisciplinar e a educação planetária. Revista Transdisciplinaridade da Escola. **Revista on line**. MEC: 2012. Acesso em 28 de maio de 2019.

NEDER, Álvaro. O estudo cultural da música popular brasileira. **Per Musi**, Belo Horizonte, n.22, 2010, p.181-195.

NUNES, Talita Rodrigues. **A influência da música sobre as representações sociais de meio ambiente no contexto de uma exposição científica**. 2005. 156f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do discurso** – princípios do discurso - i. de Campinas, Pontes, 1999. 100p.

OLIVEIRA, Clecia Maria Gomes Freitas; FERNANDES, Múcio Luiz Banja. Contribuição da música para Educação Ambiental na formação continuada de professores. **Anais** do 16º Congresso Internacional de Tecnologia na Educação Brasil | Recife | Setembro de 2018. Disponível in: <http://www.pe.senac.br/congresso/anais/2018/senac/pdf/poster/CONTRIBUI%C3%87%C3%83O%20DA%20M%C3%9ASICA%20PARA%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20AMBIENTAL%20NA%20FORMA%C3%87%C3%83O%20CONTINUADA%20DE%20PROFESSORES.pdf>. Acessado em dezembro de 2019.

PEREIRA, Alessandro; GUERRA, Antônio Fernando Silveira. **Reflexões sobre a educação ambiental na LDB, PCN e nas propostas curriculares dos estados do sul**. <http://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=1141>. 2011. Acesso 09 de outubro de 2018.

PEREIRA, João Junior Bonfim Joia ; FRANCIOLI, Fatima Aparecida de Souza. Materialismo histórico-dialético: contribuições para a teoria histórico-cultural e a pedagogia histórico-crítica. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Londrina, v. 3, n. 2, p. 93-101, dez. 2011.

PIRES, Marília Freitas de Campos. O materialismo histórico-dialético e a Educação. **Interface — Comunic, Saúde, Educ**. UNESP: 1997.

PETERSEN, Paulo. *Agriculturas Alternativas*. Org.). **Dicionário da educação do campo**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio: Expressão Popular, 2012. p. 42.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2007. 107 p.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2014. (Coleção Primeiros Passos) 112 p.

RODRIGUES, Jéssica do Nascimento; GUIMARÃES, Mauro. R. As contribuições marxistas à educação ambiental (ea) crítico-transformadora. **Educ. Públ.** Cuiabá, v. 20, n. 44, p. 501-518, set./dez. 2011.

ROOS, Djoni; FERNANDES, Bernardo Mançano. **Territorialidades e diferentes vozes das conflitualidades**. In. *Vozes do campo: ressignificando saberes e fazeres / Organizadores Jara Lourenço da Fontoura, Mauro Dillmann, Graziela Rinaldi da Rosa e Berenice Vahl Vaniel*. 2. ed. – São Leopoldo: Oikos, 2016. 200 p.; 16 x 23 cm. E-book ISBN 978-85-7843-591-2

SAMPAIO, Carlos Alberto Cioci. Gestão que privilegia uma outra economia: ecossocioeconomia das organizações. Blumenau: Edifurb. **Revista da Fae**(2010). 128 p.

SÁNCHEZ GAMBOA, Silvio. **Epistemologia da pesquisa em educação**. São Paulo: Papyrus, 1996. 155 p.

SCHIMITH, Laís Gumier; RAMOS Fabrício Oliveira Ramos, REMIDIO, Rayssa de Cássia Almeida. **Educação ambiental e música: estudo de atividades baseadas no diálogo, participação e valorização do aluno do ensino fundamental**. 7º Congresso Brasileiro . Extensão Universitária. 2016: Universidade Federal de Ouro Preto. <https://www.eventsystem.com.br/admin/arquivos/7cbeu/submissoes/anais/caa236461a1fa364a439aead18e8f8fb.pdf>. Acesso em 22 set. 2018.

STALLONI, Yves. **Os gêneros literários**. Tradução e notas Flávia Nascimento. 4ª ed. – Rio de Janeiro; DIFEL, 2014. 187 p.

SILVA, Denise Gomes da. **A importância da música no processo de aprendizagem da criança na educação infantil: uma análise da literatura**. TCC, Graduação em Pedagogia- Universidade Estadual de Londrina, 2010, P.1-42.

SILVA, João Carlos. Educação e alienação em marx: contribuições teórico-metodológicas para pensar a história da educação, unioeste. **Revista HISTEDBR** On-line, Campinas, n.19, p.101 - 110, set. 2005 - ISSN: 1676-2584.

SOARES, Ivanilza Formiga; MELO, Alana Candeia de; CHAVES, Alan Dél Carlos Gomes. **A agricultura familiar**: Uma alternativa para o desenvolvimento sustentável no município de Condado – PB INFOTECNARIDO (Mosoró – RN – Brasil) v.3, n.1, p.56-63, janeiro/dezembro de 2009 <http://www.gvaa.com.br>

SORRENTINO, Marcos. De Tbilisi a Tessaloniki, a educação ambiental no Brasil. In: JACOBI, Pet al (Orgs.). **Educação, meio ambiente e cidadania**: reflexões e experiências. São Paulo: SMA. 1998. p.27-32.

SOUZA, Antônio Lisboa Leitão de; GONZAGA, Magnus José Barros. O materialismo histórico dialético na pesquisa em educação ambiental. **Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient.** E-ISSN 1517-1256, v. 31, n.1, p. 138-152, jan./jun. 2014.

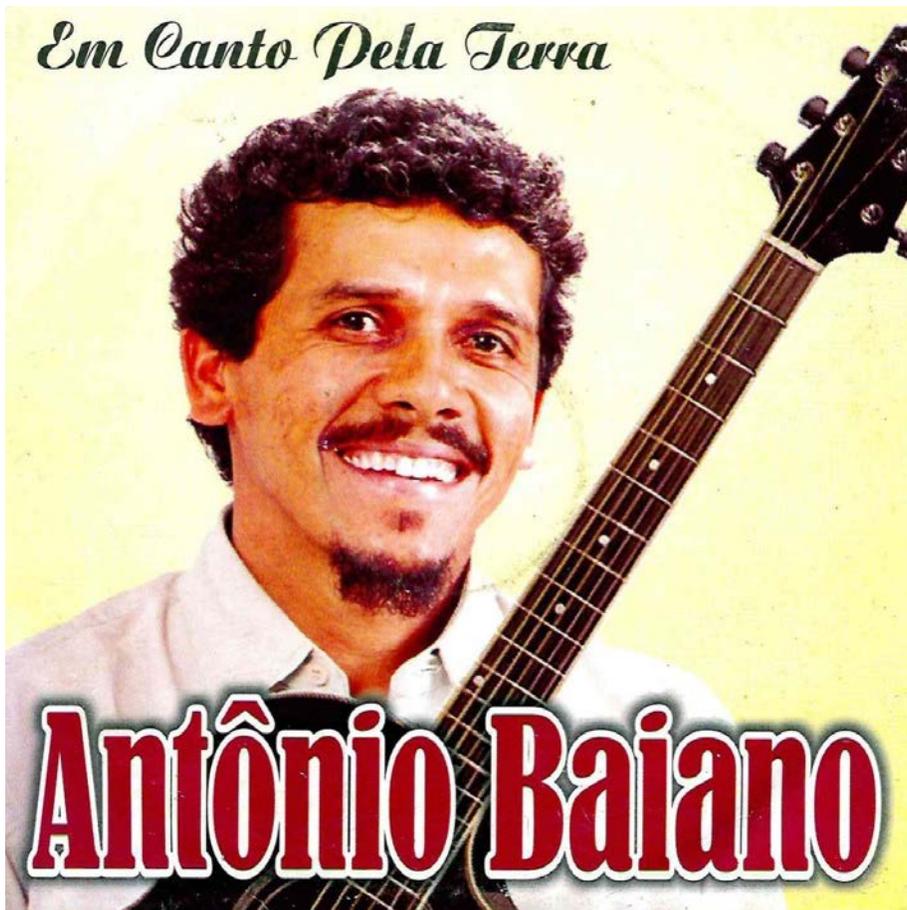
SOUZA, Edimilson Rodrigues. Crônicas da morte revivida na luta: uma etnografia da Romaria dos Mártires da Caminhada em Ribeirão Cascalheira (MT). Brasil. **Etnográfica**, junho de 2016. 20 (2): 339-362.

AJBER, Rachel. Cidadania e consumo sustentável: nossas escolhas em ações conjuntas. - In: MELLO, Soraia Silva; TRAJBER, Rachel. (Coord.). **Vamos cuidar do Brasil**: conceitos e práticas em educação ambiental na escola. Brasília: Ministério da Educação: Ministério do Meio Ambiente: UNESCO, 2007. p. 144-151.

TRES, Deysi Regina; REIS, Ademir; SCHLINDWEIN, Sandro Luis. A construção de cenários da relação homem-natureza sob uma perspectiva sistêmica para o estudo da paisagem em fazendas produtoras de madeira no planalto norte catarinense. *Ambiente & Sociedade*. *Print version* ISSN 1414-753X **Ambient.** soc. vol.14 n.1 São Paulo Jan./June 2011.

ANEXOS

ANEXO I – LETRAS DO CD *EM CANTO PELA TERRA*.



L1 – Lamento do povo

O que posso fazer meu Pai?

Clamando pela posse da terra
No campo milhares estão
Esse grito está incomodando
A quem sempre viveu
Da exploração

O que posso fazer?

O que tenho a dizer meu Pai?

**Que se faça justiça,
Repartam as terras,
Partilhem o pão,
Entre nós filhos teus.**

Não posso mais enumerar
Os mártires desse país
Na roça e também na cidade
Só vê crueldade
Correm rios de sangue.

A quem serve a lei e o poder
A polícia e a constituição
Assassinam sem piedade
Permanecem impunes nessa nação

Passo a passo fazemos caminho
Sempre em busca de organização
De mãos dadas sigamos em frente
Formando a corrente pra libertação

L2 –A humanidade e o universo

A vida tem tudo pra se curtir e apreciar
Tem a terra, o nosso céu e tem o mar
Tem o sol, tem a lua, até o ar.

O tempo vai passando, o povo se evoluindo
A tecnologia aumentando e o verde se acabando
E a tendência é acabar com a terra, o nosso céu
Até o mar
Com o sol, com a lua até o ar

A terra não é mais um dom pra se zelar
Não tem mais a função social
É o latifúndio que está a imperar
E a tendência é acabar com a terra, o nosso céu
Até o mar
Com o sol, com a lua, até o ar

//lá, lá uê, lá, lá uê

L3 – Lamento do Cerrado

Eu canto defendendo a árvore
Belo ornamento da mãe natureza
Lamento o nosso Cerrado, todo destruído
Choro de tristeza!

Quem chora assim como eu
É a passarada sem poder chocar
Não pode fazer serenata, não canta pra noite
Trazer o luar.

**E a gente não vai aguentar
Viver sem a vegetação
E morre o cabloco do mato
Onde a natureza é sua religião.**

Recordo o pé de mangabeira
O pé de carvoeiro, nosso bom pequí
Cortaram o pé de jatobá
Nem mesmo o pau-terra se encontra aqui.

Os bichos de nosso cerrado
Quati, a raposa e o lobo guará
Tatu, viado , onça pintada
Perdeu sua morada o tamanduá

L4 - Minha terra sumiu

Meu povo tinha terra, podia plantar
Colhia alimento, matava sua fome
Tinha casa de sobra
Meu povo tinha nome

Até mesmo meu pai era fazendeiro
Puxador de reza de lá do sertão
Era respeitado, eu posso falar

Mas a propaganda da televisão
Que fala insistente que tem que poupar
Levou o meu pai a terra vender
Agora é na cidade que tem que sofrer
// A terra é sagrada até pro peão
Lá dá com fartura o arroz e o feijão
Lá tem o ar puro sem contaminar
Eu pergunto meu pai que herança me dá?
Você não tem terra e a poupança sumiu
Hoje é boia fria, vai ter que aguentar
A terra é sagrada, não saia de lá
Conselho de amigo, a terra é seu lar (bis).

L5 – Vida brasileira

O meu país é do tamanho de um continente
Tem muita gente que não tem onde morar
É uma pobreza tão grande, é eminente
Eu já vi, foi muita gente morrendo sem alimentar

Cinco por cento da nossa população
Estão vivendo na ilha da fantasia
Lá tem banqueiro, empresário, presidente e a cia
Tem magnata no covil da burguesia

**// Segura essa companheiro, venha cá
Ssse maluco está querendo nos mudar.**

Fiquei sabendo que temos uma fiança
A responsável da injustiça social
Pois tudo aquilo que a gente tem produzido
Manda pro estados unidos pra manter o capital.

Como não sobra pra nós do Brasil comer
Passamos fome, vivendo numa agonia
Trabalhador com seu minguado salário
Não sabe como vai sustentar a família.

A gente vive sem lenço e sem documento
Somos tocados pra cidades, capitais
A violência aumenta á luz do dia
E todos viram vagabundos na boca da burguesia
E o governo inventado por nossa televisão
Faz o povo explorado aplaudir sua mordomia.

L6 – Grito de paz

Vamos acabar com rumores de guerra

Que haja paz em todo canto da terra.

// Igualdade, paz e união

Será de novo o canto dos povos

Quem foi que disse que temos que acabar

Com a natureza e toda a plantação

Agora falam em ecologia

Virou mania, será a solução

Só tem fumaça, poluição

Quem é culpado pela destruição?

A nossa vida tende a se acabar

Pela violência, fome e exploração.

Se a ONU fala, é brincadeira.

Estoura guerra em todas as fronteiras

O imperador e o presidente?

A juventude morre indigente!

Se a gente vive, cria utopia

A esperança tende a renascer

A liberdade será direito

Transforma a dor que trazemos no peito

Haverá dança e fantasia

O povo canta e samba de alegria.

L7 – Por quê?

Por que que a vida inteira eu vivo só de pensar
Se são muitos projetos e nenhum posso assinar
Só eles lá por cima têm direito de votar?
// Eu não sei por quê?

Por que que a ONU lança um tema universal
E esse é divulgado, publicado em quase todo
Jornal
Mas ninguém dá bolas no que foi dito por lá
// Eu não sei por quê?

Por que que o brasil doou terra pro Japão
Deixando brasileiro sem ter terra pra plantar
E isso gera guerra e ninguém pode reclamar
// Eu não sei por quê?

E agora me pergunto no que eu posso fazer
Responder as perguntas que não pude formular
São tantas dessas coisas que ninguém pode dizer
// Eu não sei por quê?

Eu quero te dizer, eu quero te falar
Mas já querem me calar
// Pois eu sei por quê?
// Eu já sei!

L8-Brasil livre

Somos guerreiros na luta pela terra
Porque queremos um Brasil de brasileiros
De mãos dadas com muita valentia
Rompendo as cercas pra vir o grande dia

**Vamos em frente com decisão
Reforma agrária e participação
Cidadania é nosso grito,
Lutamos juntos por terra, casa e pão!
Trabalhadores engrossem as fileiras
E transporemos as cercas d exclusão
Acampamentos vão se formar
Em todo canto pra terra conquistar!**

Nos almejamos agricultura forte
Que tenha crédito, que possamos plantar
Defendendo com determinação
Que a agricultura seja familiar

**Trabalhadores engressem as fileiras
E transporemos as cercas d exclusão
Acampamentos vão se formar
Em todo canto pra terra conquistar**

Se trabalhamos como assalariados
Queremos nossos direitos respeitados
Vamos unidos campo e cidade aos mil
//Gritamos juntos, terra livre brasil

L9 – Romaria esperança

O povo pobre se reúne em romaria
Pra ver de novo a terra em suas mãos
Vem caminhando, de ônibus e caminhão
Traz a certeza da conquista de seu chão.

Em romaria canta bendito

Faz a memória do sangue de companheiros

Anima a luta, lança projeto

Para acabar com latifúndio brasileiro.

Reforma agrária é a bandeira principal
A muito tempo deus do céu nos ensinou
que toda terra deverá ser repartida
Pra dar comida pro povo trabalhador

E consciente dessa grande exploração
O povo pobre no brasil se despertou
Ocupa a terra, faz a casa e plantação
Pra ver cumprida a obra do criador.

E acreditamos que isso vai acontecer
E o povo novo viverá em liberdade
Nas romarias farão festa pra fartura
É vida nova, é nova sociedade.

L10 – Romaria da terra

Romaria da terra, faz o povo arreunir Numa luta sem guerra, nós lutaremos por ti.

A terra é sagrada, feita por nosso Senhor
Ele fez e deu ao homem e também lhes ensinou
Que é nela que vivemos e a ela abençoou
É tão linda a natureza, é obra do Criador
E Deus deu a inspiração,
O homem fez a plantação
Foi assim que começou.

Mas no passar do tempo,
Que o povo aumentou
Começou a ambição
E a terra negociou
Uns compravam e outros não
E a força eles tomou
Fazendeiros e jagunços,
Matando os trabalhadores
As famílias que eram donas,
Hoje vivem ao abandono
E sem suas terras ficou.

Amigo trabalhador, veja a nossa situação
Nós queremos trabalhar e não temos condições
A terra que era nossa, hoje é toda do patrão
Desemprego na cidade virou uma maldição
Precisamos nos unir e nós vamos resistir
Por a terra em nossas mãos.

L11 – Vamos caminhar em romaria

Vamos caminhar em romaria
Vamos caminhar com o teu povo!
//sejam nossos dons distribuídos
Para construir o mundo novo!

Romaria da terra, romaria do amor
Romaria de um povo sofredor!
Romaria de deus, romaria da vida
Romaria da moradia

Hoje nesta santa romaria
Vamos caminhar pra ter de novo
// vida, terra, pão e moradia
Este é o clamor do nosso povo

Sempre caminhando em romaria
Para transformar as nossas vidas
// onde dois ou mais então presentes
Prova de amor é oferecida!

L12 – Seresteiro triste

O frio que queima na pele
Na pele de quem quer cantar
Cantando uma melodia triste
Retrato do meu mau passar
E as horas quem dizem pra mim
É a brisa do amanhecer
Que tenta assanhar meus cabelos
Fazendo – me adormecer

**Que canto tristonho e doído
Saído do meu coração
É vida que vai consumindo
Nas mágoas de uma grande paixão**

E a lua se apressou de repente
Em busca do seu grande amor
Deixando comigo as estrelas
Mostrando a todos minha dor
Mas a alegria que sinto
É ver as estrelas brilharem
Sabendo que elas são tão belas
E quiseram comigo ficar

A sua janela não abre
Nem mesmo uma luz a piscar
Pra dizer que estás ouvindo
O teu cantor a cantar
E o meu violão já molhado
Com lágrimas que é pranto de amor
Se queres me ver feliz
Volta pra mim meu amor.

L13 – Tempo pra alma

Cinco zeros menos oito, todo dia e hora vejo
Reclamar
Contas tudo sociedade, só se vê maldade
Não se faz luar
Brinca sempre, faz de contas
Tudo recomeça no mesmo lugar
Muita gente sem passado, apaga a memória
Não posso aceitar.

**Sinto, que a natureza, vejo com surpresa
Também seu passar
Ando por todos lugares, vejo rios e mares
Sempre a reclamar
// Amo a vida, a poesia, não tenho alegria
Não posso sonhar.**

Quantas contas mal somadas, repare senhora
Tente recordar
Morre gente nessa hora, solidariedade!
Não posso ajudar
Mil amores, só besteira, tento mil maneiras
Não posso aceitar
Será que existe utopia, terá novo dia,
Tempo pra amar.

L14 – Sal e luz

**Vós sois o sal da terra
E a luz de cristo também
// Se o sal perde o sabor
O reino dele não vem (bis)**

O sal que vem da ternura
O sal que traz o sabor
O que que nos faz irmãos
Que é vida na paz e no amor
A luz da sabedoria
A luz que mostra o caminho
A sarça que não se consome
O fogo da libertação

O sal que traz a igualdade
O sal na mesma comida
O sal que traz o sabor
Na vida que brota mais vida
A luz da estrela guia
Mostrado-nos a direção
A luz que guia o oprimido
Pra terra que faz brotar pão

O sal que traz a esperança
Pro jovem desempregado
O sal da cidadania
Que vem da nova mulher
A luz das frias manhãs
Do povo trabalhador
A luz nos olhos da gente
Que sente com quem sente dor.

L15 – Voz de criança

Eu sou uma criança feliz
Porque você me criou
Eu sinto alegria na vida
Porque para o mundo eu sou como uma flor.

**//A vida é assim, eu vou viver
Se sou feliz, agradeço a você**

Você não sabia meu nome
Nem mesmo se eu existia
Mais hoje sou conhecida
Já vivo pra vida
Porque você quis me amar

Eu quero dizer obrigado
De todo o meu coração
Por você está aqui comigo
E por ti sentir como irmão.

L16 – Mãos na massa

Ponha suas mãos na massa
Venha participar
Da festa recriação
No mundo que deus nos dá.

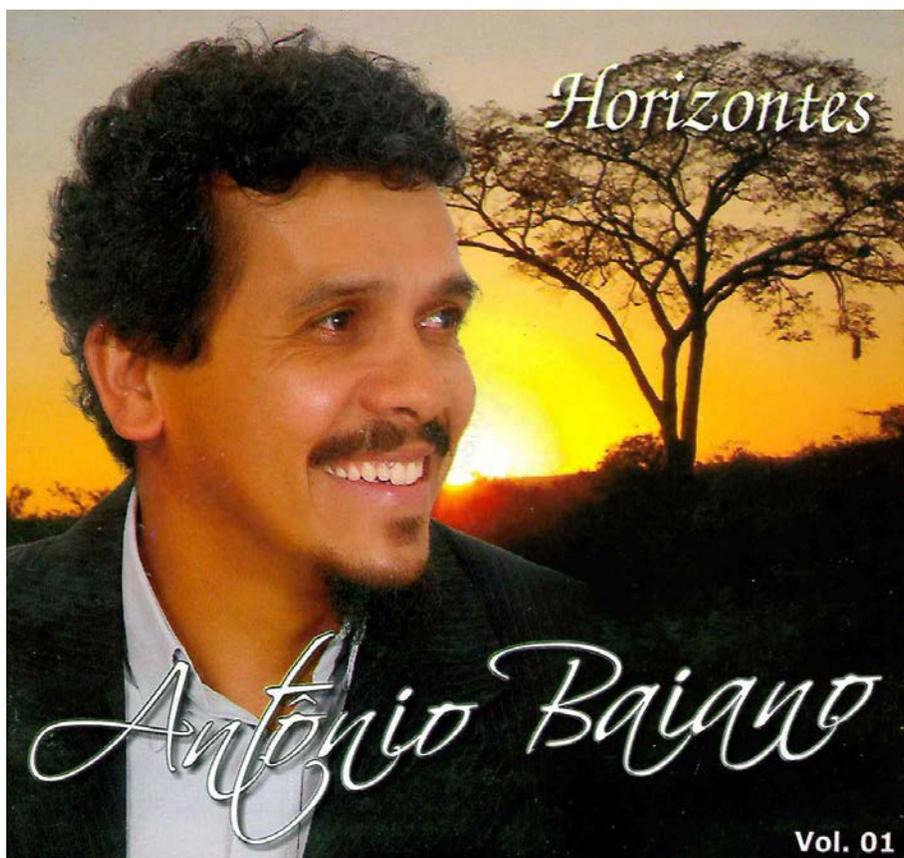
**E quando você chegar irmão
Encontrará outras mãos
A vida e a esperança será
Fermento, libertação**

Andando pelo brasil
Fincamos marcos na estrada
De norte a sul, nossa gente
Vem firme na caminhada

Gente de rostos distintos
Unamos em mutirão
Criando cidadania
Com festa e celebração

E o reino será presente
Os santos se encontrarão
Na nova comunidade
Vitória, ressurreição.

ANEXO II – LETRAS DO CD *HORIZONTES*.



L17- Vem celebrar (Antônio Baiano)

Vem celebrar / vem louvar o senhor celebrar
a partilha do amor
Em comunidade / vem celebrar
Vivendo na irmandade / vem louvar o Senhor
Com todos os oprimidos / vem celebrar
Na fraternidade / vem louvar o Senhor

Com sede de justiça / vem celebrar
De coração sincero / vem louvar o Senhor
Na busca paz / vem celebrar
Com sede de amor / vem louvar o Senhor
De todas as maneiras / vem celebrar
Vivendo horizontes / vem louvar Senhor
Na solidariedade / vem celebrar
Trazendo esperanças/vem louvar o Senhor

L18 - Eu sou capaz (Antônio Baiano)

Eu sou capaz de transformar o mundo
Em um segundo, poder pensar
Eu sou capaz de mudar meu país
Ver a justiça recomeçar
Pois a justiça é requisito, está escrito
Só praticar

Eu sou capaz de reunir os povos
Em mutirão pra transformar
Eu sou capaz de quebrar as cangas
Impedimento pra caminhar
Pois estas cangas são as manobras
Que tem de sobra a atrapalhar

Eu sou capaz de vencer a fome
Que mata o homem e a mulher
Eu sou capaz distribuir as terras
Que vive em guerra no meu país
Este país, é uma beleza, a natureza
Assim Deus quiz.

E cantaria um dia um ano inteiro

Cantando a paz gritando amor
Serras campos rios e mares
Que nos convidam a ser feliz

// Depois de tudo / somos capazes...

L19 - Coisas da vida (Antônio Baiano)

Meu pai me deu educação / não tenho diploma na mão

Fico a ver televisão

// Mas hoje o meu pai já morreu / e quem tem que pagar sou eu

Mais hoje o meu pai já morreu / e quem tem que viver sou eu

Meu pai fazia exigência/ não me encha a paciência

Do quartel tive dispensa

// Mais hoje o meu pai já morreu / e quem tem que pagar sou eu

Mais hoje o meu pai já morreu / e quem tem que viver sou eu!

Meu pai pensou no meu futuro preferi andar no escuro

Detestava ficar duro

// Mais hoje o meu pai já morreu / e quem tem que pagar sou

Mais hoje o meu pai já morreu / e quem tem que viver sou eu

Eu reclamo pra juventude / for favor você me ajude

Não me deixe sucumbir

// Pois hoje meu pai já morreu

O meu pai já morreu / e quem tem que viver sou eu!!

Eu peço pra você que sonha / nunca vá fumar maconha

Nunca seja um sem vergonha

Pois hoje meu pai já morreu / e quem tem que pagar sou eu

Pois hoje o meu pai já morreu / e quem tem que viver sou eu!!!

L20 - Profeta Elias (Antônio Baiano)

O profeta Elias / o homem de Tesbi
Homem de outrora / no tempo de Acab
Foi boca de Deus / lá em Israel
Foi homem dos pobres/ foi homem de Deus.
// Seu Deus é Javé / o Deus da esperança
Que ouve o teu povo e tráz confiança (bis)

Homem obediente / a Deus quis ouvir
Diante da morte nunca tremeu/ falava a verdade

Gritava sem medo
E mostrava sempre o verdadeiro deus

Diante de Acab / orei opressor
Sem temor a deus / só ódio, ganância.
Dizia a verdade / sem amedrontar
Pois vem do Senhor a eterna vingança

Conclamou Elias / o povo em Israel
Mostrou que Javé o Deus presente
Que ouve o clamor / do povo oprimido
É pai e senhor do pobre esquecido.

Nós somos profetas / temos que atuar
Dar grito sem medo / contra a opressão
Que mata o pobre / que vive explorado
Liberta senhor / teu povo amado.

L21 - Hoje estarás comigo no paraíso (Antônio Baiano)

O cristo juventude / ao povo desperta
Morre entre os excluídos e a vitória é certa
Hoje estarás comigo no paraíso!

Foi ele quem defendeu / todos os humilhados
Derrubou os poderosos / elevou os pobres
Hoje estarás comigo no paraíso!

Sua cruz é liberdade / fim da escravidão
Resgata a cidadania / faz cidadão
Hoje estarás comigo no paraíso!

Se doente e preso / cego ou explorado
Levanta a cabeça / siga organizado
Hoje estarás comigo no paraíso!

Vida em abundância / terra paraíso
Façamos louvação / a deus é preciso
Hoje estarás comigo no paraíso! (bis)

L22 - Vem mulheres (Antônio Baiano)

Quero mulheres descobrindo o ser mulher
Quero mulheres envolvendo o meu país

De mão em mão, fazendo a reconstrução
Quero mulheres trazendo a libertação

// O vêm mulheres, vem se encontrar
Encontre forças, precisas te libertar (bis)

Quero mulheres refazendo a nossa história
Quero mulheres força, determinação
Gestando a vida num projeto de igualdade
Quero mulheres defensoras da verdade

Quero mulheres fazendo organização
Quero mulheres numa nova educação
Está na hora de conquistar seu espaço
Quero mulheres num país mais cidadão

L23 - Reconstrução (Antônio Baiano)

Papai estou a recordar toda a minha história
As coisas que tu me ensinaste para aprender viver
Tudo foi bom/foi bonito / aprendi de você
A casa, a família, as irmãs, as manhãs, as manhãs
Tento compreender...

Filho tenho ouvidos atentos / quero ouvir você
Eu disse que existe harmonia / o amor, alegria
Como dom pra viver
E é isso que eu quero e desejo / em você tudo vejo
Vejo reflorescer

Papai dei uma volta na rua / andei pela cidade
Nesta sociedade tive decepção
Não ví a solidariedade, percebia maldade vejo
Competição
Pergunto pela juventude/vida em plenitude
Perco a direção.

Geste comigo a história / não se perca a memória
Sonhe em mutirão..
Construa dos pedaços que sobram/novos jeitos e
Formas
Um mundo de irmão.

**//Muitos hão de fazer morada / é hora da virada
Faça reconstrução (bis)**

L24- Nova romaria (Antônio Baiano)

Nós precisamos todo dia/ terra e água fria

Pra sobreviver

Contemprar a natureza / ter o pão na mesa

Pra poder comer

//E caminhando em romaria/ hoje todo dia

Para defender

// A terra, a água, a natureza / justiça e beleza

Hão de florescer! (bis)

A gente, todo ser humano / não cometo engano

Posso lhe dizer

Somos terra e água junto / todo esse conjunto

Também é você!

Oh filho, a mãe, família / veja a maravilha

No entardecer

A terra, a água poluída / acaba com a vida

Pra mim e pra você

Viva a sua liberdade / o campo, a cidade sua

Moradia

Cuidemos de nosso ambiente pros bichos e pra

Gente sentir alegria

L25- Sou catequista (Antônio Baiano)

Faz muito tempo que o Cristo veio ao mundo
Não me esqueço um segundo daquilo que ele ensinou
Suas palavras, suas ações e sua vida
Para quem era oprimida / demonstrou tamanho amor

Sou catequista, vou ensinar

Para jovens e adultos e pra quem quer escutar (bis)

O nosso mundo hoje está globalizado
Oferta pra todo lado/ de bens e religião
Tem propaganda no campo e na cidade
Mas escondem a verdade de cristo para os irmãos

Desde criança, sempre tive consciência
Deus me deu inteligência/ eu quero participar

quero aprender a verdade revelada / lendo a
Bíblia sagrada
Nesta luz quero andar
Vou compreender a sua realidade / no campo e
Na cidade
Pra poder comunicar
Falar de sonhos, resgatara esperança
Na igreja comunidade / a justiça vai reinar
Juntos todos neste grande mutirão
Vivendo na comunhão / praticando a igualdade
Seguindo cristo, testemunha da verdade
Pela força do amor / formando comunidade.

L26 - Nova escola (Antônio Baiano)

Somos escola família / que sonha prosperidade
Produção na propriedade
Por isso sua filosofia / sua pedagogia é
Integração
Une teoria e prática / faz alternância na educação
Escola família
A escola que todos desejam / que a gente
Almeja pra ser cidadão
Escola família / um jeito novo de aprender / de
Saber viver
Nova educação

Quem vive essa pedagogia / unindo escola e
Família
A teoria se torna prática / prática educação
Pai e mãe se tornam mestres / na vida faz
Construção

Essa semente plantada / na agricultura
Familiar
Faz nascer nova esperança
Na escola comunitária / nova semente a brotar
Educação libertária / o lema é participar

L27- Terra conquistada (Antônio Baiano)

Já conquistei a terra / Brasil é meu país
A roça, a moradia / hoje estou mais feliz
Semente, terra e água / é força, é produção
// é terra partilhada, terra abençoada,
Mesa do meu pão (bis)

Carrego minha história / dentro do coração
O grito a marchaa rua / palavras meu refrão
Bandeira, foice, enxada / formaram meu brasão
// com a companheirada / ganhei a estrada
Conquistei meu chão (bis)

Na terra conquistada, / hoje sou aprendiz
Tenho minha família / é planta com raiz
Cuidar da fauna e flora / manter a produção
// cidadania é terra / vencendo a guerra
Contra a exploração (bis)

L28 - Terra prometida (Antônio Baiano)

1-Em busca de uma promessa / pronunciada por deus Jávê
Um povo de peregrino, marcha confiante ao teu altar
Orando e pedindo a Deus que tenha terra para plantar
Não deixe senhor dos pobres, teu povo santo se acabar
// Viemos para buscar / uma terra pra plantar
Trazemos nossa semente / no chão da gente vamos semear
(bis)

2-A história das escrituras nos tem contado do povo hebreu
Vivendo a triste sina que o cativo o submeteu
Mas e encontraramsaída ganhando a vida com deus Jávê
Fugiram para o deserto, pra terra fértil com muita fé.

3- Estamos num continente com muita gente na escravidão
Vivendo nos grandes centros sem ter ao menos onde morar
Perderam as suas terras, pra triste sina arrancaram o chão
E o grito do povo pobre nem sempre é ouvido pela união.

4- Por causa dessa labuta o povo luta pra se libertar
Unindo no sindicato, em outras formas de organização
A minoria abastada planeja a morte pela repressão
O sangue de cada mártir traz esperança de libertação.

L29 - Hino da pastoral da terra (Antônio Baiano)

Somos pastoral da terra, nas baixadas e nas serras
Sendo presença solidária / vivendo o ecumenismo
Com os pobres desta terra

// Com profecia, fraternidade

É missão transformadora pra mudara sociedade (his)

Pela força do evangelho / trazendo a libertação
Pela vida e esperança / homem, mulher e criança
Terra e água com os irmãos.

Carregamos nossos mártires,
Como um bem motivador
Com espiritualidade / pra ver o protagonismo
Do povo trabalhador

Nossa metodologia, visa a participação
Ser profeta como povo, lutar por um mundo novo
Com Jesus nosso irmão

A degradação da natureza, em decorrência das ações antrópicas desperta para a necessidade de que sejam adotadas medidas que possam minimizar a falta de cuidado com o planeta. Nesse cenário, adquire relevância o papel da educação, no contexto da formação de indivíduos com consciência ambiental, assim como é despertada especial atenção para os docentes das mais variadas disciplinas, no que concerne à disseminação de atitudes sustentáveis. O presente livro aborda a Educação Ambiental, a ser trabalhada de forma crítica e reflexiva, — a partir da valorização da riqueza artística presente na musicalidade popular, — conforme a legislação em vigor no Brasil. O objetivo principal desse livro foi analisar o conteúdo e as potencialidades das músicas do compositor e cantor Antônio Baiano, na promoção de Educação Ambiental na formação de professores da Educação do Campo, com habilitação em Ciências da Natureza, tema da dissertação de mestrado da primeira autora, orientada pelo segundo. **Partes do texto do livro foram publicados nas revistas: Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental; Pesquisa em Educação Ambiental; Revista Amazônia: Revista de Educação em Ciências e Matemáticas; Revista Revista Expressão Católica.** Constatou-se que o discurso presente nas músicas investigadas contribui para a promoção da Educação Ambiental, e a musicalidade popular, aqui representada por Antônio Baiano, traz uma grande contribuição para a academia, ainda que os profissionais de educação desconheçam a tônica ambiental em sua totalidade, e pouco utilizem a música como ferramenta didática em sala de aula. A música de Antônio Baiano une perfeitamente com a teoria de Marx quanto à questão do capitalismo, que rege toda sociedade e gera desigualdade social e destruição da natureza. O livro finda-se demonstrando a necessidade de se desenvolver estratégias pedagógicas que sejam capazes de incentivar tanto os educandos quanto os professores de Educação do Campo a discutirem, efetivamente, os aspectos relacionados à Educação Ambiental no ambiente escolar.

Com o objetivo e empenho dessa obra ser acessível à TODOS os autores abdicaram de seus direitos autorais, e presenteiam a todos que tenham interesse pela temática com *download* gratuito completo da obra. **O livro é gratuito e pode ser baixado na versão e-book no site da editora Kelps no seguinte endereço <https://www.kelps.com.br>! Boa Leitura!**

Linha: LEITURA, EDUCAÇÃO E ENSINO DE LÍNGUA MATERNA E CIÊNCIAS DA NATUREZA
https://mestrado_educacao.catalao.ufg.br/

